

Cadernos de apoio e aprendizagem

LIBRAS

5^o
ano



PROGRAMAS: LER E ESCREVER / ORIENTAÇÕES CURRICULARES

2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de
Orientação Técnica.

Cadernos de apoio e aprendizagem: Libras – 5º ano (livro do professor) /
Secretaria Municipal de Educação – São Paulo : SME / DOT, 2012.

144p. : il.

Bibliografia

ISBN: 978-85-60686-70-4

Acompanha DVD

1.Educação Especial I.Título

CDD 371.9

Código da Memória Técnica: SME46/2012

Prefeitura da Cidade de São Paulo

Prefeito
Gilberto Kassab

Secretaria Municipal de Educação

Secretária
Célia Regina Guidon Falótico

Secretário Adjunto
João Thiago de Oliveira Poço

Diretora da Assessoria Técnica de Planejamento
Sueli Aparecida de Paula Mondini

Diretora de Orientação Técnica
Regina Célia Lico Suzuki

Divisão de Orientação Técnica Educação Especial

Silvana Lucena dos Santos Drago

Adriana Sapede Rodrigues

Auta Adelaide Constantino Aihara

Luci Toreli Salatino

Monica Conforto Gargalaka

Monica Leone Garcia

Raquel Gomes

Sueli de Lima

Educação Infantil

Yara Maria Mattioli

Ensino Fundamental e Médio

Suzete de Souza Borelli

Educação de Jovens e Adultos

Rosa Maria Laquimia de Souza

Diretores Regionais de Educação

Eliane Seraphim Abrantes, Elizabeth Oliveira Dias,

Hatsue Ito, Isaías Pereira de Souza, José Waldir Gregio,

Leila Barbosa Oliva, Leila Portella Ferreira,

Lucimeire Cabral de Santana Freitas,

Maria Antonieta Carneiro, Marcelo Rinaldi,

Silvana Ribeiro de Faria, Sueli Chaves Eguchi,

Waldecir Navarrete Pelissoni

Equipe técnica de apoio da SME/DOT Educação Especial

Ari Osvaldo de Oliveira Silva

Jucelia de Paula Medeiros Malaquias

Concepção do Projeto

Silvana Lucena dos Santos Drago

Adriana Sapede Rodrigues

Mônica Conforto Gargalaka

Elaboração

SME/ DOT Educação Especial

Organização

Profa. Dra. Maria Cecília de Moura

Colaboradores – Equipe de Conteúdo

Aldeis Paula de Almeida

Amandine Alpha Marie Lorthiois

Ana Claudia Fossati Mota

Ana Cristina Camano Passos

Ana Luiza Pedroso de Lima

Sylvia Lia Grespan Neves

Colaboradores

Profa. Dra. Ana Cláudia Lodi

Profa. Dra. Ronice Müller de Quadros

Profa. Dra. Tanya A. Felipe

Amarilis Reto Ferreira

Ana Cláudia dos Santos Camargo

Katia Cerniauskas

Maria Aparecida Casado

Maria Izilda Ricetti Fernandes

Mônica Conforto Gargalaka

Patricia Barbosa da Silva

Sabine Antonialli Arena Vergamini

Sandra Regina Leite de Campos

Solange Schimitz Saraiva

**Agradecimento a todos os profissionais
que atuam na educação de surdos que
contribuíram para a realização deste material.**

Produção Editorial

Áurea Editora – www.aureaeditora.com.br

Direção Executiva

Dirceu Pereira Jr.

Coordenação

Andrea Iguma

Administração

Claudia Barbosa Pereira e Rosana Cristina Gutierrez

Supervisão e Revisão Libras

Eduardo Sabanovaite e Sylvia Lia Grespan Neves

Revisão Língua Portuguesa

Milton Bellintani

Diagramação Eletrônica

Marcos Veras e Bruno Matos

Produção Fotográfica de Libras

Gabriela Benvenuti Arruda

Ilustrações

Rogério Michieli

Tratamento Fotográfico de Libras

Andrea Iguma

Modelos Fotográficos

Cristiano Koyama, Henrique Almeida, Leandro Abud
Fonseca, Mikaelly Cavalcanti, Sueli Sakamoto Sabanovaite

Prezado professor,

Os Cadernos de Apoio e Aprendizagem - Libras, destinados aos estudantes do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, tem como finalidade contribuir para o trabalho docente visando à melhoria das aprendizagens dos alunos dentro da perspectiva bilíngue de educação de surdos.

Sua elaboração teve como critérios para seleção dos conteúdos o alcance das expectativas de aprendizagem contidas nos documentos de Orientações Curriculares e Proposição de Expectativas de Aprendizagem para o Ensino Fundamental - Língua Brasileira de Sinais, organizado por especialistas da área da surdez e coordenado pela Diretoria de Orientação Técnica – Educação Especial.

Destacamos que as atividades propostas foram elaboradas para favorecer aos alunos uma reflexão metalinguística sobre sua própria língua e para que usem ativamente seus conhecimentos na realização das atividades apresentadas.

É importante lembrar que esta obra não está recomendada como único recurso a ser utilizado para a aprendizagem dos estudantes. Ela deve ser complementada com atividades planejadas pelo professor, em função das características de sua turma, fazendo uso de outros livros didáticos, publicações da SME disponíveis nas escolas e de recursos digitais que você acreditar serem pertinentes para o avanço da aprendizagem de seus alunos.

Para cada ano de escolaridade foram produzidas sequências de atividades em Libras, gravadas em vídeo, e outras impressas contemplando alunos e professor.

Esperamos que a disponibilização dos Cadernos de Apoio e Aprendizagem - Libras para todos os alunos e professores possa contribuir para a construção de uma educação bilíngue de qualidade para surdos na Rede Municipal de Ensino de São Paulo.

Saudações

Secretaria Municipal de Educação de São Paulo

Índice

PARA INÍCIO DE CONVERSA...	9
ORIENTAÇÕES	11
A SALA DE AULA	12
A ESCOLA	13
A CULTURA SURDA	13
A FAMÍLIA	14
O PROFESSOR	16
ALUNOS SURDOS COM MÚLTIPLAS DEFICIÊNCIAS	18
BIBLIOGRAFIA	21
INTRODUÇÃO AO QUARTO ANO	23
UNIDADE 1 APRESENTAÇÕES	31
UNIDADE 2 JOGOS	43
UNIDADE 3 HISTÓRIAS	47
UNIDADE 4 ROTEIROS E MAPAS	87
UNIDADE 5 HISTÓRIAS DOS SURDOS	95
UNIDADE 6 PENSANDO SOBRE NOSSA LÍNGUA	105
UNIDADE 7 OUTROS TEXTOS	111
UNIDADE 8 CRIAÇÕES ORIGINAIS EM LIBRAS	117
ANEXOS	127

PARA INÍCIO DE CONVERSA...

Pensar na criança Surda* nos remete à questão da língua de sinais e de sua importância para o desenvolvimento social, cognitivo e psíquico. É pela linguagem que todos nós somos colocados no mundo e aprendemos a nos comunicar, a pensar e nos organizar interiormente. Para que tudo isso possa acontecer, precisamos de uma língua. E para a criança surda a língua de sinais é a que ela pode adquirir naturalmente e que lhe possibilita um desenvolvimento pleno e sem fronteiras.

No Brasil, a língua de sinais utilizada pela comunidade surda é reconhecida pelo governo federal pela lei 10.436, de 24 de abril de 2002, e regulamentada pelo decreto 5.626, de dezembro de 2005. Sua utilização nos ambientes escolares é recomendada pelo decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005, para que o surdo tenha a possibilidade de ter acesso ao conhecimento e possa se desenvolver de acordo com o seu potencial. A língua de sinais é uma língua visual e isso garante que o surdo, independentemente da perda auditiva, possa adquiri-la e se constituir como ser social, podendo pensar, opinar e adquirir a língua escrita da comunidade ouvinte.

É de extrema importância que a língua de sinais seja totalmente adquirida para que a criança possa dominá-la e se constituir como ser da linguagem. Somente com uma primeira língua solidamente adquirida é que a criança surda poderá aprender a sua segunda língua: a língua portuguesa.

Essa aprendizagem vai depender de suas habilidades numa primeira língua (no caso, a língua de sinais – Libras, no Brasil) como para qualquer criança bilíngue.

O grande desafio tem sido e é, até hoje, como propiciar essa aquisição da melhor forma possível. Se acreditarmos que a linguagem é desenvolvida no contexto social e imaginarmos que a criança Surda não tem acesso à língua de sinais por meio de interlocutores usuários e fluentes nesta língua no ambiente em que vive (pois a maioria é filha de pais ouvintes sem domínio da Libras), como a criança poderá adquirir a língua e desenvolver sua linguagem de forma a poder estar e se relacionar com o seu ambiente e usar a linguagem para se estruturar? Consideramos que esse é o papel da escola bilíngue para surdos.

Mas, como fazer isso? Algumas crianças chegam ao espaço escolar com um bom desenvolvimento de linguagem, tendo adquirido a Libras em outras escolas para surdos ou em outros ambientes. Outras podem não ter tido nenhum acesso à Libras e se encontrarem numa posição de grande déficit de aquisição de língua e, conseqüentemente, de linguagem. Tanto num caso como no outro, ainda que de forma diferente, há a necessidade de um trabalho específico que possibilite ou a aquisição da linguagem pela introdução da Libras ou a continuidade no desenvolvimento da mesma.

A criança ouvinte tem essa aquisição e desenvolvimento no contexto de suas relações sociais, no seu convívio diário com outros falantes de diferentes idades, estilos de conversação e gêneros de linguagem. Mesmo por meio da aquisição incidental da língua, a criança ouvinte desenvolve suas habilidades linguísticas e sua capacidade de desenvolver vários estilos e formas de conversar com os outros ou consigo mesma. Ainda assim, essas crianças ouvintes têm na escola atividades dirigidas para o seu aprimoramento linguístico. Para a criança Surda, a aquisição de uma língua e da linguagem deve ser propiciada e construída pelo espaço escolar. Torna-se necessário realizarmos um parêntese aqui, para tocarmos num aspecto muito importante: a família. Não se pode retirar o papel da família no desenvolvimento global e de linguagem da criança Surda. É de suma importância alertar e orientar a família para que também possibilite a aquisição de linguagem da criança, mas, normalmente, esse é um processo demorado por envolver aspectos psicológicos significativos e que devem ser levados em consideração quando se trabalha com a família.

Será no ambiente escolar que a criança terá condições de adquirir a língua e, conseqüentemente, de-

*A palavra “Surdo/a” está grafada com letra maiúscula para se referir ao indivíduo que, tendo uma perda auditiva, não está sendo caracterizado pela sua “deficiência”, mas pela sua condição de pertencer a um grupo minoritário com direito a uma cultura própria e a ser respeitado na sua diferença (MOURA, 2000).

envolver a sua linguagem da melhor forma possível, sem as restrições que normalmente estão presentes no ambiente doméstico (de natureza psicológica, como citamos anteriormente).

O problema que se coloca é: como fazer isso? De que forma propiciar um ambiente rico e estimulador para o desenvolvimento de linguagem da criança Surda? É importante reiterarmos que não se trata do ensino da Libras como código ou como mera repetição de Sinais. O que se deseja é que a Libras seja a primeira língua da criança para que ela possa se constituir como ser da linguagem: pensar, decidir, se organizar e organizar o mundo à sua volta. Enfim, ser um indivíduo ativo e atuante no seu ambiente, seja ele o doméstico, o profissional ou o social em um sentido mais amplo. Para que isso aconteça, a criança Surda precisa estar cercada de linguagem o tempo todo. Os adultos à sua volta, nas interlocuções dirigidas ou não a ela, os discursos de seus colegas, mais velhos ou mais novos, serão o modelo para que ela possa mais do que adquirir uma língua, adquirir seu status de falante e de ser comunicativo que pode influenciar o que acontece à sua volta.

Para isso, todos aqueles envolvidos na educação do surdo devem ter o cuidado de utilizar a Libras o tempo todo em que estiverem presentes seus alunos surdos, seja conversando com ouvintes ou com surdos. Uma sugestão é que o professor treine em situações informais, com colegas, a se comunicar por meio da Libras. Ele deverá se esforçar para que possa se habituar a essa forma de comunicação, que fará parte de sua vida sempre que estiver na escola, o que representa uma parte grande de seu dia.

Para que mudanças significativas aconteçam e novos hábitos sejam criados, é necessário persistência. Os colegas podem ajudar também. Peça para seu colega apontar quando perceber que você não está usando Libras. Acostume-se a não ouvir a sua própria voz. Quando estiver com seus colegas num ambiente em que não houver surdos, pode usar apenas o português, mas se no lugar em que você e seus colegas ouvintes estiverem existir surdos, use a Libras. A razão disso é que é muito importante que a criança Surda veja a Libras em diferentes contextos, não apenas quando a professora ou os colegas se dirigem a ela. É assim que a criança ouvinte apreende a língua: contextos e interlocutores diferentes, com idades diversas. Os assuntos devem variar também. Não se aprende conteúdos diversos apenas em situações moldadas para o desenvolvimento da linguagem. Na verdade, grande parte desse desenvolvimento se dá por escuta incidental, quando a criança acompanha a conversa de adultos, de seus irmãos, da televisão ou do rádio. A criança Surda não tem essa possibilidade e essa falta pode ser compensada na escola se todos se preocuparem em conversar usando a língua de sinais. A criança deve ter a oportunidade de saber opiniões diversas sobre os mais variados assuntos: a opinião sobre a qualidade da comida, as atividades programadas.

Faça um exercício e pense em tudo que uma criança ouvinte escuta durante o dia e que uma criança Surda perde. Possibilite que essas informações cheguem a ela. Não de forma intencional, mas de forma incidental. Isso possibilitará, mais do que o desenvolvimento de linguagem, uma ampliação de visão de mundo e a construção de um indivíduo mais crítico e conhecedor das diferentes formas de se estar no mundo. Pelo conhecimento incidental, opiniões são formadas, mundos são desenhados ainda que o professor não esteja se dirigindo diretamente ao aluno.

Além disso, é muito importante que no seu desenvolvimento linguístico, que não pode ser apartado do desenvolvimento cognitivo, social e psíquico, a criança possa saber que as pessoas usam estilos de linguagem diferentes conforme se dirigem a diferentes pessoas. A informalidade, a linguagem infantil, a expressão da raiva ou de outras emoções são capturadas pelas crianças nessas situações informais em que, apesar do discurso não lhes ser dirigido, o conteúdo passa a ser compreendido pela vivência e pela observação. Vocês vão verificar que algumas das atividades estão voltadas para o desenvolvimento da atenção visual, e é muito importante que isso possa acontecer. Interessante e divertido, mas o verdadeiro treino da atenção se dá pela possibilidade de estar envolvida por situações linguísticas significativas que fazem com que a curiosidade natural da criança seja aguçada e ela possa prestar atenção, mesmo quando não sabe que está fazendo isso.

Na verdade, todos os exercícios aqui contidos servem como uma aprendizagem que não deve deixar

de lado o que é mais importante: a relação comunicativa e afetiva que deve estar presente em todas as situações de sala de aula. A linguagem não pode ser construída de forma compulsória, mas apenas de forma natural e prazerosa. É assim que acontece com a criança ouvinte e é assim que deverá acontecer com a criança surda. É sabido que as situações que envolvem a satisfação e o brincar levam a uma aprendizagem mais duradoura – as relações sinápticas no cérebro se realizam de maneira muito efetiva, levando a uma real aquisição de linguagem.

ORIENTAÇÕES

As propostas aqui contidas podem e devem ser utilizadas para auxiliar no desenvolvimento da língua de sinais pelas crianças Surdas e foram planejadas de acordo com o desenvolvimento linguístico, cognitivo e psíquico das crianças considerando as diferentes faixas etárias, mas desejamos que fique muito claro que todas as situações são propícias para promover o desenvolvimento linguístico das crianças.

O professor tem um papel essencial na vida de qualquer criança e adolescente, até mesmo do adulto. É importante que o professor saiba de seu papel e da influência dele no desenvolvimento de seu aluno. Se isso é válido para a criança ouvinte, mais ainda o é para a criança Surda. É na escola que ela encontra uma língua que a respeita em sua diferença e um ou vários adultos (em uma situação ideal) com os quais pode se comunicar, trocar experiências e se tornar ser da linguagem e estabelecer relações. Nunca é demais repetir: é na escola, e com os interlocutores usuários da Libras, que ela poderá construir a sua identidade de forma íntegra e se desenvolver de forma plena.

Desejamos enfatizar mais uma vez que lidamos com crianças Surdas em desenvolvimento de linguagem, e que a escola bilíngue para surdos é o espaço privilegiado para que essa aquisição aconteça de forma plena. Mas, para que essa aquisição aconteça é necessário que os professores, orientadores, diretores, coordenadores, ou melhor, toda a equipe da escola, tenha clareza sobre qual concepção de linguagem estamos falando. Linguagem é compreendida aqui no seu sentido mais amplo, presente na prática de interação sociocomunicativa e responsável pela criação de sentidos. Por essa razão, consideramos importante que se compreenda que todo trabalho do professor deve se basear em situações reais de comunicação e interação nos mais diferentes gêneros discursivos.

Mesmo que esse livro traga exercícios que estão voltados para o desenvolvimento de linguagem e da língua de sinais nas atividades escolares, o professor deve ter a preocupação de criar condições verdadeiras de comunicação. Por exemplo, quando numa atividade se pede para o professor perguntar para o estudante o que ele fez no dia anterior, essa pergunta deve estar carregada de intenção comunicativa e não ser apenas uma pergunta a ser respondida para se cumprir o que está estabelecido no manual.

Este livro não deve, portanto, ser visto como um manual, mas como uma compilação de ideias que podem ajudar o professor na sua vida diária com o estudante surdo.

Se o professor estiver envolvido, realmente, com o que está sendo feito, ele poderá lançar mão de seus próprios conhecimentos conversacionais para promover respostas cada vez mais ricas de seus estudantes.

O professor deve ter claro também que o desenvolvimento de linguagem não se dá apenas com um interlocutor, como apontamos acima, mas com uma variedade de interlocutores. Para isso, o professor deve contar com o auxílio de todos os estudantes da classe. As atividades devem ser realizadas de forma que todos possam participar e colaborar. Diferentes níveis de proficiência na língua são esperados entre os diversos membros do grupo. Muitas são as razões que levam isso a acontecer, mas o mais importante é aproveitar as situações da melhor maneira possível, incluindo aqueles que falam pouco por terem um repertório linguístico ainda não tão desenvolvido como o de seus colegas ou aquelas crianças Surdas com outros comprometimentos.

Pensando nesses aspectos, o professor deve dirigir as questões para todos os estudantes, tentando incluir aqueles que se mostram menos prolixos ou com um nível de linguagem menos adiantado. Além disso, o professor deveria contar com a ajuda de estudantes mais velhos, que poderiam enriquecer as situações

dialógicas ou instrucionais por terem uma proficiência maior em Libras, além de representarem outra forma de expressão – como o fazem todos os jovens. Estilos diferentes, formas diferentes de dizer coisas semelhantes, representam uma grande oportunidade para expandir o universo linguístico do estudante. A presença de estudantes surdos mais velhos possibilita algo que também é buscado num trabalho bilíngue de qualidade, qualquer que seja a língua utilizada: a construção de uma identidade íntegra baseada na semelhança com os iguais. Muitas crianças Surdas só terão a possibilidade de saber que existem outros surdos na escola dessa forma. Afinal, elas vêm de famílias ouvintes. Saber que existem colegas mais velhos que lhes podem ensinar coisas pode ser uma situação extremamente rica.

Por essa razão, sugerimos algumas atividades em que se espera que o professor possa contar com esses estudantes mais velhos que enriquecerão o universo linguístico dos mais jovens e que também se beneficiarão com essa atividade: se tornarão parte de um grupo que funciona de forma harmoniosa dentro da escola, buscando o que todos desejamos: um ambiente rico e cheio de possibilidades. A formação e a consolidação da identidade desses estudantes mais velhos serão solidificadas com essa ação – a de ser membro da equipe, ainda que de forma indireta.

A SALA DE AULA

Outro aspecto importante que não pode ser deixado de lado é o de que o ambiente escolar deve ser rico de estímulos visuais dos mais diferentes tipos. A criança deve ser encorajada a explorar brinquedos, livros, revistas e conversar a respeito. Todo material deve ser estimulante e variado. Isso não significa que deve ser material caro. Os jogos aqui propostos que forem elaborados em sala ou trazidos de casa podem ser guardados na própria sala de aula, para que possam ser recuperados pelas crianças nas situações lúdicas.

Deve-se criar na sala de aula a experiência social de conversar sobre os materiais feitos, expandindo o assunto para além da sua produção. O fato de se dar valor à autoria também é um elemento que possibilita o desenvolvimento da criança em todos os aspectos. O relato de um caso, de um acontecimento, um desenho, é uma autoria. Conversar sobre ele implica em dar valor à produção da criança e, conseqüentemente, à própria criança.

Contar histórias deve ser uma atividade compartilhada com os colegas. As histórias podem ser dos mais diferentes tipos: histórias tradicionais, do folclore brasileiro, da família, da comunidade Surda, de vida, de desenhos animados ou de filmes vistos. O importante é que todas as crianças compartilhem as histórias, se interessem pela história contada e desejem saber mais sobre aquilo que está sendo vivido no grupo. O professor tem um grande papel nessa atividade. Ele deve levar a criança a contar a história com coerência pela clareza da mensagem. Ele pode fazer isso ajudando a criança a reorganizar seu discurso, explicando melhor aspectos ou trechos que ainda ficaram confusos. Essas são situações muito ricas para as crianças adquirirem noções de tempo, causalidade, espacialidade, pronomes pessoais, possessivos, interrogativos, etc. Apesar de este livro conter exercícios específicos que lidam com todos esses elementos, será na conversa, na reconstrução do discurso da criança que ela poderá realizar suas descobertas quanto à linguagem.

Quando a criança formula seu discurso de maneira própria, isso acontece em razão de essa ser a forma pela qual ela conseguiu fazê-lo. A tarefa do professor é dirigir a criança para uma formulação mais adequada. Nesse primeiro momento, adequação deve ser compreendida como clareza de mensagem e, portanto, o professor não deve estar preocupado com adequação gramatical, mas tão somente com a inteligibilidade conceitual do que está sendo dito.

Repetimos, será papel do professor construir esse discurso com a criança por meio de perguntas que a leve a reformular e se adequar, sem perceber que está sendo levada nesse caminho. As outras crianças, presenciando essa troca entre professor e colega, também se beneficiarão na sua construção de linguagem. Afinal, não podemos esquecer que a linguagem é adquirida em contextos sociais significativos em que as

experiências linguísticas são compartilhadas. Nesse processo é necessário que o adulto desempenhe seu papel de gestor de situações, mas é importante que a criança possa ter colegas da mesma idade (ou de idade semelhante) para compartilhar suas experiências.

A ESCOLA

A escola tem que ser pensada como lugar de construção de conhecimentos, de compartilhamento de ideias. No caso do estudante surdo, será a escola, principalmente no papel do professor, que lhe fornecerá o ambiente linguístico para que ele possa se constituir como sujeito da linguagem, como dissemos anteriormente. Dizemos “principalmente no papel do professor” em razão de não ser esse o único interlocutor em Libras que deve estar presente na escola. Espera-se que todos os funcionários da escola possam se comunicar com o estudante por meio da Libras. Não será papel deles a construção da linguagem da mesma forma que o é para o professor, mas a criança deve ter a seu redor acesso a Libras nas mais diferentes formas, com os mais diferentes interlocutores. Claro que o nível de proficiência exigido para os funcionários é menor do que aquele pedido aos professores e à equipe educacional, mas deve ser suficiente para que o aluno possa obter o que deseja dentro da escola.

A presença constante da língua de sinais possibilita que o estudante, em qualquer idade, possa se comunicar, construir sua linguagem em situações significativas e não artificiais e, principalmente, saber que a sua língua é respeitada naquele espaço. Ele poderá crescer sabendo que diferentes interlocutores têm níveis de proficiência diferentes, que são ouvintes, mas que aprenderam a língua de sinais e são capazes de se comunicar com ele. A base do respeito será, assim, plantada.

É importante frisar que a escola não deve funcionar apenas como lugar de ensino de língua ou de conteúdos escolares, mas também sendo o lugar privilegiado para o estudante surdo, onde a cultura surda pode estar presente. Essa cultura diz respeito a formas específicas de estar no mundo, mas principalmente se relaciona ao valor que se dá à língua de sinais, à comunidade e à identidade surdas. Dessa forma, ter a Libras presente em todos os ambientes possibilita que o estudante possa se saber membro de uma comunidade linguística minoritária, com uma forma particular de estar no mundo: usando a visão para se comunicar e compreender o que o cerca.

A CULTURA SURDA

O respeito pela forma especial do surdo estar no mundo passa também por maneiras de inseri-lo no mundo em que vive e a escola é parte importante desse mundo, pois ele passa boa parte de seu dia nesse espaço. Por essa razão, é importante que ele possa ter acesso a informações que são trazidas pelo som, mas que lhe devem ser traduzidas por uma forma que possa percebê-las. Por exemplo, o sinal da escola. Ele não pode ser percebido auditivamente, mas o pode ser de uma forma muito simples: com a luz piscando em lugar do som. Se alguém bate na porta pedindo autorização para entrar, também se pode adaptar um interruptor que acenda e apague a luz da sala de aula, de forma que os estudantes percebam que alguém deseja entrar. Chamar a atenção dos estudantes com o piscar de luzes na sala de aula também é uma estratégia inteligente, que surte grande resultado para fazer com que eles olhem em direção à professora.

Os aspectos acima citados são tidos, por alguns, como aspectos da cultura surda, mas desejamos enfatizar aqui que o respeito pela diferença e o uso de adaptações como essas citadas é que dizem para os estudantes que eles são respeitados como surdos e é nesse respeito que se embasa a cultura que faz com que eles possam se saber diferentes, mas especiais – como todos têm o direito de ser: não pela deficiência, mas pela forma de serem tratados. É no convívio social, em que aspectos da vida coletiva são respeitados e novas relações são estabelecidas, que a possibilidade de se ver como membro de um grupo cultural próprio e que deve ser respeitado se estabelece. O indivíduo não nasce

sabendo de seus valores culturais, pois a cultura não é um aspecto intrínseco que ele carrega, mas é fruto de posicionamentos e de formas que o ambiente social propicia para que esses valores venham a ser introjetados, servindo de base para o posicionamento confortável do indivíduo na sociedade. Tendo interiorizado essa forma de estar no mundo, que passa pelo respeito à língua de sinais, mas não apenas por ela, o indivíduo poderá saber de seu lugar na sociedade e se determinar como alguém capaz de estar no mundo e de mudar o que for preciso para ter seus direitos assegurados. Desde que se entende a cultura como valor coletivo, a escola tem esse papel: mostrar para o estudante que ele pode se constituir como membro de um grupo maior, que deve buscar seus direitos coletivos.

Dessa forma, são apresentados exercícios que têm como foco a cultura surda. Assim, será possível inserir a criança Surda na cultura de seus pares, bem como lhe mostrar que existe uma história na educação dos surdos, que existem outras escolas de crianças surdas, associações, etc.

Pode parecer precoce falar dessa questão num momento tão inicial de escolaridade devido à idade das crianças, mas devemos entender que a criança ouvinte estabelece seus valores culturais desde que nasce e que esses valores são transmitidos por meio da postura dos pais, dos professores e da própria escola e que são transmitidos pela linguagem. A escola para surdos será o lugar por excelência, nesse momento inicial, para transmitir esses valores, ainda que não de forma explícita, mas pela forma como lida com o respeito pelo modo de essas crianças estarem no mundo. Vê-se, portanto, que um aspecto tão simples como adaptar o ambiente para receber informações pela luz, em vez de estas serem recebidas pelo som, pode dar a elas a dimensão de respeito e possibilitar um comportamento adequado para o que está acontecendo naquele momento.

Se pensarmos numa classe inicial na escola, é importante observar que as crianças não saberão por si só que esse sinais luminosos se referem a pedidos de atenção, a avisos de alguém batendo na porta ou de que é hora do recreio (ou de voltar para a sala de aula). É papel do professor ensinar às crianças o significado desse códigos e os comportamentos esperados para cada um deles e, para isso, o educador irá lançar mão da linguagem. A linguagem servirá também para estabelecer, por exemplo, de quem será a vez de abrir a porta quando alguém desejar entrar, quem perguntará ao visitante o que deseja e de transmitir ao professor o que alguém veio ali fazer. Para isso, algumas regras sociais serão seguidas e isso servirá de aprendizagem para esses estudantes sobre formas de se comportar com estranhos ou com pessoas não tão familiares. Devemos pensar que várias formas de estar no mundo que são tão naturais nas crianças ouvintes foram aprendidas por elas em casa, mas que as crianças surdas não tiveram essa oportunidade, devendo ser papel do professor realizar esse ensino.

A FAMÍLIA

Pensarmos em tudo que uma criança Surda deixa de aprender em casa, por ser filha de pais ouvintes, leva à organização de ações que possam ajudar os pais a propiciar em casa situações de aprendizagem – não apenas para a aquisição da linguagem, mas também de comportamentos sociais que são transmitidos por meio da linguagem.

Mesmo conscientes de que essas são tarefas muito mais difíceis para os pais de crianças surdas do que os são para pais de crianças ouvintes, não se pode deixar de lado a importância que a família tem para o desenvolvimento integral da criança Surda. Queremos deixar claro que o papel da família, como o da escola, não se limita a questões relacionadas à aquisição ou à aprendizagem de uma primeira ou segunda língua, mas ao desenvolvimento social, cognitivo e psíquico da criança Surda. Na verdade, essa é uma afirmação que se encaixa tanto para crianças surdas como ouvintes. O lar e a escola têm papéis muito importantes na estruturação de qualquer criança, tanto do ponto de vista social e afetivo como do ponto de vista neurológico.

Como a escola, particularmente o professor, pode realizar esse trabalho junto às famílias? Pode-se imaginar que a maioria dos pais pouco sabe sobre a surdez, a Libras, os aparelhos auditivos, o de-

envolvimento de linguagem, aquisição de língua e de L1 e de L2. Se mesmo para os profissionais que estudam esses aspectos há tanto tempo existem dúvidas, o que dizer dos pais que ouvem uma ou outra informação esparsa e que, geralmente, não têm interlocutores que lhes respondam as angústias e as dúvidas que aparecem no dia a dia, no convívio com a criança. É aí que entra o professor, que poderá propiciar situações de interlocução com os pais, que poderá escutar suas demandas e tentar, na medida do possível, respondê-las.

Muitas vezes, esses pais têm dúvidas com relação à possibilidade de desenvolvimento de seus filhos. Não porque desejam duvidar, mas porque desconhecem as reais possibilidades de seus filhos. Além disso, muitos pais são bombardeados com informações contraditórias a respeito da importância da Libras para o desenvolvimento de seus filhos, do papel do Implante Coclear, da verdadeira utilidade dos aparelhos de amplificação sonora, de como as crianças podem (ou não) desenvolver a fala, etc. Eles também não sabem como o filho irá aprender a ler e a escrever, e como poderiam ajudá-lo em casa.

Antes mesmo de falar sobre a ajuda para as tarefas que envolvem a leitura e a escrita, deve-se conscientizar os pais de seu papel no desenvolvimento de linguagem de seus filhos. Desde que as crianças surdas estão adquirindo a Libras na escola, será papel dos pais ajudarem seus filhos nessa aquisição em casa. Mas para isso, os pais também precisam aprender Libras. No entanto, não basta o professor orientar onde eles poderão fazer o curso ou providenciar um curso dentro da escola. É necessário, como foi dito acima, que eles possam contar com um espaço para poderem levar as suas dúvidas, angústias e desejos. A apropriação de qualquer assunto é melhor realizada quando há motivação para fazê-lo. E a motivação passa pela compreensão do que significa essa aprendizagem para o desenvolvimento de seus filhos. Esse será o papel do professor nesse momento em que a criança inicia o seu processo educacional formal. Apenas após os pais saberem o que é a Libras, para que serve, o que a escola estará propondo para seus filhos por meio do uso da Língua de Sinais é que se poderá propor que eles sejam parceiros da escola nas atividades a serem desenvolvidas em casa com seus filhos.

É importante também que atividades de dramatização, festas, etc., sejam partilhadas pelos familiares, que poderão, assim, presenciar o progresso de seus filhos, compreender o papel da língua e da linguagem em seu desenvolvimento e entender que eles muito podem fazer para ajudar nesse processo.

Nessas atividades na escola, é importante propiciar também que os pais tenham contato com surdos de diferentes idades para poderem compreender como seus filhos serão quando adultos. Na verdade, esse é um papel muito importante da escola para as próprias crianças surdas, que, muitas vezes, por serem filhas de pais ouvintes, nunca viram outros surdos mais velhos. Estar em contato com outros significativos de diferentes idades e com distintos backgrounds é que possibilita à criança e à sua família a construção de hipóteses de vir a ser. Saber que uma pessoa surda pode ter um papel profissional de destaque no contexto escolar é um grande incentivo para que os pais e os estudantes surdos possam se ver como pessoas que podem sonhar em vir a ser.

Ao falarmos na questão de possibilitarmos, no ambiente escolar e no trabalho com os pais, a construção de um ambiente linguístico rico, no qual a criança Surda possa se constituir como sujeito de si mesma, chamamos a atenção para que todos aqueles envolvidos nesse trabalho cumpram uma exigência muito importante: ter altas expectativas com relação ao estudante surdo na escola, devendo transmitir essa alta expectativa aos pais para que eles possam reproduzi-la em casa. Para isso, não existem tarefas específicas, nem jogos, mas uma construção interna com relação ao que cada um pensa sobre o seu aluno surdo.

Quando os pais ajudam seus filhos nas lições de casa, e existem muitas aqui descritas que deverão ser realizadas em casa, eles estão trabalhando na constituição da linguagem de seus filhos. Isso não deve ser visto como uma obrigação enfadonha e difícil de ser realizada, mas como algo a ser compartilhado entre pais e filhos. Realizando essas atividades, os pais poderão mudar o que pensam de seus filhos, percebendo-os como capazes.

O PROFESSOR

Muitos profissionais, por já terem vivido situações de frustração frente ao trabalho educacional com a criança ou com o adolescente surdo, os consideram, muitas vezes, de uma forma não intencional, incapazes de muitas coisas, principalmente do desenvolvimento de linguagem e de habilidades de letramento semelhantes às daquelas dos ouvintes. É importante que esses pré-conceitos sejam substituídos por outros que percebem o surdo como capaz, desde que lhe sejam dadas condições de desenvolvimento. É isso que trazemos neste livro e nos outros que se seguirão: a organização de atividades que possibilitarão que o professor dê condições de constituição de linguagem e de aquisição de língua pelo estudante surdo. Mas, repetimos: se os exercícios propostos, se as atividades linguísticas aqui descritas forem vistas pelo professor como algo inatingível pelo seu aluno, isso prejudicará o desenvolvimento das atividades e do aluno.

Desejamos repetir que tudo que aqui é proposto é apenas parte do que deve ser realizado na sala de aula. A linguagem está em constante construção nas atividades dialógicas que se estabelecem no contato entre interlocutores. Mas, para existir contato real, eu tenho que considerar meu interlocutor como capaz de me compreender e de me responder. Esperamos que o professor, baseado no que aqui é exposto, possa criar as suas próprias situações de trabalho, registrando-as para compartilhar com seus pares que serão beneficiados com o que for assim construído.

O professor deve acreditar no processo que cada criança percorre, acreditando na sua habilidade em aprender uma língua. Precisa-se sempre ter em mente que as crianças conseguem vencer os obstáculos que lhes são colocados à frente quando estão prontas para isso. Como o professor poderá saber se a criança está pronta? Quando ela mostrar interesse em saber ou em resolver um problema ou uma questão que lhe é colocada pelo professor ou pelos colegas. Enquanto isso não acontecer, é papel do professor incentivá-la e mostrar satisfação quando ela se empenha e resolve uma situação problema.

Vamos retomar alguns pontos que são de extrema importância para que uma proposta bilíngue para surdos seja efetiva:

- A Língua de Sinais não é ensinada, mas adquirida. Para que essa aquisição se dê de forma natural e prazerosa, o professor deve se preocupar em se comunicar com o aluno de forma fluida e interessada.
- Perguntar, apenas por perguntar, sem se interessar na resposta que vai ser dada, corta o vínculo comunicativo, não possibilitando um desenvolvimento de linguagem completo. Isso é válido tanto para as situações e brincadeiras propostas neste livro como para aquelas situações informais que estão presentes em todos os momentos na sala de aula.
- Para que um bom desenvolvimento de linguagem aconteça, é necessário que não apenas a criança responda ou fale alguma coisa, mas que ela “aprenda a olhar” e mantenha esse olhar sempre. Aprender a olhar significa que a professora vai contar coisas para os alunos e estará atenta às suas respostas que podem estar presentes apenas na forma pela qual a criança reage ao relato (com atenção, com olhar perdido, etc.).
- A criança é naturalmente curiosa e o professor deve lançar mão dessa característica infantil para fazer com que ela possa se interessar pelas situações comunicativas propostas em sala de aula. O que deve ser trabalhado sempre deve estar associado ao que ela deseja aprender. Deixe que a curiosidade natural a incentive a querer saber e aprender.
- É importante salientar que pode existir uma variação muito grande entre as crianças que iniciam a sua trajetória escolar. Algumas podem já dominar a Libras, outras podem saber alguns poucos sinais e ainda outras não a conhecerem de maneira alguma. Essa diversidade deve ser respeitada, pois todos adquirirão Libras no seu próprio ritmo. Não subestime uma criança por ela não saber nada de Libras. Já foi falado anteriormente que a língua não é algo que está pronto na criança, seja

ela surda ou ouvinte. Ela é adquirida nas relações sociais. Será no espaço educacional que a Libras poderá ser adquirida por ser partilhada. Também não superestime aquelas que aparentemente já sabem Libras, elas podem saber se comunicar, nomear, mas podem existir aspectos da língua que deverão ser ampliados, tanto no que se refere à gramática quanto ao discurso. Todas as crianças podem se beneficiar das atividades aqui propostas.

- A criança precisa aprender a ter confiança em suas habilidades. Pode ser que as crianças surdas que iniciam o seu processo educacional tenham passado por situações de frustração por não serem compreendidas ou por não compreenderem o que acontecia à sua volta. Essas vivências podem levar ao desenvolvimento de uma autoestima rebaixada, que pode cercear a sua capacidade de aprendizagem de situações educacionais, ainda que altamente motivadoras. É papel do professor incentiva-las, celebrando as suas conquistas e lhes mostrando o quanto são capazes.
- Sempre que possível, explique a diferença entre a Libras e o português, não do ponto de vista da gramática, mas apenas como uma constatação. Pode-se apontar quando uma e outra língua é usada, quem usa cada uma delas, qual é a encontrada na escrita. Isso servirá de base para a análise linguística que será feita posteriormente e que veremos a partir do terceiro ano.

Todos os assuntos abordados neste livro como sugestões de trabalho buscaram ser do interesse das crianças, seja pela faixa etária ou pela possibilidade de fazer parte da sua vida. É importante que assuntos trazidos pelas crianças, mesmo que não estejam na pauta de planejamento daquele dia, possam ser abordadas e expandidas. Por exemplo: se o assunto do momento é futebol, em razão da Copa do Mundo ou de algum campeonato importante e os alunos trazem perguntas relacionadas a esse assunto, ele deve ser explorado e deve ser dada atenção a essa demanda. O planejamento é importante, norteia as atividades e situa o professor no seu fazer, mas não deve impedir a espontaneidade quando o assunto é língua e linguagem.

O professor, na sala de aula, tem inúmeras possibilidades de fazer com que a criança aprenda de uma forma informal, levando-a a se socializar. Isso é particularmente importante para promover a autonomia do indivíduo. Sempre que surgir uma indagação – e sabemos que perguntas são sempre bem-vindas –, o professor deve verificar se não há uma forma da criança conseguir a resposta por ela mesma. Pode ser procurando num livro ou perguntando para um colega. O professor pode até mesmo sugerir que ela busque a resposta na hora do recreio, com os colegas mais velhos ou com outro professor. Claro que, no começo, essas situações devem ser lidadas dentro da sala de aula, mas gradativamente deverá incentivar o seu aluno a buscar e a compartilhar a resposta com todos na sala.

Ainda com respeito à gramática da Libras, já afirmamos que ela não é objeto de estudo ou de análise neste momento, mas ela deve estar presente na mente do professor e usada na sua riqueza gramatical.

O professor deve sempre se lembrar que a competência em Libras é que determinará a base para a aprendizagem do português escrito. Para que tenha êxito em seu trabalho de letramento, ele deve ter claro que para a criança adquirir a língua escrita ela deverá ter domínio da língua de sinais. Além disso, para que as duas línguas sejam valorizadas e tenham o papel que de direito devem ter na vida das crianças, ambas devem ter o mesmo status. Uma não pode se destacar em relação à outra como uma língua de maior importância.

O professor deve compreender que os acertos e erros que a criança comete, e o fato deles ocorrerem mostra um processo completamente normal, são indicativos da fase em que a criança está no seu desenvolvimento de linguagem. É claro que é muito mais fácil detectar esses “erros” na língua que o professor domina mais (português, para os professores ouvintes). Por exemplo, quando a criança ouvinte fala: “Eu *fazi* um desenho para você”, os falantes nativos de português compreendem o erro e repetem a forma correta sem corrigi-la, mas contextualizando o mesmo verbo em outra situação: “Ah, eu também fiz, mas é diferente do seu.” Essa regra também serve para a Libras. Quando a criança usa

uma direcionalidade equivocada para um verbo, como “AJUDAR”, por exemplo, o professor pode repetir o que ela quis dizer usando a direcionalidade adequada. Isso mostra que a criança está em processo de aquisição daquele traço linguístico, mas que ainda não interiorizou todas as regras que regem o uso dessa forma de uso da língua. O professor pode, então, possibilitar o uso de outros verbos direcionais, com diferentes interlocutores para que o processo de aquisição seja facilitado. Um aspecto importante a ser considerado é que erros consistentes demonstram falta de conhecimento de uma parte do sistema da língua, enquanto que erros inconsistentes demonstram um controle insuficiente do que foi aprendido. A análise dos tipos de erros demanda estratégias diferentes. A falta de conhecimento da maioria dos estudantes deve levar o professor a retomar os exercícios propostos, ainda que de forma diferente mas com o mesmo objetivo. O controle insuficiente demanda que aspectos específicos sejam retomados e pedidos a eles.

Para que todo o trabalho possa acontecer de forma coesa e com sucesso, é necessário que as atitudes do professor em direção aos estudantes sejam sempre positivas. Os “erros” fazem parte da aprendizagem e devem servir de indicadores de formas de trabalho e não de falhas do aluno ou do professor. Para que um desenvolvimento de linguagem seja bem-sucedido é necessário que a criança tenha a oportunidade de variada interação social e cultural: diferentes interlocutores em diferentes situações. O professor deve procurar todos os recursos disponíveis na escola para que isso venha a ocorrer: alunos mais velhos que possam ir à sala de aula para trocar experiências ou para contar histórias, outros professores convidados para uma comemoração de aniversário, etc. Apesar de trazermos inúmeras sugestões de atividades, o professor deve lembrar que ele é autônomo para decidir o que é melhor para a sua classe: quantas vezes uma atividade deve ser repetida, quem deve ser o interlocutor principal, qual criança deve ser mais incentivada, etc. Nunca se deve esquecer que quando se fala de desenvolvimento de linguagem cada criança reage de uma forma. O processo de aquisição é único para cada criança, como cada criança tem o seu funcionamento de forma única e isso deve ser respeitado.

ALUNOS SURDOS COM MÚLTIPLAS DEFICIÊNCIAS

É importante colocarmos uma observação com relação às crianças com outros comprometimentos. Cada vez mais essas crianças passam a frequentar a escola para surdos. Esse é um dado muito positivo, já que até pouco tempo elas ficavam segregadas em casa sem possibilidade de nenhum trabalho educacional. Por outro lado, essas crianças impõem um desafio para o professor. O que deve estar em foco é que essas crianças necessitam também de Libras como primeira língua, mas que seu desenvolvimento pode ocorrer de forma diferente das crianças surdas sem outros comprometimentos. O professor deverá ficar atento às formas especiais que essas crianças necessitarão para realizar seu processo de aquisição de linguagem, ao mesmo tempo em que deverá trabalhar com o grupo classe no sentido de fazer todos os estudantes compreenderem as necessidades especiais diferentes desses alunos. Com crianças com necessidades especiais com as quais o professor não souber lidar, há a necessidade de buscar ajuda específica para que o trabalho possa ser realizado da melhor maneira possível.

Essas crianças representam um desafio ainda maior, mas elas, como as outras crianças, têm enorme necessidade de contato e de comunicação e isso lhes deve ser propiciado. Além disso, o professor deve levar em conta o tempo que essas crianças precisam para construir o conhecimento e não se angustiarem com esse tempo mais demorado e com a necessidade de retomar mais vezes às atividades programadas. Os outros alunos podem ser de grande ajuda, mostrando para essas crianças aspectos por elas não percebidos, sem que haja a necessidade de uma correção.

Gostaríamos de retomar um aspecto muito importante com relação à aquisição da primeira língua

em geral: essa experiência está ligada para qualquer criança às suas próprias experiências de vida. Essas experiências devem ser aproveitadas para que a aquisição ocorra da forma mais completa possível.

Por essa razão, é importante observar que, nesse primeiro momento, deve-se dar maior ênfase às experiências vivenciadas em situações concretas e pertencentes ao universo da própria criança. Espera-se, nesse primeiro momento, que a criança possa se referir a situações e acontecimentos próximos a ela e que lhe seja mais fácil analisar coisas que estejam presentes fisicamente. O professor deve ter isso em mente e fazer com que as situações se tornem mais práticas na medida do possível, principalmente quando perceber as dificuldades que as crianças venham demonstrar no seu processo de aquisição de linguagem.

Para finalizar, vamos retomar algumas estratégias que podem ajudar o trabalho do professor e facilitar a aquisição de linguagem das crianças:

- É muito importante manter a atenção visual da criança.
- No início do processo, dê preferência a livros que tenham desenhos coloridos e contem histórias relacionadas às experiências delas.
- Se a criança não conseguir manter a atenção para situações de linguagem mais amplas, tente sinalizar dentro do seu foco de atenção.
- Na contação de histórias, incorpore o livro como parte da língua de sinais. Para isso, use e abuse das figuras e do que elas transmitem, e faça sinais de amplitude menor perto do livro – ficando atento para a direção do olhar da criança.
- Se a atenção da criança for muito pequena, sinalize no corpo da criança.
- Quando uma história é contada, pode-se medir o interesse das crianças pelo silêncio e pela atenção que elas prestam na história. Quanto maior o silêncio e a atenção, maior o envolvimento delas com o que está sendo contado. Mude a estratégia se elas não demonstrarem interesse.
- Repetir as histórias contadas é muito útil para o desenvolvimento de estratégias como previsão e antecipação e as crianças adoram que a mesma história seja contada repetidas vezes. Além disso, a compreensão da história se torna mais completa a cada vez que uma história é lida novamente.
- Use a seguinte estratégia: na primeira vez em que a história for contada, o foco deve ser nas ideias principais e nos conceitos básicos da mesma. As descrições detalhadas devem ficar para as outras vezes em que a história é novamente contada.
- Fique o mais próximo possível da criança, para tocá-la quando necessário, obtendo assim a sua atenção.
- A expressão facial faz parte da língua de sinais: use-a de forma significativa.
- É importante que o ambiente na sala de aula tenha um clima positivo e que errar não seja um problema. As crianças devem se sentir confortáveis para participar e arriscar respostas e ações.
- Quando o professor sentir que as crianças não estão compreendendo a atividade, ele deve fornecer informação adicional e pistas contextuais.
- As perguntas dirigidas às crianças devem ser contextualizadas e devem exigir a sua participação ativa e raciocínio. O professor deve demonstrar interesse genuíno para as respostas dadas.
- É papel do professor servir de mediador para a compreensão de todas as atividades propostas. Para isso, ele deve estar atento à expressão facial e as respostas das crianças.
- Sempre que possível, o professor deve relacionar as atividades propostas às experiências das próprias crianças.

BIBLIOGRAFIA

- BAGNO, M.; STUBBS, M.; GAGNÉ, G. **Língua materna – letramento, variação e ensino**. São Paulo. Parábola Editorial: 2002.
- DAVIES, S.N. **Educating deaf children bilingually**. Washington, DC. Gallaudet Press: 1995.
- ERTING, L.; JUDY, P. **Becoming bilingual: facilitating english literacy development – using ASL in preschool**. Washington, DC. Gallaudet University Press: 1999.
- LEWIS, W. (Editor). **Bilingual teaching of deaf children in Denmark – description of a project 1982-1992**. Denmark. Doveskolernes Materialcenter: 1995.
- LODI, A.C.B.; HARRISON, K.M.P.; CAMPOS, S.R.L.; TESKE, O. (ORG.). **Letramento e minorias**. Porto Alegre. Editora Mediação: 2002.
- LODI, A.C.B.; HARRISON, K.M.P.; CAMPOS, S.R.L. (ORG.). **Leitura e escrita no contexto da diversidade**. Porto Alegre. Editora Mediação: 2004.
- LODI, A.C.B.; LACERDA, C.B.F. (ORG.). **Uma escola, duas línguas: letramento em língua portuguesa e língua de sinais**. Porto Alegre. Editora Mediação: 2010.
- MARTIN, D.S.; MOORES, F.M. (Editors). **Deaf learners – developments in curriculum and instruction**. Washington, DC. Gallaudet University Press: 2006.
- MOURA, M.C. **O surdo – caminhos para uma nova identidade**. Rio de Janeiro. Revinter Editora: 2000.
- MOURA, M.C.; VERGAMINI, S.A.A.; CAMPOS, S.R.L. (ORG.). **Educação para surdos: práticas e perspectivas**. São Paulo. Editora Santos: 2008.
- PEREIRA, M.C.C.; NAKASATO, R. **Narrativas infantis em língua brasileira de sinais**. Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 39, n° 3, 2004, 273-284.
- QUADROS, R.M.; KARNOPP, L.B. **Língua de sinais brasileira – estudos linguísticos**. Porto Alegre. Artmed Editora: 2004.
- ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo. Parábola Editorial: 2009.
- SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. **Orientações curriculares e proposição de expectativas de aprendizagem para educação infantil e ensino fundamental: Libras / Secretaria Municipal de Educação – São Paulo: SME / DOT: 2008.**
- VERGAMINI, S.A.A. **Mãos fazendo história**. Rio de Janeiro. Editora Arara Azul: 2003.
- YGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem**. Lisboa. Antídoto: 1979.
- WILCOX, S.; WILCOX, P.P. **Aprender a ver**. Rio de Janeiro. Editora Arara Azul: 2005.

INTRODUÇÃO AO QUINTO ANO

O quinto ano representa um marco na vida escolar de todo aluno. É o final do Ensino Fundamental I. Os alunos irão para um nível mais adiantado de ensino e devem ser preparados para isso. O quinto ano deve possibilitar aos alunos maior autonomia em seus estudos e, é claro, continuar a promover o desenvolvimento linguístico que vai se sofisticando cada vez mais. Como poderemos ver adiante, aspectos específicos relacionados à gramática da Libras serão abordados e servirão de base para a análise mais aprofundada que acontecerá mais tarde.

Da mesma forma como no quarto ano, as estruturas linguísticas, a ampliação do vocabulário e o uso das diferentes linguagens constitutivas da língua estarão presentes. Há necessidade de se continuar o trabalho que mostra as diversas formas de expressão na língua, de acordo com as funções que estão sendo exercidas e pelos interlocutores com quem os alunos se comunicam.

As atividades discursivas devem estar sempre presentes, como o estiveram até aqui, sempre pensando na ampliação dos gêneros. Devemos pensar sempre o gênero discursivo como atividade social que, dessa forma, só se expande e se constitui por meio de usos que lhes deem corpo e sentido no grupo em que é empregado. Este livro traz ideias de como ampliar o discurso de seu aluno sempre em atividades significativas, mas o professor deve estar consciente de que esses momentos estão presentes sempre, pois a sala de aula é o local por excelência em que se conversa, se discute e se amplia o universo de conhecimento e de linguagem do aluno, em especial do aluno Surdo. Queremos chamar a atenção novamente aqui para o fato de que o aluno Surdo fica alijado de situações de comunicação corriqueiras para os ouvintes, que além de fornecer informações sobre o mundo e a vivência diária possibilitam aos indivíduos ampliar suas formas de interação e de comunicação com o outro. É papel da escola e do professor viabilizar sempre que possível essa troca de informações e fazer com que o aluno possa ter experiência com diferentes formas de uso da linguagem, respeitando diferentes interlocutores e formas discursivas. O papel social da escola deve estar sempre presente na mente do professor.

Além disso, como norma, o professor deverá estar sempre atento ao desenvolvimento linguístico de seu aluno e, se for o caso, ele deverá retomar aspectos que não foram suficientemente desenvolvidos. No caso de alunos com atraso significativo de desenvolvimento de linguagem, o professor deverá contar com assessoria especializada que possa orientá-lo para ajudar no desenvolvimento de linguagem daquele aluno especificamente ou para encaminhamento a um especialista, no caso um fonoaudiólogo que saiba trabalhar em Libras com indivíduos Surdos com atraso de desenvolvimento de linguagem ou com outros comprometimentos.

Da mesma forma como sugerimos anteriormente, consideramos muito importante que os alunos de diferentes séries escolares possam se encontrar para trocas de informações no início da aula. No quinto ano espera-se que eles tenham mais informações e possam ser responsáveis, cada vez mais, pela troca de conhecimentos no grupo. O respeito pelo outro, seja na forma de perguntar ou no conteúdo das indagações é algo a ser trabalhado pelo professor, que deve trazer ao grupo a necessidade de se respeitar as diferenças de idade e de interesse. Aspectos específicos da linguagem podem ser expandidos nesses encontros, permitindo que estruturas mais complexas e mais diversificadas estejam presentes no diálogo estabelecido pelo grupo. Novamente deve-se ter em mente que a coerência textual deve ser foco de atenção do professor. O aluno deve ser levado a ter clareza no que relata ou questiona e o professor pode mostrar que aquilo que foi dito não está claro por meio de perguntas elucidativas que clareiem a mensagem, como: “De quem você está falando?”; “Quando isso aconteceu: antes ou depois do incidente?”; “Quem estava presente?”; etc.

Muitas vezes, pode ser necessária a atuação do professor no sentido de fazer com que um dos alunos tenha que esperar o outro completar a sua locução para falar, mostrando que as interrupções levam à não compreensão do que o outro pretendia explicar ou perguntar.

Deve-se ter em mente que os jogos comunicativos, assim como as suas regras, são normalmente modelados pela família em situações informais, quando a criança aprende que não pode interromper o outro, deve esperar a sua vez de falar, a forma pela qual responde não é adequada, que algo não pode ser dito naquele contexto, etc. Para o Surdo, isso normalmente não acontece no ambiente doméstico, como vimos anteriormente na Introdução Geral, em razão do pouco domínio de Libras pela família. O professor, repetimos, deve assumir esse papel, agora no quinto ano se voltando mais para as questões relacionadas às regras do que pode e não pode ser dito e a forma pela qual pode ser dito. A ampliação do universo linguístico, tanto ao nível semântico como gramatical, deve continuar a ser motivo de atuação do professor, mas sempre de forma significativa e voltada para situações reais de comunicação. Todo e qualquer momento é apropriado para que o professor possa intervir para modelar e/ou ampliar os aspectos citados. Ainda que existam momentos em que o professor pode realizar atividades específicas para isso, como aquelas contidas neste livro, ele deve estar atento a todas as possibilidades de atuação para atingir esses objetivos.

Todas as questões que foram foco no quarto ano devem retomar no quinto ano, sempre buscando-se sofisticar o discurso. Os desafios, presentes anteriormente, devem estar ainda mais presentes agora. O aluno deve ser capaz de usar cada vez mais a linguagem de forma criativa para relatar, discutir, convencer, arguir ou discordar usando elementos linguísticos que carreguem os significados da mensagem. Lembremos que isso só pode acontecer se o professor mostrar como se faz isso, não apenas de forma artificial, em jogos programados, mas de maneira real no seu próprio discurso. Sempre que aparecer a oportunidade, o professor deve, ele mesmo, usar os gêneros descritos em situações que estejam relacionadas às atividades desenvolvidas em sala de aula. Por exemplo: se os alunos desejam algo que não é permitido pelas normas escolares, como ficar mais tempo no recreio, o professor deve usar argumentos embasados em fatos que necessitam ser explanados, mas possibilitando que os alunos possam, eles também, retrucar e usar seus próprios argumentos. Nessa ocasião, o professor pode mostrar para os alunos, por exemplo, que um argumento está sendo usado de forma repetitiva e que eles não estão percebendo que o educador já respondeu àquela intervenção feita. Quando os alunos usarem um bom argumento, demonstrar que aquela foi uma boa resposta e que será levada em consideração.

Com relação aos aspectos temporais, aqueles que dizem respeito a antes, depois, há pouco ou há muito tempo, etc, há necessidade que eles continuem presentes no discurso diário do professor e que estejam relacionados à outras disciplinas, como Literatura e História, por exemplo. Este livro lida com as questões específicas relacionadas a Libras, mas não podemos esquecer que a Língua Brasileira de Sinais está presente em todas as situações da sala de aula.

O uso da linguagem de forma significativa faz com que aspectos como a memória e a estocagem de informações se dê de forma natural, mas para que isso aconteça é necessário que as informações sejam transmitidas em maior quantidade e não fragmentada. Por essa razão, quando o trabalho de contação de histórias se inicia elas são curtas e relacionadas a figuras que explicitam o que está sendo contado, muitas vezes até mesmo antecipando os eventos. Pouco a pouco as histórias vão se tornando mais complexas e tendo menos informação visual porque se entende que o aluno é capaz de guardar um número maior de informações e fazer melhores associações. Isso se dá em razão de que a criança desenvolve essa capacidade porque está sendo estimulada a fazê-lo. Esse desenvolvimento não pode se dar por meio de estimulações ou treinos artificiais, mas por meio de situações contextualizadas e plenas de significado que, quando bem exploradas pelo professor, levam a uma possibilidade de real expansão de capacidade de armazenagem e de recuperação de informações.

Mas, pode-se perguntar: como o professor pode fazer isso já com alunos de quinto ano? Repetimos que essa ação não é um ato isolado em uma atividade específica, mas deve estar sempre presente no discurso do professor que vai ampliando esse universo linguístico gradativamente, como vimos nos livros dos outros anos. Com os alunos do quinto ano, as informações, mais do que nunca, devem estar relacionadas às notícias do cotidiano, desde o universo escolar (feriados; datas comemorativas nacio-

nais, locais ou da própria classe; fatos importantes relacionados à escola ou a pessoas que dela fazem parte, etc.) até o universo nacional e internacional. Com relação às notícias do mundo, uma forma interessante de fazer com que os alunos possam passar a se interessar pelo que acontece em outros lugares do mundo pode ser a de trazer notícias ou novidades de outros países, mas relacionadas ao Surdo. Vocês irão encontrar muitas ideias para esse tipo de atividade nesse livro. Os alunos podem realizar uma atividade que esteja ligada a notícias de outro lugar (no Brasil ou fora) e depois se encarregarem de transmiti-la aos colegas de outras séries nos encontros entre classes. Para isso ele vai precisar usar uma série de estratégias: ver a notícia entendê-la, resumi-la e transmiti-la de forma interessante. Afinal, cativar a plateia é outra habilidade a ser desenvolvida em seus alunos. Algumas atividades podem ser relacionadas à outras disciplinas, como dissemos acima, e os alunos poderão escrever a respeito do que viram ou souberam pelos colegas.

Os alunos também devem desenvolver sua habilidade de guardar e transmitir informações vendo vídeos em grupos de dois ou três alunos e depois os relatando para os outros grupos. O professor poderá intervir num momento inicial, tornando o relato mais claro ou dando dicas de como torná-lo mais interessante para os colegas.

Essas atividades que ajudam no desenvolvimento e uso da memória serão muito úteis para a estocagem de informações acadêmicas, que passam a ser cada vez mais necessárias nos estudos dos alunos a partir do quinto ano.

Também temos que lembrar que os aspectos relacionados ao espaço podem ser naturalmente ampliados quando se trabalha com informações vindas de outros países. O aluno poderá aprender sobre assuntos que acontecem em lugares distantes e o espaço passa a ter uma nova perspectiva, não mais ligado ao espaço imediato e sim a um espaço imaginário. Os aspectos espaciais devem ser explorados relacionando-os com a gramática da Libras, que passa a ser vista de forma mais sistemática a partir do quinto ano, como vimos.

A causalidade continua presente em todas as atividades e deve ser usada de forma criativa, possibilitando a criação de hipóteses e explorando-se sempre as questões relacionadas ao imaginário que estão presentes na mente dos alunos e que precisam de uma direção para ser usadas de forma construtiva.

A pertinência ou não de determinado assunto ou de detalhes na conversa deve ser motivo de atenção constante do professor, que deve apontar de forma amigável, sem cortar o fluxo de conversa de seus alunos, que certos detalhes ou que o que o aluno deseja falar naquele momento não faz parte do que está sendo construído no mecanismo de conversa. O exercício de se expressar mantendo a pertinência ao assunto poderá ajudar o aluno nas questões acadêmicas específicas que ele realiza no seu percurso escolar.

Outros aspectos gramaticais da Libras deverão começar a ser vistos de maneira mais formal no quinto ano. Mais do que estudados, eles deverão ser reconhecidos no uso que os alunos fazem deles, procurando-se estabelecer com os próprios estudantes como esses aspectos são utilizados e a que se referem, procurando-se, nas aulas de português, fazer uma relação entre eles e este idioma. A intenção não é nomear gramaticalmente os elementos estudados, mas iniciar o processo de reconhecimento de que a Libras é uma língua com aspectos gramaticais que diferem da língua portuguesa.

Não apenas os aspectos morfosintáticos deverão ser levados em consideração nessa análise da língua, mas também os aspectos semânticos. O professor deve auxiliar o aluno a perceber que muitas vezes um *Sinal* em Libras não se refere apenas a um vocábulo em português e que as palavras em português podem ser representadas de diferentes maneiras em Libras. A polissemia da língua (quando uma palavra pode ter mais de um significado), ainda que não explicitada no seu contexto teórico, deve começar a fazer parte do conhecimento dos alunos para que possa auxiliar o processo de leitura dos estudantes. Isso já deve estar acontecendo nas aulas de português, mas será no conteúdo específico de Libras que se possibilitará uma análise mais aprofundada desse aspecto.

As semelhanças e as diferenças entre as duas línguas, Libras e português, devem ser analisadas, repetimos, do ponto de vista de uso da língua e não como um exercício pelo qual se espera que os alunos decorem as diferenças e as semelhanças entre as línguas.

O professor deve realizar atividades que levem o aluno a localizar espacial e temporalmente fatos e personagens em relatos, histórias, dramatizações, etc. Obviamente esses aspectos já estão presentes nas atividades dos alunos desde o primeiro ano, mas nesse momento o professor deve chamar a atenção para a forma pela qual esses aspectos aparecem na língua de sinais, fazendo com que os alunos vivenciem essa forma de expressão da Libras. Como citamos anteriormente, esses aspectos devem ser comparados ao português nas aulas específicas, buscando-se as semelhanças e as diferenças entre as duas línguas na expressão de elementos espaciais e temporais.

Outro aspecto a ser trabalhado se relaciona ao uso adequado da concordância nominal de gênero e número em Libras. Você encontrará exercícios que levam os alunos a compreender como se dá esse aspecto gramatical em Libras, mas espera-se que eles já estejam usando essa concordância de forma correta, não em razão do ensino formal mas pela exposição e uso da língua na escola. Da mesma forma citada acima, a relação desse aspecto com o português deve ser feita considerando-se as diferentes formas em que acontecem nas duas línguas, o que pode ser visto na disciplina de português como segunda língua.

Espera-se também que os alunos usem adequadamente a concordância verbal em Libras, com verbos de direção em que a relação sujeito-objeto tem uma característica própria em Libras que deve ser marcada e novamente relacionadas com o português na disciplina específica de português como segunda língua. Enfatizamos o fato de que provavelmente o aluno já deva estar usando essa concordância desde que exposto a essa forma de uso de Libras em diferentes contextos e situações desde seu ingresso na escola. O trabalho deve estar relacionado à análise própria dos alunos e à sua reflexão sobre o uso da língua, desde que o ensino da gramática como elemento isolado não traz o conhecimento que a análise e pensamento crítico sobre a língua podem trazer. Claro que você encontrará exercícios voltados para esse aspecto da língua neste livro, mas lembre-se de estar atento às possíveis dificuldades que alguns alunos possam ter em usar e/ou pensar de forma analítica sobre como a língua é construída. Se isso ocorrer, propicie o uso adequado em situações de comunicação e peça aos alunos que já dominam esses aspectos da língua que ajudem e deem exemplos significativos do uso dos elementos estudados.

Os adjetivos estão presentes desde o começo da exposição dos alunos à Libras como em qualquer língua, ainda que não sejam nomeados como adjetivos ou conceituados enquanto classe de palavras. O objetivo até esse momento, quando nos referimos a aspectos específicos da gramática da Libras, não é levar os alunos a usar a terminologia que define esses elementos gramaticais, mas reconhecer as semelhanças e diferenças entre as duas línguas (Libras e língua portuguesa escrita - o que será feito na disciplina específica em que o professor deve relacionar os conteúdos estudados) e propiciar situações que levem ao uso intencional dos aspectos aqui citados. Com relação aos adjetivos deve-se expandir e possibilitar o uso de comparativos e superlativos dos adjetivos no ano escolar em curso. Os exercícios relatados neste livro servem como ideias e poderão ser ampliados e usados em muitas outras situações corriqueiras em sala de aula. Aproveite os relatos de situações trazidas pelos próprios alunos e amplie o uso desses elementos sempre que possível.

Nas situações discursivas, as relações de causa/efeito já devem estar presentes desde o primeiro ano, mas espera-se que elas sejam ampliadas e possam servir para a discussão e a compreensão de conteúdos tratados em outras áreas como História, Geografia, Ciências, etc. Os alunos devem ser capazes de estabelecer relações que não sejam apenas imediatas, mas que se refiram a eventos passados ou futuros e àqueles que estabeleçam relações ligadas a aspectos morais e éticos. O que é certo e errado e o que as ações podem desencadear no plano dos pensamentos e atitudes, estando relacionadas ao que fazemos ou no que atuamos, devem ser mostrados não pela ótica do estabelecimento de padrões morais tradicionais (isso pode versus isso não pode), mas pela ótica da reflexão da razão das normas que

devem ser seguidas na escola enquanto instituição, em casa e na sociedade como um todo. Colocamos algumas atividades relacionadas às reflexões sobre esse assunto, mas possibilitar a reflexão do aluno sobre as normas, as proibições e os comportamentos esperados deve ser uma constante nas atividades diárias do professor. Alunos críticos e atentos às suas ações e às consequências das mesmas em sua vida e na daqueles próximos a eles dão origem a cidadãos que serão respeitadores do ambiente do próximo, sabendo como reivindicar seus direitos.

É necessário que o aluno faça uso e compreenda hipóteses na sua construção linguística como forma de pensar sobre o mundo. Além disso, os conteúdos escolares exigirão cada vez mais que esse mecanismo seja utilizado para se chegar a conclusões em diversas disciplinas. Isso é verdadeiro para qualquer estudante, mas para o Surdo o estabelecimento de hipóteses tem ainda outra função. Em ambientes em que o Surdo não conta com usuários de Libras (e isso acontece em muitas situações da vida diária), ele deve lançar mão da leitura orofacial, isto é, ele deve tentar entender que está sendo falado pelo interlocutor. Não desejamos colocar na escola o papel de desenvolver a leitura orofacial. O que desejamos frisar é que jogos e exercícios que trabalhem a capacidade do aluno trabalhar com hipóteses podem ajudá-lo a compreender o que é falado oralmente. Nesse tipo de atividade linguística, o Surdo tem que usar muito de sua habilidade de gerar hipóteses para entender se aquilo que é falado é um assunto ou uma palavra e não outro tópico e outro referente pelas informações contextuais contidas na elocução. São hipóteses feitas mentalmente de forma muito rápida. Trabalhar com a elaboração de hipóteses em outras atividades pode ajudar o Surdo a usar melhor suas habilidades linguísticas orais e a compreender sutilezas da linguagem transmitidas pela expressão facial e corporal de seus interlocutores. Apresentamos sugestões de trabalho com hipóteses neste livro, mas o professor pode e deve aproveitar todas as situações possíveis para incentivar o aluno a usar suas capacidades de gerar hipóteses. Se o aluno faz ao professor uma pergunta ligada a uma situação em que a resposta pode ser deduzida pela situação, o educador deve responder a ele de forma a fazê-lo pensar nas respostas possíveis, evitando dar a resposta imediatamente, levando-o a fazer hipóteses.

Com relação ao discurso, queremos enfatizar que, da mesma forma que em anos anteriores, o aluno deve ser incentivado a relatar, perguntar, explicar situações e questões do seu próprio jeito sempre que possível. A cada ano, o aluno deve ser estimulado a ter mais e mais autonomia discursiva, que o professor irá modelar e expandir para que atinja os objetivos a que se destina: ser compreendido pelo educador e pelos colegas. Apesar desse aspecto estar sendo tratado há tanto tempo (para os alunos que iniciaram o processo educacional na escola bilíngue), pode ser que ainda existam estudantes para os quais o discurso ainda não esteja bem organizado e para os quais talvez seja necessário mais oportunidades de uso da linguagem em situações de contagem de histórias e de relato de fatos. Muitas vezes, em razão das dificuldades nessa organização, esses alunos se expressam menos e, em consequência, têm menos oportunidades de, pelo uso da língua, se organizar melhor ou receber ajuda para fazê-lo. Não deixe que isso aconteça, incentive seus alunos a usar a linguagem sempre, ainda que tenham dificuldade para organizar fatos. Retorno à questão básica do Surdo: é na escola que ele pode desenvolver sua linguagem e seu discurso, e é papel do professor possibilitar que ele tenha cada vez mais autonomia e capacidade de organizar o discurso com autoria própria.

As questões relativas à cultura Surda devem continuar presentes no 5º ano. O mais importante já é oferecido pelo próprio ambiente escolar: Libras circulando o tempo todo pela escola, possibilidade de encontros entre surdos de diferentes idades e histórias de vida e respeito pela forma de o Surdo estar no mundo, isto é, capturando as informações pela visão. Mas, o professor pode trazer aspectos outros da cultura Surda para a sala de aula: aqueles culturais e artísticos, assim como os de outros países. Trazemos neste livro algumas atividades que mostram para o Surdo como os Surdos de outros países se comunicam, mostrando a riqueza da língua de sinais de outras nações, os diferentes alfabetos digitais e as obras artísticas produzidas pelos Surdos ao redor do mundo. Mas, novamente, o professor deve estar atento ao que é mostrado na internet, principalmente em sites de filmes e que mostram atualidades e

novidades que acontecem sempre no mundo e que podem ser trazidas de diferentes formas por Surdos ou Associações de Surdos.

Além disso, este livro traz um pouco da história da Associação de Surdos em São Paulo, assim como da filial da FENEIS aqui instalada. A história de algumas EMEBS e de algumas escolas de Surdos também é mostrada em atividades que resgatam como era a educação e as mudanças que foram possíveis nos últimos cinquenta anos, ampliando o que já foi visto no quarto ano. Se a sua escola não estiver presente nessa compilação histórica, busque fotos ou filmes ou realize uma atividade em que os alunos irão buscar essa história e mostrá-la para todos que fazem parte da equipe escolar.

O hino interpretado em Libras deve ser apresentado formalmente no quinto ano, ainda que já deva estar presente nos outros anos por fazer parte de situações mais formais da escola. Várias formas de se interpretar o hino em Libras podem ser mostradas e todas devem ser discutidas, mostrando-se qual é a versão usada pela Prefeitura de São Paulo. Mostramos, neste livro, indicações de onde elas podem ser obtidas na Internet.

Agora uma questão importante que não fez parte do currículo de nenhuma escola para Surdos até o presente momento: a questão do implante coclear. Absolutamente não é papel da escola indicar ou não o implante coclear para seus alunos, já que essa é uma esfera que pertence à Medicina e não à Educação. Entretanto, os efeitos do implante coclear na vida do Surdo devem ser motivo de discussão com os alunos. Cada vez mais os pais são bombardeados com aconselhamento de realização de implante coclear em seus filhos e isso chega normalmente de forma muito deturpada ou fragmentada ao conhecimento dos Surdos. O professor deve, portanto, estar instrumentalizado para discutir o assunto com os seus alunos para que eles possam compreender a que se refere o implante coclear, as vantagens apregoadas pelos médicos, os riscos e as limitações. Obviamente, a escolha com relação ao implante coclear é das famílias, mas no quinto ano os alunos têm o direito de saber mais a respeito e de serem indagados do seu desejo ou não de realizar a cirurgia. Podemos dizer que todos os aspectos relacionados à fala e à audição do Surdo fazem parte de sua cultura e, assim, devem ser de seu conhecimento e motivo de conversas e discussão. Os próprios alunos poderão pesquisar a respeito e poderá se fazer um pequeno fórum de discussão entre eles, em que alguns defendem o implante coclear e outros se colocam contra o mesmo. Isso enriquecerá o conhecimento sobre o assunto e possibilitará o exercício de habilidades importantes no uso da língua como argumentação, coerência, causalidade, uso de hipóteses, etc.

Para não repetirmos o que já colocamos nos livros das outras séries, vamos apenas elencar aspectos importantes que não podem ser esquecidos:

- Forneça informações além daquelas esperadas para o espaço escolar sempre que possível e procure estabelecer relações causais significativas que demonstrem como e porque as coisas acontecem.
- É importante que o Surdo tenha um espaço para discutir o que a surdez tem de implicações para ele, ou melhor, o que a surdez o impede ou não de fazer e as formas de superar esses impedimentos.
- Trazer sempre à tona os assuntos ligados aos direitos e aos deveres e a necessidade de se batalhar para que os direitos sejam respeitados, mas que para isso aconteça é necessário agir com respeito ao outro também.
- Os sentimentos devem sempre ser pauta de aula e o professor deve estar atento aos sentimentos que estão presentes na sala de aula, não permitindo que eles apareçam como explosões não esperadas, mas fazendo com que os alunos possam refletir sobre os sentimentos, nomeá-los e externá-los de forma que possam ser conhecidos, mas sem agredir o outro.
- O professor deve deixar claro quais são as responsabilidades dos alunos e quais as normas que devem ser seguidas. Esse preparo para o mundo exterior é importante e a escola bilíngue é o local por excelência onde ele pode se dar.
- O gênero de teatro deve continuar a ser explorado como forma de se expressar sentimentos e situações de conflitos, assim como para fazer com que os alunos se apropriem de textos mais complexos que lidam com os sentimentos de todo ser humano.

- Lembre-se: a linguagem só pode ser adquirida se for usada em situações significativas e agradáveis.
 - A atmosfera na sala de aula sempre tem que ser positiva e respeitosa com todos os alunos, não importa a proficiência linguística nem as habilidades que eles tenham (ou não tenham).
 - A ação comunicativa deve ser agradável para ambas as partes: alunos e professores. Todos devem ter a oportunidade de usufruir das situações e o professor deve aproveitar toda e qualquer situação para mostrar algo novo ou fazer o aluno perceber algo inusitado.
 - O aluno deve ser levado gradativamente a se tornar mais e mais independente, buscando respostas fora de sala de aula e trazendo o que descobriu para todos. Esse tipo de movimento reforça a autoestima e o desejo de aprender.
- Bom trabalho!

APRESENTAÇÕES

UNIDADE

1

ATIVIDADE 1

Apresentação dos alunos e do professor

Objetivos

- Integrar o grupo.
- Divulgar sinais e nomes dos alunos.
- Propor expectativas e encaminhamentos para o ano letivo.
- Utilizar o registro como fonte de informações.
- Estabelecer o diálogo com o grupo.
- Perceber e respeitar os diferentes turnos na comunicação (momentos de entrada no discurso).
- Descrever pessoas, objetos e espaços físicos.
- Expressar sentimentos.

Encaminhamento

Inicie as atividades com a apresentação dos alunos. Peça para os alunos se identificarem apresentando o sinal e digitando o próprio nome.

Em duplas, solicite que um aluno entreviste um colega seguindo o seguinte roteiro:

- Nome.
- Dia e mês do aniversário.
- Uma lembrança das férias.
- O que ele espera aprender no quinto ano.
- Um sentimento que expresse o início das atividades.
- Um medo em relação ao ano.

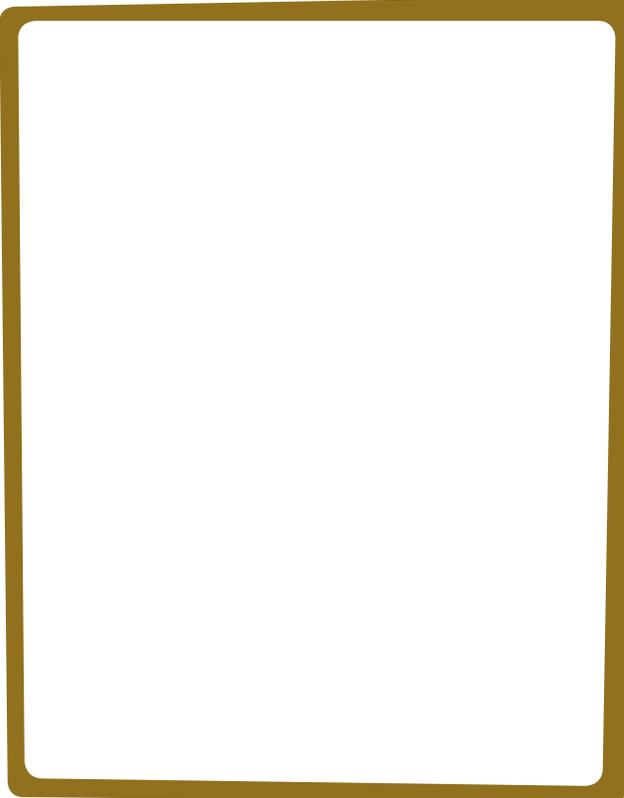
O aluno A entrevista o B e registra as informações no livro do aluno.

Prossiga a atividade alternando os componentes da dupla.

Socialize as informações no formato de notícia televisiva: os alunos A e B assumem posição de destaque na sala de aula,

ATIVIDADE 1 Apresentação dos alunos e do professor

Registre os dados do seu colega que você levantou durante a entrevista.



12

◀ CAPERNOS DE APOIO E APRENDIZAGEM • SMESP ▶

posicionando-se à frente do grupo.

Incentive os alunos a utilizarem seus registros na apresentação dos colegas.

Dicas

- Una duas salas de 5º ano e sorteie as duplas para realizarem a atividade.
- Filme a atividade e apresente ao grupo.
- Fotografe alguns momentos para fazer o registro no mural da escola.

ATIVIDADE 2

Medos e Desejos

Objetivos

- Elencar diferentes propostas para o início do 5º ano.
- Discutir as ideias apresentadas.
- Estabelecer metas pessoais e grupais.

Encaminhamento

Solicite às duplas que continuem trabalhando juntas.

As duplas deverão rever seus medos, contrapondo-os com as propostas de trabalho sugeridas para o 5º ano, levantando sugestões para melhor enfrentá-los.

Solicite ao aluno entrevistador que retome o tema “expectativas e medos” com o colega, questionando sobre caminhos possíveis para realizá-las e sugestões para enfrentá-los.

Socialize as discussões das duplas: estratégias para vencerem o medo e metas propostas para o ano letivo.

Faça um mural coletivo utilizando imagens de revistas e jornais que sintetizem as expectativas do grupo.

ATIVIDADE 2 Medos e Desejos

Preencha o quadro.

O que desejamos para o 5º ano.	O que faremos para concretizar.
	

Medos.



Como enfrentá-los.



ATIVIDADE 3

Diversidade de olhares

Objetivos

- Socializar a diversidade dos olhares para o 5º ano.
- Discutir sentimentos.
- Propor mudanças.
- Encaminhamento.

Encaminhamento

Organize com o seu grupo um mural com diferentes olhares retirados de revistas, jornais: assustado, nervoso, tranquilo, sossegado, feliz, ansioso, aterrorizado, disperso, aflito, etc. Discuta a imagem e analise com os alunos o que cada olhar transmite.

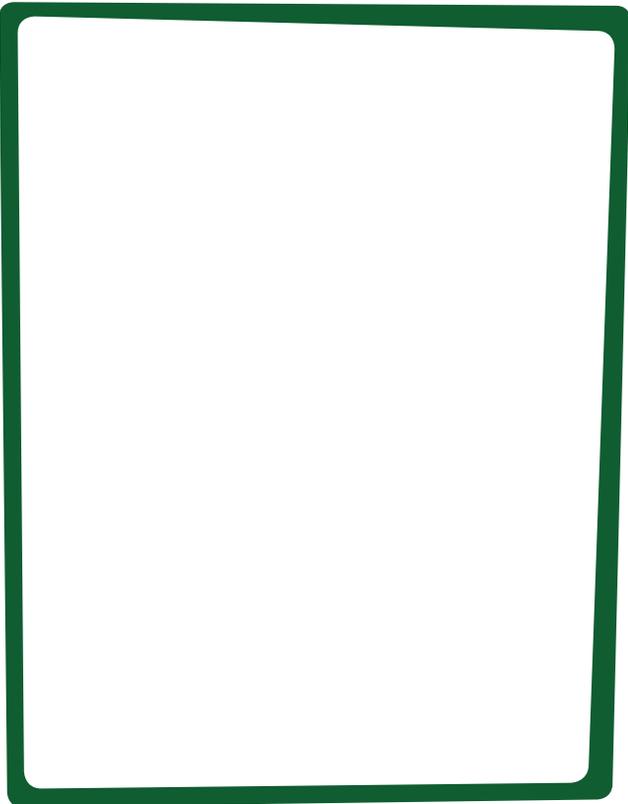
Fotografe os olhares de seus alunos e prepare as fotos com o recorte só dos olhares para que cada um reconheça os colegas e se reconheça também. Discuta com os alunos o que os olhares do grupo parecem mostrar e relacione-os às expectativas do novo ano que se inicia.

Em seguida, solicite ao grupo que crie antídotos* para os sentimentos que o aborrece, visando transformá-los.

Faça um mural apresentando a diversidade dos olhares do 5º ano. Disponha a turma em círculo e peça que observe a imagem com atenção. Cada um deve escolher uma imagem para reproduzir utilizando apenas expressão facial. A turma deve

ATIVIDADE 3 Diversidade de Olhares

Cole os recortes das fotos dos olhares de cada integrante da turma e identifique cada um deles.



LIBRAS • 5º ANO

15

observar a representação e identificar qual a imagem escolhida. Repita a atividade até que a maioria das expressões seja representada marcando as já escolhidas, pois não deverão ser repetidas nas próximas rodadas.

* Antídoto aqui deve ser entendido como um meio pelo qual se neutralizam os efeitos do medo.

ATIVIDADE 4

Sentimentos

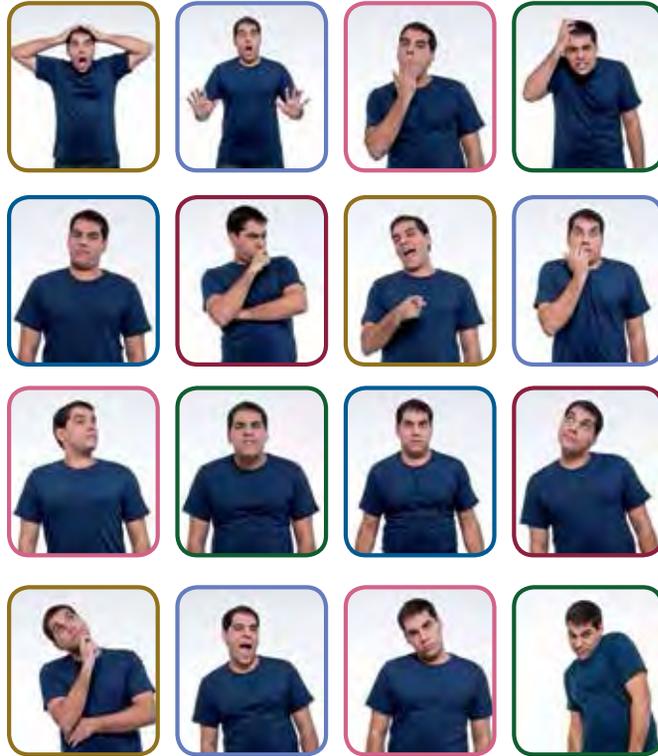
Encaminhamento

Incentive o grupo a falar sobre seus sentimentos em relação:

- Ao retorno às aulas.
- Aos novos professores.
- Às disciplinas apresentadas.
- Às regras da classe e da escola.
- Ao compromisso com o grupo para o 5º ano.

ATIVIDADE 4 Sentimentos

1) Circule os sentimentos que incomodam você.



2) Crie um antídoto para neutralizar esses sentimentos.

Sentimento.

Antídoto.



Sentimento.

Antídoto.



ATIVIDADE 5

Arte em discurso Olhares

Encaminhamento

Nas atividades anteriores o foco foi refletir sobre possibilidades de transformar sentimentos que nos incomodam e angustiam em outros mais positivos a partir da discussão e das sugestões do grupo.

Solicite aos alunos uma releitura do mural dos olhares, propondo mudanças em relação ao primeiro olhar.

Disponibilize cópias dos olhares dos alunos (os mesmos da atividade anterior – Diversidade dos olhares) e providencie tesouras, lápis colorido, tinta, pincéis, cola, revistas e jornais para o grupo realizar a atividade.

O mural deve ser coletivo, os alunos podem reorganizar os olhares de outra maneira, refazer o mural, ou propor outras mudanças conforme as discussões no grupo forem se encaminhando.

Compare com o grupo as duas produções e discuta em que se assemelham e no que diferem. Faça perguntas como:

- A mensagem inicial mudou?
- O que a releitura propôs de novidade?
O que não mudou?
- Você se sente representado nesta imagem?
Por quê?
- Como foi a sua participação no grupo?
Você propôs ideias?

Finalize a atividade com um abraço coletivo.

ATIVIDADE 5 Arte em discurso - Olhares



Leonardo da Vinci
A Gioconda



Chuck Baird
Color



Monet
O Lago das Ninfeias



Botero
La Mona Lisa



Van Gogh
O Quarto



Edward Munch
O Grito

ATIVIDADE 6

Releitura em Grupo A arte de Chuck Baird

Objetivos

- Apreciar a arte de Chuck Baird – artista surdo.
- Discutir sentimentos, ideias e emoções presentes na arte.
- Conhecer um artista surdo e suas obras.
- Conhecer representantes expressivos da história da arte.

Encaminhamento

Sugerimos algumas obras de arte para discutir sentimentos, ideias e emoções.

Ofereça um tempo para o aluno olhar, sentir, perceber, apreciar e discutir a arte no grupo.

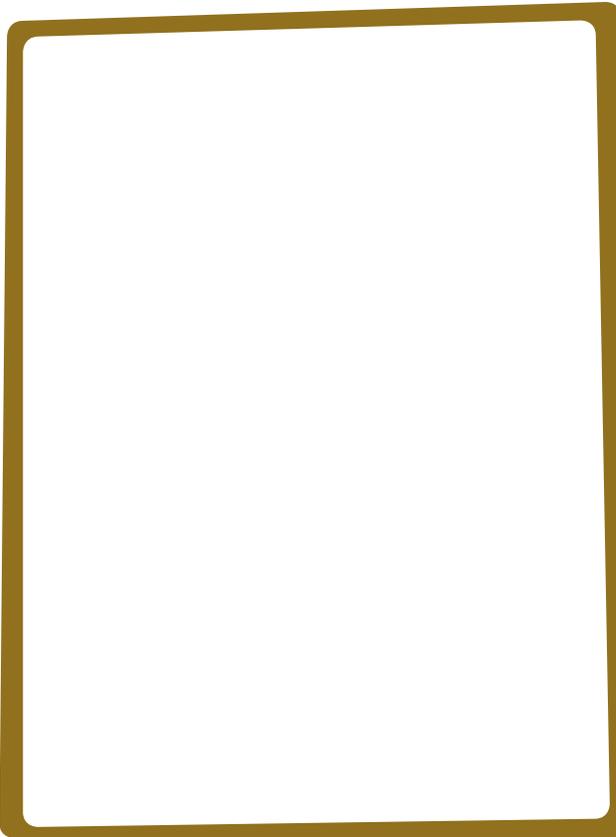
Apresente o material com algumas obras de Chuck Baird aos alunos, mas não comente que o autor é surdo.

Pergunte aos alunos:

- Que sentimentos as imagens despertam?
- Que lembranças trazem?
- Se uma dessas obras fosse pintada por um artista surdo, qual seria? Por quê?
- Se essa é uma pintura fácil ou difícil de fazer.
- Se já viram obras de arte semelhante a essas.
- Se conhecem pintores ou artistas surdos.

ATIVIDADE 6 Releitura em Grupo – As Obras de Chuck Baird

Crie uma imagem a partir das pinturas e da discussão com o seu grupo.



ATIVIDADE 8

Debate - Susan Dupor

Objetivos

- Desenvolver a argumentação.
- Desenvolver clareza ao se expressar.
- Expor ideias.
- Respeitar os turnos de fala.

Encaminhamento

Informe aos alunos sobre o autor deste trabalho, a pintora Susan Dupor, e sua biografia. Solicite aos alunos que conversem sobre a imagem apresentada.

Lance perguntas ao grupo:

- Que sentimentos a imagem desperta em cada um?
- Que lembranças a imagem traz?
- O que a artista quis mostrar?
- Onde a criança poderia estar?
- Quem poderia estar segurando o rosto dela?

A partir das diferentes colocações escolha um tema ou questão que propicie um debate. Divida a classe em dois grupos, definindo que metade da classe defenderá um lado da questão escolhida e a outra metade defenderá uma opinião oposta. Caso seja necessário, amplie as informações de ambos os grupos, propondo pesquisas na internet, em livros, jornais e outros materiais que julgar interessantes.

Fixe o tempo para exposição das ideias: enquanto um expõe o seu argumento os outros devem aguardar e depois será a vez do oponente. Isso ajuda a desenvolver o respeito pelo turno do outro e faz com que os alunos

ATIVIDADE 7 Debate - Susan Dupor

Faça uma releitura dessa imagem a partir das ideias debatidas com o seu grupo.



Susan Dupor
Coerce

aprendam a prestar atenção nos argumentos usados.

Desempenhe o papel de mediador e ajude os alunos a melhorarem seus argumentos. Aponte quando os alunos estiverem sendo repetitivos e valorize quando apresentam novas ideias para a discussão.

ATIVIDADE 9

Trocando informações

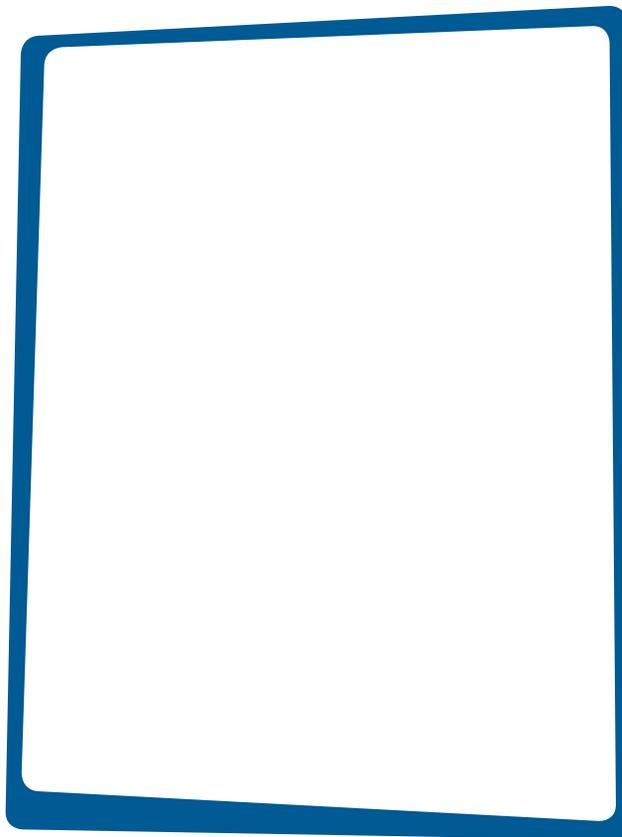
Objetivos

- Desenvolver a habilidade de expor um assunto.
- Desenvolver clareza ao se expressar.
- Expressar sentimentos.

Encaminhamento

Combine com os alunos a realização de rodas de conversa que envolvam diferentes grupos (faixa etária, anos do ciclo, etc). Periodicamente, uma vez por mês, ou com mais frequência se for possível, ofereça aos alunos a possibilidade de trocarem informações sobre um assunto escolhido por eles. Esses encontros devem propiciar interações linguísticas que ajudem os alunos a aprenderem a esperar seu turno na comunicação quando em grupo com mais pessoas. Além disso, diferentes linguagens/formas de dizer estarão presentes, possibilitando que os estudantes aprendam formas diversas de se expressar. Nesses encontros um professor deverá ficar responsável pela coordenação do trabalho e ter presente a coerência textual do que está sendo dito, fazendo as intervenções para que não ocorra perda do foco sobre assunto discutido, redirecionando a conversa para que esta retorne ao que foi proposto inicialmente.

ATIVIDADE 8 Trocando informações



JOGOS

UNIDADE

2

JOGOS

Objetivos

- Ampliar o repertório de jogos.
- Conhecer as regras de diferentes jogos.
- Desenvolver atitudes cooperativas.
- Desenvolver habilidade em estratégias.
- Utilizar a língua de sinais em contextos lúdicos.

ATIVIDADE 1

Jogo - Mancala

Objetivos

- Pesquisar a origem do jogo e suas características históricas.
- Expor um tema ou assunto para o grupo.
- Assumir o papel de expositor

Encaminhamento

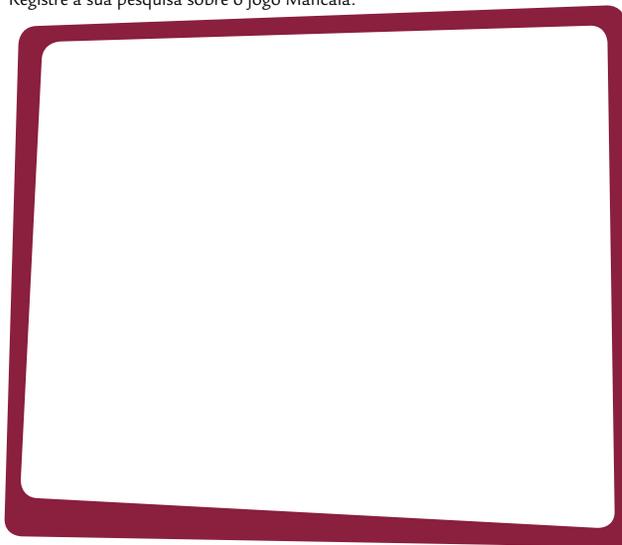
Solicite aos alunos que façam duplas e pesquisem na internet ou em livros a origem do jogo e suas características históricas, bem como a diversidade dos nomes pelos quais este jogo é conhecido e as variações das regras. Cada dupla deverá apresentar ao grupo sua pesquisa em forma de seminário. Estipule o tempo para a apresentação de cada grupo.

ATIVIDADE 1 Jogo - Mancala

Video nº 1



Registre a sua pesquisa sobre o jogo Mancala.



24

◀ CAPERNOS DE APOIO E APRENDIZAGEM • SMESP ▶

Dicas

- Socialize sites da internet com jogos online como atividade extraclasse:
www.jogajogos.com
www.come2play.com
www.freeonlinepcgames.net
<http://qplaygames.ojogos.com.br>
- Discuta com os alunos quais jogos eles acessaram, pois as regras podem variar.

ATIVIDADES 2 A 5

Jogo lógico e linguístico

Objetivos

- Adequar respostas em função de perguntas.
- Desenvolver organização e processamento de informações recebidas.
- Discutir procedimentos de organização.
- Diferenciar sentenças afirmativas, negativas e interrogativas.

Encaminhamento

Solicite aos alunos que recortem as cartas do baralho com o qual trabalharão (são três baralhos, um em cada anexo: 1, 2 e 3). São baralhos diferentes, dois com 9 cartas e um com 12. Comece o trabalho com um dos baralhos de 9 cartas. Assista ao vídeo com as instruções gerais, interrompa e discuta com os alunos o que entenderam. Depois, assista a primeira história, na sequência, e deixe-os montar o quadrado de resposta seguindo as orientações. Organizar as cartas corretamente possibilita boas respostas às perguntas. Repasse o vídeo quantas vezes forem necessárias. Em seguida veja se os alunos conseguem responder às perguntas colocadas. Os alunos devem atentar para as perguntas a fim de responder exatamente o que é perguntado. Nas primeiras vezes que os alunos realizarem essa atividade, oriente-os a fazer o registro no livro. Depois, faça a atividade sem repetir o registro, usando apenas o baralho. Ao final das atividades, peça aos alunos que expliquem como montaram o

ATIVIDADE 2 Jogo lógico e linguístico

Recorte as cartas em anexo para jogar.

 **Vídeo nº 2**

História nº ____

Registre aqui o modo como você dispôs as cartas e compare com a disposição das cartas de um colega.

 **Vídeo nº 3** Para ver as respostas, assista ao vídeo.

LIBRAS • 5º ANO

25

quadrado de respostas. Procure nos anexos deste caderno as histórias para sinalizar para os alunos e também o quadro de respostas.

Instruções

Preste atenção nas orientações do vídeo para montar um quadrado com as cartas. Em cada linha você coloca uma pessoa, a idade de uma delas e um animal de estimação. As orientações não tratam de todas as cartas, mas você poderá deduzir onde se en-

caixam essas cartas.

Assim, você poderá responder às perguntas feitas. Então, fique atento(a) às histórias e responda às perguntas.

ATIVIDADE 3 Jogo lógico e linguístico

Circule o baralho usado nesta atividade:



História n° ____

Registre aqui o modo como você dispôs as cartas e compare com a disposição das cartas de um colega.



Para ver as respostas assista ao vídeo

ATIVIDADE 4 Jogo lógico e linguístico

Circule o baralho usado nesta atividade:



História nº ____

Registre aqui o modo como você dispôs as cartas e compare com a disposição das cartas de um colega.



Para ver as respostas assista ao vídeo

ATIVIDADE 5 Jogo lógico e linguístico

Circule o baralho usado nesta atividade:



Preste atenção na história que será contada pelo seu professor. Registre aqui o modo como você dispôs as cartas e compare com a disposição das cartas de um colega.

HISTÓRIAS

UNIDADE

3

CONTOS TRADICIONAIS

Objetivos

- Reconhecer a estrutura de um conto tradicional e suas características literárias.
- Desenvolver a habilidade de contar e recontar histórias.
- Utilizar corretamente os parâmetros e a gramática da Libras.
- Reconhecer e utilizar classificadores em Libras.
- Ampliar vocabulário e o repertório linguístico.
- Desenvolver a habilidade de utilizar os espaços e movimentos corporais para indicar pronomes e as personagens em ação durante a contação de histórias (dêixis e anáfora).
- Utilizar diferentes tipos de frases.
- Reconhecer e utilizar metáforas em Libras.
- Utilizar marcadores para organizar a narrativa.
- Identificar morfemas em Libras através da identificação de parâmetros.

ATIVIDADE 1 Conto tradicional - O Gato de Botas

Encaminhamento

Convide a turma para assistir ao vídeo com o conto O Gato de Botas, em Libras, apresentando primeiramente o autor desse conto. Explique que na época em que vivia Charles Perrault (século XVII) os contos de fadas eram histórias criadas para adultos, que nessa época não havia uma preocupação

ATIVIDADE 1 Conto Tradicional - O Gato de Botas

Assista ao vídeo com a história "O Gato de Botas" de Gustavo Mazali e Poly Bernatene.

MAZALI, G.; BERNATENE, P.; **Os mais belos contos de Perrault.**
1ª Ed. São Paulo. Ciranda Cultural: 2008.

Video nº 8

Você gostou da história?



1) Observe o marcador abaixo e divida a história em 5 partes. Registre no espaço abaixo.



30

CAPERNOS DE APOIO E APRENDIZAGEM • SMESP

em escrever para crianças. Fale também sobre os outros títulos de Perrault: Chapeuzinho Vermelho, A Bela Adormecida, Cinderela.

Converse com a turma sobre suas impressões a respeito da história. Pergunte sobre as atitudes e decisões tomadas pelos personagens. Provoque situações onde se discutam conceitos sobre certo e errado.

Faça um levantamento sobre os personagens com as quais os alunos se identificaram e o por-

quê de suas escolhas.

Proponha um momento para o reconto. Permita que os alunos se ofereçam para fazer o reconto. Os alunos que não se candidatarem para esta etapa deverão ser convidados a contar um trecho que tenha despertado sua atenção, ou completar o reconto caso alguma parte não tenha sido contemplada.

Proponha a divisão da história em cinco partes, evidenciando o uso de marcadores. Discuta com a turma que as partes mar-

cadaver devem representar as cinco partes mais importantes da história. Retome-as referindo-se aos marcadores manuais para que sejam comentadas sem que uma se confunda com a outra. Isso pode ser feito de forma saltada, para que os alunos exercitem a memória da localização de cada parte nos marcadores.

Dicas

- Incentive seus alunos a registrar suas respostas. Este registro pode ser feito de diversas formas: por desenho, por escrita, fotos de sinais, recortes de revistas, desenho de sinal, sign writing, ou outro recurso elaborado pelo grupo. É importante que o grupo combine uma forma de registro que favoreça a retomada. Filmar as atividades é uma excelente maneira de levar os alunos a refletir tanto sobre suas escolhas e posturas frente ao grupo como sobre sua fluência em Libras.

Anexo

A íntegra do texto no Anexo do Professor

2) Pesquise em livros de contos de fadas ou na internet outras versões do conto O Gato de Botas. Registre abaixo as diferenças entre a versão pesquisada e a apresentada na aula. Depois, conte para os colegas o resultado de sua pesquisa.

3) Registre abaixo as respostas às perguntas:

a) Por que o pai, ao dividir a herança, deixou apenas o Gato ao filho mais novo?



Empty rounded rectangular box for recording the answer to question a.

b) Por que o Gato de Botas enviava presentes para o Rei e dizia que eram do Marquês de Carabás?



Empty rounded rectangular box for recording the answer to question b.

c) O Gato mandou o filho do moleiro tirar as roupas e fingir que estava se afogando quando o Rei passava perto do rio. Por quê?



d) Qual das metáforas abaixo combina com este trecho na história?



e) Quais foram os planos do Gato para transformar o rapaz no Marquês de Carabás?



4) Observe as imagens abaixo e represente para a turma usando apenas classificadores descritivos:



5) Pares mínimos são sinais que têm apenas um parâmetro diferente.

Exemplo: Evitar e boi.

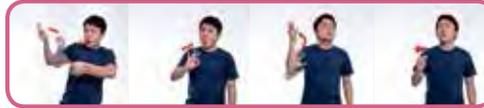


Ligue os sinais que são pares mínimos:



6) O que aconteceria se:

a) O Gato não tivesse conseguido comer o gigante?



Empty rounded rectangular box for the answer to question a).

b) O Rei descobrisse que, na verdade, o Marquês de Carabás era um rapaz pobre?



Empty rounded rectangular box for the answer to question b).

c)



ATIVIDADE 2

Jogo pares mínimos

Encaminhamento

Discuta com os alunos quais sinais são parecidos, mas se opõem quanto: ao movimento, à configuração, à locação, à orientação das mãos ou expressão facial. Divida a sala em equipes e marque quantos pares mínimos cada grupo consegue encontrar.

Regras do Jogo:

O desafio deste jogo é encontrar o maior número de pares mínimos segundo cada parâmetro:

Sinais que se opõem apenas quanto **ao movimento**. Exemplos: AVISO X ENERGIA, REMÉDIO X PERA, BANANA X MÊS, ESCURO X CLARO, POR FAVOR X NAVIO, QUEIJO X RIR, QUENTE X RÁPIDO.

Sinais que se opõem quanto à **orientação de mãos**. Exemplos: EU DIGO PARA VOCÊ X VOCÊ DIZ PARA MIM, QUERO X NÃO QUERO, TRABALHAR X TELEVISÃO, ABRIR X FECHAR.

Sinais que se opõem quanto à **expressão facial ou corporal**.

Exemplos:

OCUPADO X NÃO PODE,, SÁBADO X LARANJA AZEDA, SURPRESA X SUSTO.

Sinais que se opõem quanto à **locação**. Exemplos:

MEDO X DOR DE CABECA, LÁPIS X PAPAÍ, CORAÇÃO X SEGUIR, ROSA X ROXO, CONSEGUIR X DE NOVO, SÃO PAULO X PALMEIRAS.

Sinais que se opõem quanto à **configuração de mão**. Exemplos: PALESTRA X ADVOGADO, BANHEIRO X RELÓGIO, 2ª FEIRA

ATIVIDADE 2 Jogo pares mínimos



Vídeo nº 9

ATIVIDADE 3 Fábula - O Sapo e o Boi

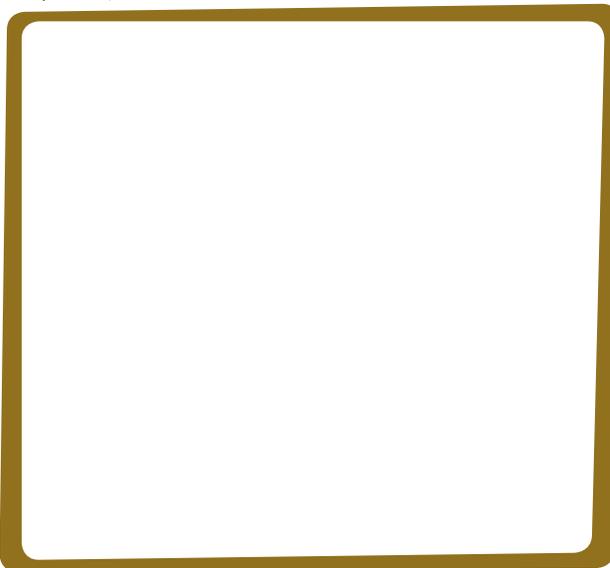
Assista ao vídeo com a fábula "O Sapo e o Boi" do livro Fábulas de Esopo compiladas por Russell Ash e Bernard Highton.

ASH, R; HIGTON, B.; **Fábulas de Esopo**. 7ª Ed. São Paulo. Cia das Letrinhas: 1996



Vídeo nº 10

1) Registre a moral da fábula, apresente o seu registro para os colegas e discuta as representações feitas.



38

◀ CAPERNOS DE APOIO E APRENDIZAGEM • SMESP ▶

X 3ª FEIRA, FALTA X PAPEL, LEGAL X EUA, MENTIR X TEIMOSO, HABITUADO X CURSO, SOFRER X FOME.

ATIVIDADE 3

Fábula - O Sapo e o Boi

Objetivos

- Conhecer o gênero fábula.
- Compreender fábulas em Libras, estabelecendo conexões com os conhecimentos prévios,

vivências, crenças e valores.

- Reconhecer e utilizar graus comparativos de igualdade, superioridade e inferioridade.
- Conhecer e utilizar antônimos em Libras.

Encaminhamento

Apresente o vídeo com a fábula O Sapo e o Boi, em Libras. Assista ao vídeo com os alunos e discuta a compreensão do grupo. Informe aos alunos que se trata de um tipo de texto narrativo em que os personagens são, na

maioria das vezes, animais que pensam, sentem e agem como se fossem humanos. As fábulas sempre trazem como objetivo uma lição de moral.

Converse com a turma sobre a fábula já ser conhecida do grupo ou se esta história lembra alguma outra que ela saiba.

Pergunte se já aconteceu com os alunos o fato de verem alguém e se sentirem como o sapo; alguém que tenha despertado neles o desejo de ser igual. Peça para contarem como foi.

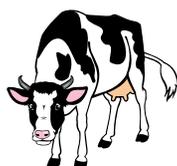
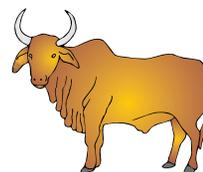
Organize uma discussão sobre o fato de existirem pessoas que não se aceitam como são e acreditam que buscando ser como os outros encontrarão a felicidade.

Fale sobre a diferença entre inveja e admiração. Pergunte se há alguém que admiram a ponto de desejar ser igual e peça para que expliquem o porquê.

Anexo

A íntegra do texto no Anexo do Professor

2) Ligue os personagens da coluna da esquerda com os da direita, utilizando comparativos de igualdade pelo tamanho.



3) Ligue o boi aos animais, utilizando comparativo de superioridade corretamente.



4) Comparando-se o tamanho da rã em relação ao boi, marque com um X o sinal comparativo correto:



5) Responda às perguntas abaixo utilizando comparativos. Marque certo ou errado para a posição das personagens sugeridas:

a) Quem é mais invejosa?



b) Quem é mais forte?



6) Observe os sinais abaixo e indique um antônimo para cada sinal. Você pode registrar sua resposta por desenho, foto do sinal ou por escrita.



LENDA

Objetivos

- Ampliar o conhecimento sobre o gênero lenda.
- Compreender lendas em Libras, estabelecendo conexões com os conhecimentos prévios, vivências, crenças e valores.
- Compreender a função do narrador na história.
- Desenvolver a habilidade de enumerar elementos que compõem as histórias.
- Estimular a prática do uso correto do processo dêitico e anafórico.
- Desenvolver a habilidade de descrição dos espaços do contexto da história.

ATIVIDADE 4

Lenda - Vitória Régia

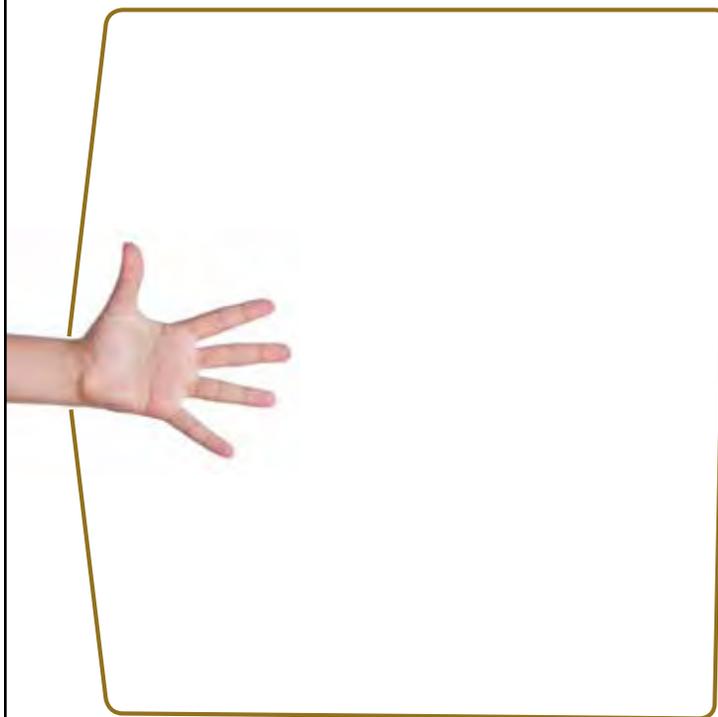
Encaminhamento

Apresente o vídeo com a Lenda da Vitória-Régia, em Libras. Converse com os alunos oferecendo oportunidades de aprofundar discussões sobre a história de acordo com o nível de compreensão do grupo. Se necessário, reapresente o vídeo. Discuta questões sobre as decisões tomadas pelo personagem ou as partes que mais chamaram a atenção do grupo. Com um colega da turma, conte a história de forma que um assuma o papel de narrador e o outro faça a fala da personagem correspondente ao trecho indicado pelo narrador.

ATIVIDADE 4 Lenda - Vitória Régia



1) Escolha elementos da história que você possa enumerar e registre no esquema abaixo. Conte para sua turma quais elementos você escolheu.



2) Observe as imagens abaixo e escolha uma delas para descrever para seus colegas. Depois, escolha um dos pontos marcados (A B C) e não conte para ninguém. Descreva a paisagem de acordo com o ponto de vista que você escolheu.



Banco de Imagens Shutterstock

ATIVIDADE 5

Lenda - Boitatá

Objetivos

- Compreender lenda em Libras, estabelecendo conexões com os conhecimentos prévios, vivências, crenças e valores.
- Proporcionar discussões sobre os personagens e suas atitudes e decisões.
- Desenvolver a utilização de classificadores descritivos.
- Relacionar elementos da história com a realidade.

Encaminhamento

Apresente o vídeo e discuta a compreensão do grupo.

Converse com a turma sobre as diferentes versões desta história encontradas no Norte e no Nordeste brasileiro e, se possível, pesquise com os alunos.

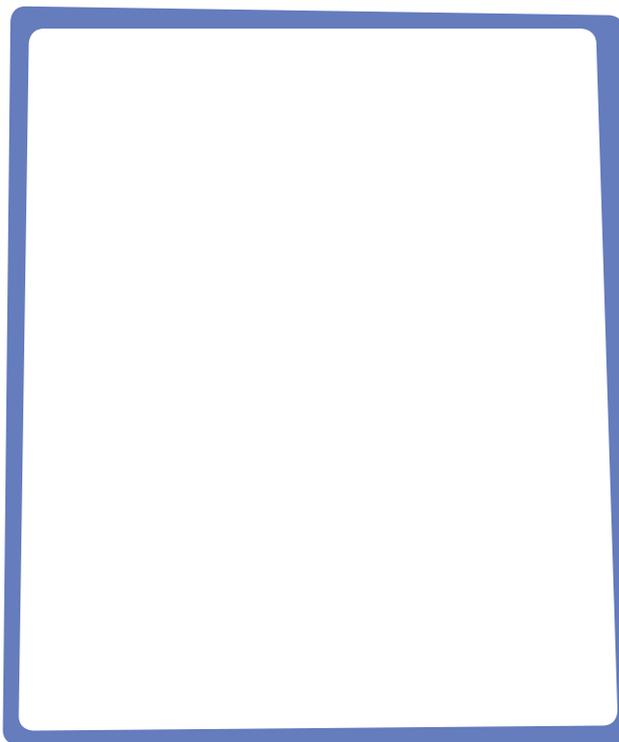
Faça um levantamento sobre as hipóteses da turma sobre a história tratar-se de verdade ou ficção. Sendo essa história uma forma popular de explicar fenômenos, pergunte também se ela corresponde a algum fenômeno que conhecem.

Discuta também o porquê de se realizarem as queimadas, os efeitos que as queimadas têm para a natureza e as alternativas para que não aconteça a destruição do meio ambiente.

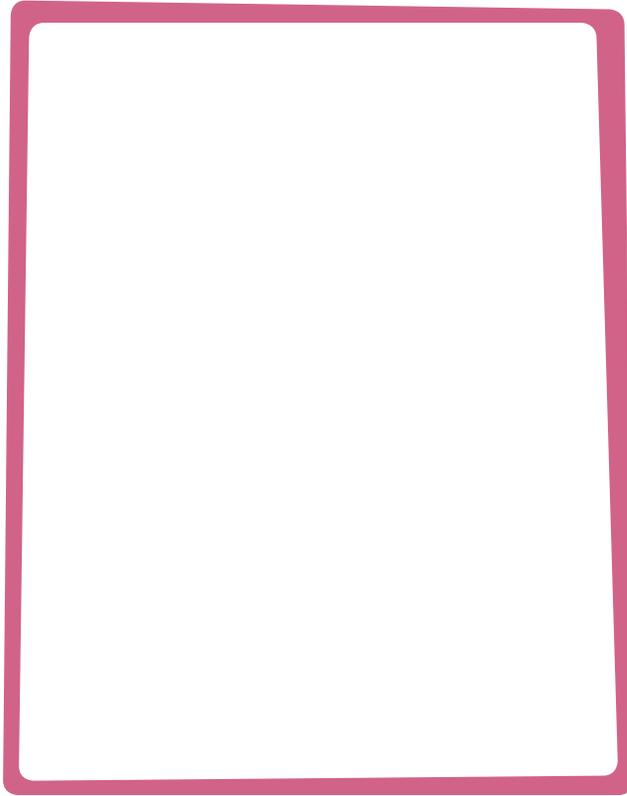
ATIVIDADE 5 Lenda - Boitatá



1) Que outras histórias fantásticas você conhece? Registre no quadro abaixo e conte para a sua turma.



2) Veja novamente o vídeo com a lenda do Boitatá e observe como ele é descrito. Faça um desenho com as características que você viu e depois compare com seus colegas.



MITO

Objetivos

- Conhecer o gênero mito.
- Ampliar o vocabulário e proporcionar o desenvolvimento da proficiência em Libras.
- Observar a presença de classificadores na narrativa e exercitar o uso dos mesmos.
- Relacionar os elementos que formam o enredo do mito com acontecimentos do cotidiano.
- Refletir sobre valores nas relações pessoais.

ATIVIDADE 6

Mito - Eros e Psiquê

Encaminhamento

Apresente o vídeo com o mito Eros e Psiquê, em Libras. Discuta com a sua turma quais impressões a história causou.

Faça um levantamento das características físicas e comportamentais de cada personagem. Proponha ao grupo um debate; apresente imagens que representem cada personagem separadamente e proponha ao grupo momentos para falar sobre a personalidade e as atitudes de cada um.

Investigue como a turma reconhece os conceitos de certo e errado.

Utilize duas fichas: uma com a imagem do sinal “bom” e outra com o sinal “mau” (anexo 6). Apresente uma ficha de cada vez. Primeiramente mostre uma ficha e peça para os alunos falarem sobre os personagens que se enquadram naquela caracte-

ATIVIDADE 6 Mito - Eros e Psiquê

 **Vídeo nº 13**

1) Escolha um dos personagens com o qual você mais se identificou na história e registre no quadro abaixo:

LIBRAS • 5º ANO 47

rística. Ao final mostre a ficha com o outro sinal e peça que façam o mesmo.

Discuta com a turma o fato de que os personagens podem ser citados nos dois momentos e que é natural que as pessoas tenham atitudes boas e más no dia a dia. Caso isso não aconteça, provoque discussões sobre este aspecto.

Pergunte à turma se conhece alguém com as mesmas características e como essa pessoa se comporta.

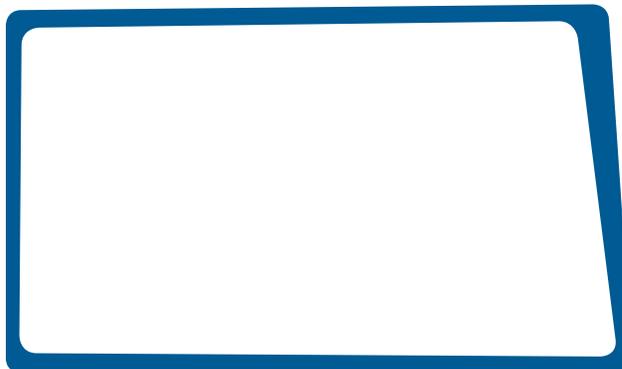
Pergunte também se os próprios alunos já se comportaram da mesma forma.

Oriente uma conversa sobre quais aspectos são importantes para que um relacionamento amoroso dê certo.

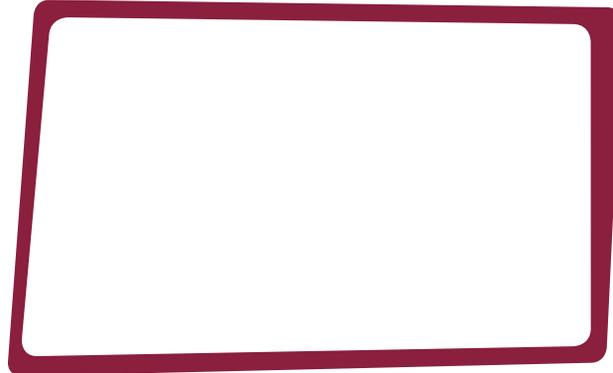
Proporcione o momento do relato. Os alunos podem ser filmados recontando a história em duplas. Um aluno sinaliza e o outro garante que nenhum ponto da história seja deixado de lado. Observe e encaminhe a organização dos alunos para

que o trabalho seja realizado de forma satisfatória. Eles podem se organizar fazendo cartazes com imagens ou palavras que possam auxiliá-los no reconto. Durante a análise do reconto encaminhe os alunos para que observem como foi feita a marcação dos personagens, se utilizam corretamente o processo anafórico, tempo verbal em Libras e se representam corretamente os espaços.

2) Pesquise em revistas ou na internet imagens de obras de artistas famosos que retratam personagens mitológicos e cole abaixo:



3) Se você fosse um personagem da história, qual atitude você mudaria? Registre sua resposta no espaço abaixo:



4) Relacione os personagens do mito, de acordo com os sentimentos propostos:



ATIVIDADE 7

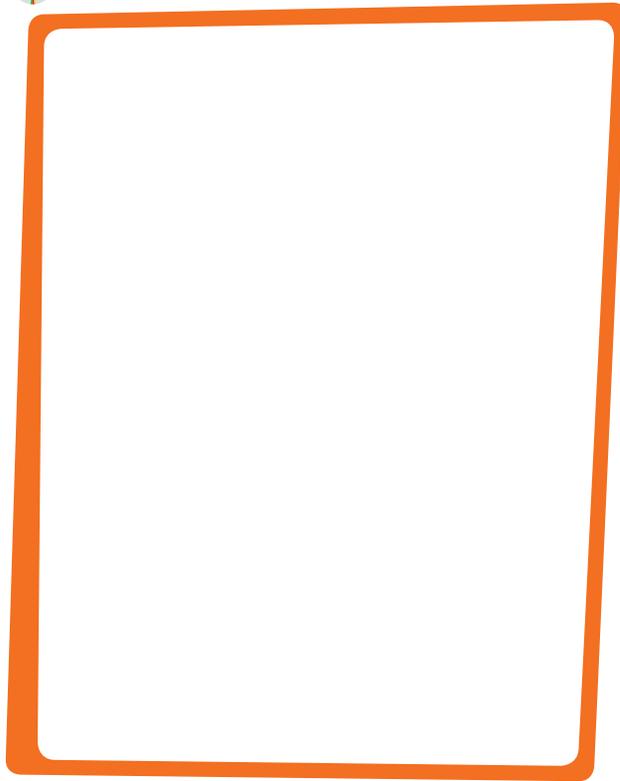
Refletindo sobre a Libras - Classificadores

Encaminhamento

Apresente o vídeo Refletindo sobre a Libras - Classificadores, e faça um levantamento de possíveis sinais que os alunos não conheciam e peça à turma que analise a presença de classificadores no vídeo do mito Eros e Psiquê. Peça aos alunos para identificarem a presença de classificadores em suas próprias produções.

ATIVIDADE 7 Refletindo sobre a Libras - Classificadores

Assista ao vídeo com a interpretação do texto “Classificadores” de Tanya A. Felipe.



ATIVIDADE 8

Mito - A Caixa de Pandora

Encaminhamento

Apresente o vídeo com o mito. Discuta com a sua turma quais impressões a história causou. Faça um levantamento das características físicas e comportamentais de cada personagem. Proponha ao grupo um debate: apresente imagens que representem cada personagem separadamente e proponha ao grupo momentos para falar sobre a personalidade e as atitudes de cada um. Investigue como a turma reconhece os conceitos de certo e errado. Pergunte à turma se conhece alguém com as mesmas características e como essa pessoa se comporta. Pergunte também se os alunos já se comportaram de forma semelhante. Proporcionar o momento do reconto do mito. Os alunos podem ser filmados recontando a história, em duplas: um aluno sinaliza e o outro garante que nenhum ponto da história seja deixado de lado. Observe e encaminhe a organização dos alunos para que o trabalho seja realizado de forma satisfatória. Eles podem se organizar fazendo cartazes com imagens ou palavras que possam auxiliá-los no reconto. Durante a análise do reconto, encaminhe os alunos para que observem como foi feita a marcação dos personagens, se utilizam corretamente o processo anafórico, tempo verbal em Libras e se representam corretamente os espaços.

ATIVIDADE 8 Mito - A caixa de Pandora



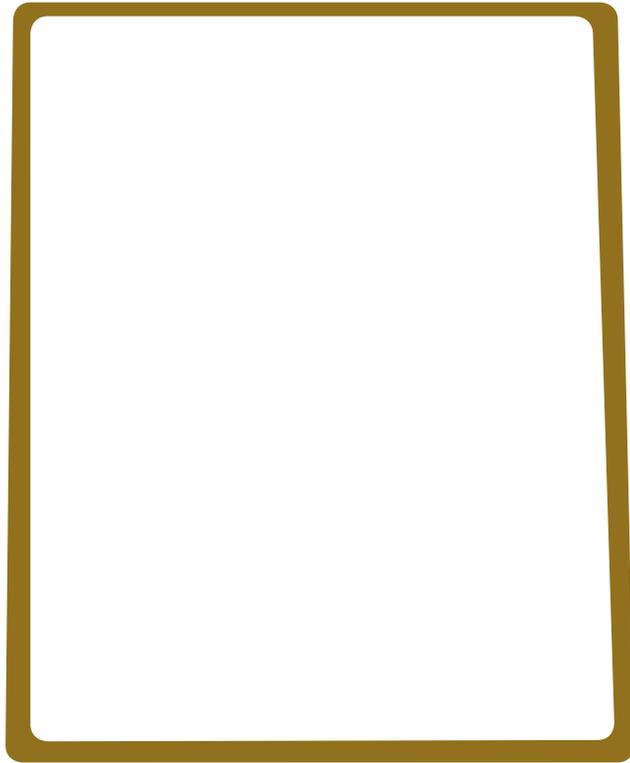
1) Escolha um dos personagens com o qual você mais se identificou na história e registre no quadro abaixo:

2) Se você fosse um personagem da história, qual atitude mudaria? Registre sua resposta no espaço abaixo:

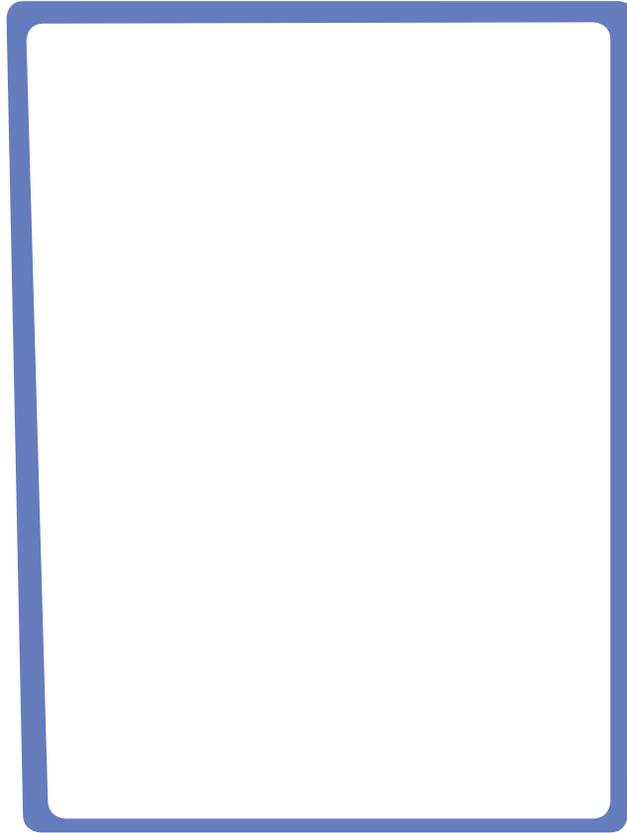
3) Relacione os personagens do Mito, de acordo com os sentimentos propostos:



4) Pesquise em jornais, revistas e na internet imagens de situações que encontramos no nosso dia a dia que poderiam estar associados aos males que saíram da caixa de Pandora. Cole no espaço abaixo. Depois, exponha para a turma o resultado de sua pesquisa.



5) Você já fez como Pandora, e desobedeceu uma ordem ou recomendação e se deu mal? Registre a sua resposta:



CRÔNICA

Objetivos

- Conhecer o gênero crônica.
- Recontar a crônica mantendo a sequência dos fatos.
- Desenvolver a habilidade de utilizar os espaços e movimentos corporais para indicar pronomes e os personagens em ação durante a contação de histórias (dêixis e anáfora).
- Perceber e utilizar as metáforas em Libras.
- Narrar fatos do dia a dia.

ATIVIDADE 9

Crônica - Lagartixa

Encaminhamento

Assista ao vídeo com os alunos e discuta a compreensão do grupo. Informe que se trata de um tipo de texto relacionado com fatos corriqueiros do dia a dia. Favoreça o momento do relato e verifique as expressões, as colocações dos personagens na cena e a ordem dos acontecimentos. Compare a forma de contação de cada aluno. Peça que os alunos contem situações engraçadas ou tristes que já aconteceram com eles. Proponha para os alunos que, em duplas, recontem a crônica substituindo a lagartixa por outros animais: rato, barata, peregrina, mariposa, aranha, vespa. Eles devem fazer as adequações necessárias para modificar a história.

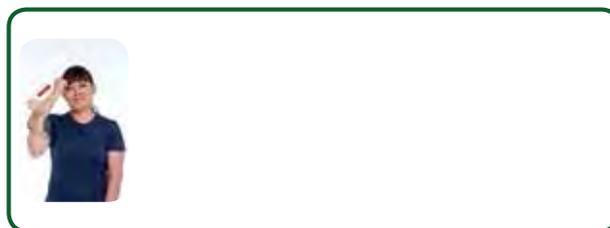
ATIVIDADE 9 Crônica - Lagartixa

Assista ao vídeo com a crônica "A Lagartixa" de Paulo Mendes Campos.

CAMPOS, P. M.; **Alhos e Bugalhos - Crônicas Humorísticas**.
1ª Ed. São Paulo. Civilização Brasileira: 2001

Vídeo nº 16

1) Registre momentos em que você teve medo, raiva e arrependimento.



LIBRAS • 5º ANO

55

Em outro momento, solicite aos alunos que registrem e socializem no grupo um fato semelhante, engraçado ou triste que já tenha acontecido com eles no dia a dia, como foi o caso da crônica da Lagartixa.

Anexo

A íntegra do texto no Anexo do Professor

2) Registre aqui a sua compreensão da crônica.

SIMULTANEIDADE DA LIBRAS

A língua oral e sua forma escrita são produzidas por meio de palavras, frases e textos. Ela é caracterizada como uma língua linear, ou seja, uma palavra após a outra ou um som seguido do outro. Na pintura, os significantes se apresentam simultaneamente quando olhamos para ela. Isto é, os significantes não são lineares. As línguas de sinais, que são produzidas num espaço tridimensional, também têm a propriedade da simultaneidade, pois várias informações podem ser dadas ao mesmo tempo.

Objetivos

- Refletir sobre a gramática da língua de sinais.
- Utilizar a simultaneidade da Libras no discurso.

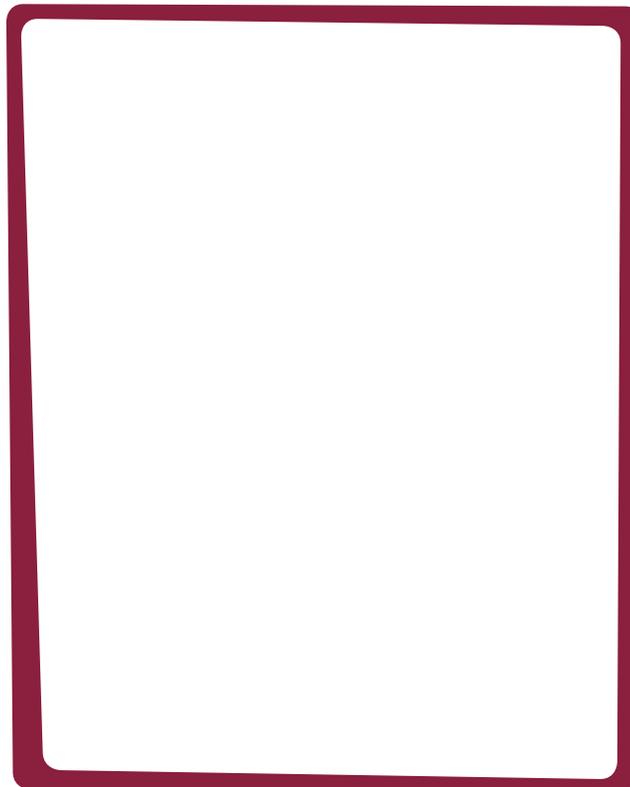
ATIVIDADE 10 Lagartixa - Simultaneidade da Libras

Encaminhamento

Inicie as atividades com a apresentação do vídeo aos alunos. Explique aos alunos que a tarefa será observar o vídeo para pensar sobre a gramática da língua de sinais. Solicite outros exemplos para o grupo a fim de que os alunos reflitam sobre a simultaneidade da Libras.

ATIVIDADE 10 Lagartixa - Simultaneidade da Libras

Registre outros exemplos de simultaneidade da Libras.



ATIVIDADE 11

Lagartixa - Parâmetros da Libras

Objetivo

- Explorar os parâmetros da formação de sinais.
- Perceber as diferentes partes que compõem um sinal (configuração de mão, ponto de articulação, movimento, orientação e expressão facial).
- Refletir sobre a Libras.
- Criar formas de registro da Libras.

Encaminhamento

Divida a classe em dois grupos. O grupo A escolhe um sinal utilizado na crônica da Lagartixa (vide banco de dados abaixo) para o grupo B compor os parâmetros da formação de sinais. O grupo B deve ter um tempo estipulado para apresentar os parâmetros ao grupo A (máximo de 5 minutos).

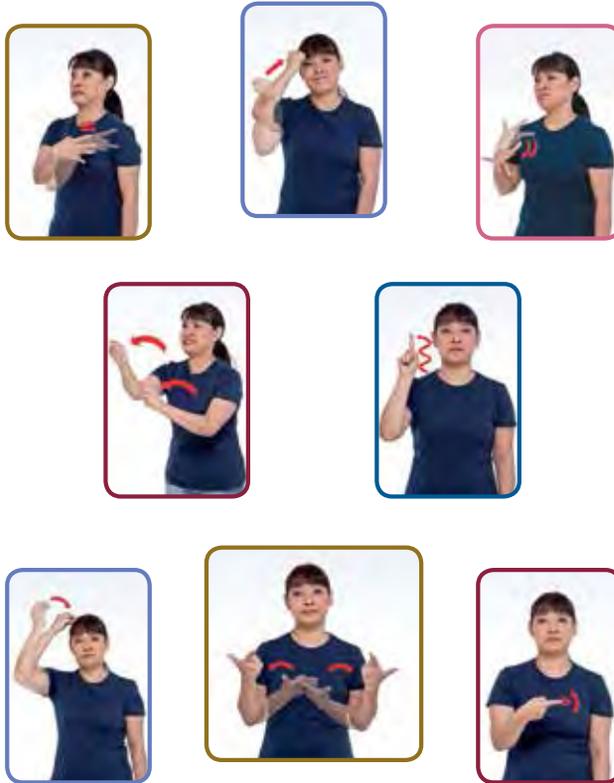
Quem ultrapassar o tempo solicitado ou apresentar de maneira equivocada as partes que compõem o sinal perde um ponto. O grupo que acertar ganha um ponto.

Em seguida, o grupo B escolhe um sinal utilizado na crônica da Lagartixa para o grupo A e assim sucessivamente.

Ganha o grupo que conseguir mais pontos.

ATIVIDADE 11 Lagartixa - Parâmetros da Libras

Escolha um sinal para desafiar seus colegas a apresentar os parâmetros que o formam.



ATIVIDADE 12

Lagartixa - Metáfora

Objetivos

- Perceber e utilizar as metáforas em Libras.
- Apresentar histórias do dia a dia utilizando metáforas.

Encaminhamento

Peça para os alunos observarem as fotos de metáforas apresentadas no livro.

Pergunte se eles identificam no uso cotidiano da Libras algumas metáforas e quais. Em seguida, questione-os sobre quais metáforas combinam com a crônica da lagartixa. Por quê?

ATIVIDADE 12 Lagartixa - Metáfora

Observe as metáforas abaixo.

Quais metáforas combinam com a crônica da Lagartixa?



Em trios, ou grupos, crie uma história utilizando duas metáforas e socialize com a classe.

ATIVIDADE 13

Crônica - O Sonho do Feijão

Objetivos

- Conhecer o gênero crônica.
- Recontar a crônica mantendo a sequência dos fatos.
- Desenvolver a habilidade de utilizar os espaços e movimentos corporais para indicar pronomes e as personagens em ação durante a contação de histórias (dêixis e anáfora).

Encaminhamento

Assista ao vídeo com os alunos e discuta a compreensão do grupo, informe que se trata de um tipo de texto relacionado com fatos corriqueiros do dia a dia. Favoreça o momento da narração e verifique expressões faciais, movimentação corporal nas colocações dos personagens na cena e a ordem dos acontecimentos.

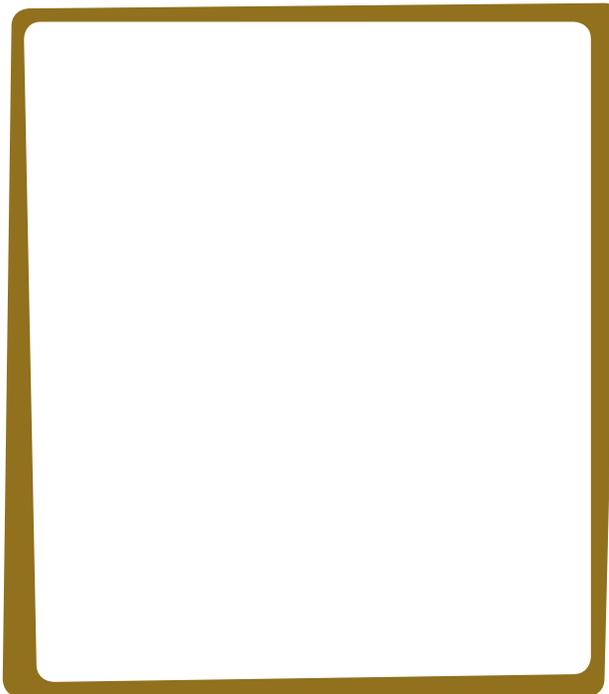
ATIVIDADE 13 Crônica - O sonho do feijão

Assista ao vídeo com a crônica “O Sonho do Feijão” de Carlos Eduardo Novaes.

NOVAES, C.E.; **Para Gostar de Ler - Crônicas - Volume 7.**
18ª Ed. São Paulo. Ática: 2002



Registre a fila do mercado. Enumere os personagens, atribuindo características próprias a cada um.



ATIVIDADE 14

Sonho do Feijão - Fatos do dia a dia

Objetivos

- Narrar fatos do dia a dia.
- Identificar nas ações do dia a dia a possibilidade de criar uma crônica.
- Desenvolver a habilidade de utilizar movimentos corporais (anáfora) para indicar pronomes e personagens durante a narração dos fatos.
- Narrar pela ordem do tempo em que se deram os fatos.
- Perceber e utilizar metáforas na Libras.

Encaminhamento

Explore as fotos com os alunos e discuta a compreensão do grupo.

Pergunte se eles identificam algumas situações e solicite que narrem alguma vivência que observaram ou que presenciaram nos locais apresentados.

Verifique as expressões faciais e o movimento corporal dos alunos para indicar diferentes personagens, a ordem dos acontecimentos, a localização espacial da cena.

Faça perguntas para os alunos que não se colocaram no grupo, instigando-os a lembrar de algumas situações já vivenciadas. Informe, após a socialização das vivências do grupo, que essas imagens refletem fatos corriqueiros do dia a dia.

Assim como eles narram fatos e vivências, o cronista as escreve. Explique que cronista é um escritor de pequenos contos baseados em algo do dia a dia.

ATIVIDADE 14 Sonho do Feijão - Fatos do dia a dia



1) Registre a sua história.



LIBRAS • 5º ANO

61

Banco de Imagens Shutterstock

Encaminhamento

Na atividade observamos pessoas na fila com objetivos diferentes. Pergunte aos alunos se eles identificam as diferentes filas e se já ficaram muito tempo em alguma delas.

Apresente o verbete de fila tirado do Novo Deit-Libras* aos alunos e questione se o sinal para fila de carro e para fila de pessoas é o mesmo.

* Novo Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas, Volume 1: Sinais de A a H / Fernando César Capovilla; Walkiria Duarte Raphael e Aline Cristina L. Maurício. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Inep: CNPq: Capes, 2009

2) Veja o verbete de fila representando pessoas, tirado do Novo Deit-Libras*



fila (CL) (sinal usado em: *SP, RJ, MS, CE, MG, SC, RS*) (inglês: line, row), **fileira**.
Fila: s.f. Sequência ou série de indivíduos perfilados numa linha mais ou menos reta e que aguardam a vez de serem atendidos, permanecendo parados em pé ou movendo-se em sequência, uns depois dos outros. Ex: Formou-se uma fila na entrada do banco, à espera do pagamento. Fileira: s.f. Fila, ala. Ex: As crianças menores devem ficar na primeira fileira. (Mão esquerda em 4, palma para a direita; mão direita em 4, palma para a esquerda, lado do dedo mínimo direito tocando o lado do indicador esquerdo. Mover a mão esquerda para frente e a mão direita para trás.)

3) Como você sinalizaria fila de motos, de ônibus, de carros, de barcos e de aviões?

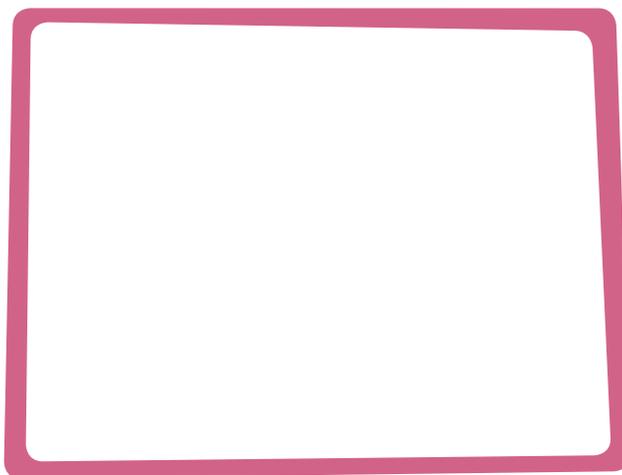


* Novo Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Libras), baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas, Volume 1: Sinais de A a H / Fernando César Capovilla; Walkiria Duarte Raphael e Aline Cristina L. Maurício. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Inep: CNPq: Capes, 2009

Banco de Imagens Shutterstock



4) Escolha um animal que ande em fila e discuta, em duplas, possíveis formas de representá-lo. Socialize e discuta com o grupo.



ATIVIDADE 16

Prioridades e Preferências

Encaminhamento

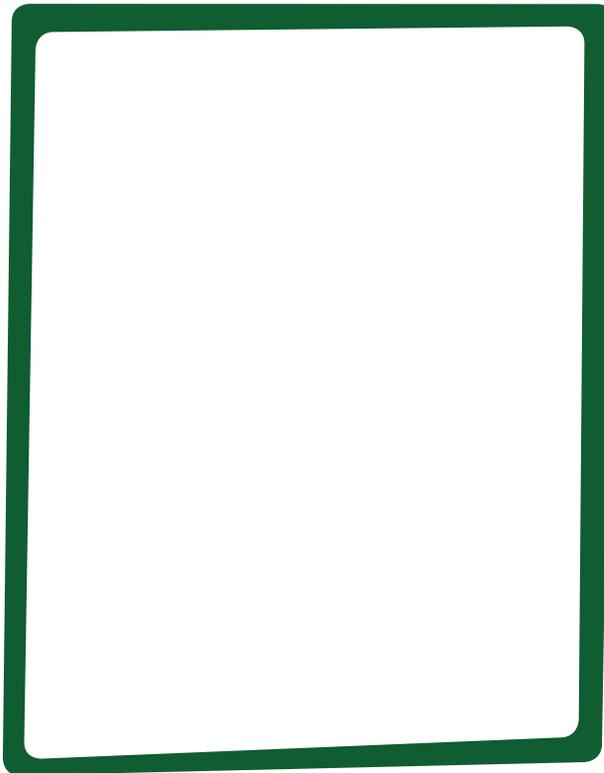
Solicite aos alunos que pesquise na internet os símbolos que representam o surdo, o deficiente visual, deficiente físico, o idoso, a gestante e a pessoa com criança de colo.

Peça que identifiquem os espaços públicos e privados que utilizam esses símbolos. Em seguida, pergunte:

- O que esses símbolos querem representar e por que são usados em espaços de atendimento ao público?
- Existe uma ordem para atendê-los, caso todos cheguem ao mesmo tempo?
- O surdo também se beneficia desse atendimento preferencial previsto na lei?

ATIVIDADE 15 Prioridades e preferências

Procure na internet os símbolos que representam o surdo, o deficiente visual, o deficiente físico, o idoso e cole aqui.



ATIVIDADE 17

Comportamentos e Atitudes

Encaminhamento

Pergunte ao grupo como ele se comporta nas filas:

- Obedece a ordem de chegada?
- Tenta passar na frente dos outros?
- Ao encontrar um amigo na fila, disfarça e fura a fila?
- Aceita que o outro fure a fila?
- Avisa o responsável que estão furando a fila?

ATIVIDADE 16 Comportamentos e Atitudes

Como você se comporta nas filas?

- Obedece a ordem de chegada?
- Tenta passar na frente dos outros?
- Ao encontrar um amigo na fila, disfarça e fura a fila?
- Aceita que o outro fure a fila?
- Avisa o responsável que estão furando a fila?



Banco de Imagens Shutterstock

Na sua opinião, quem fura fila é:



Na sua opinião, quem deixa o outro furar a fila é:



ATIVIDADE 18

Crônica - Segunda-feira

Objetivos

- Conhecer o gênero crônica.
- Narrar fatos do dia a dia.
- Criar uma crônica.

Encaminhamento

Pergunte aos alunos, antes de assistirem ao vídeo, qual o dia da semana que eles mais gostam e o porquê.

Em seguida, pergunte ao grupo qual é o dia da semana que eles menos gostam e o motivo.

Informe aos alunos que o vídeo que eles irão assistir trata de um tipo de texto relacionado com fatos e ideias que acontecem no dia a dia.

Após a apresentação do vídeo, discuta com o grupo a segunda-feira de cada um.

- Quem fica entediado às segundas-feiras?
- Quem promete que começa a estudar na segunda-feira?
- Quem diz que segunda-feira irá arrumar a casa, fazer as lições, arrumar o quarto, começar uma dieta?

Discuta com o grupo sobre o domingo.

- Quem gosta do domingo?
Quem não gosta do domingo? Por quê?
- Quem sente angústia no domingo à noite porque está chegando a segunda-feira?

Faça o mesmo sobre o sábado e os demais dias da semana.

Anexo

A íntegra do texto no Anexo do Professor

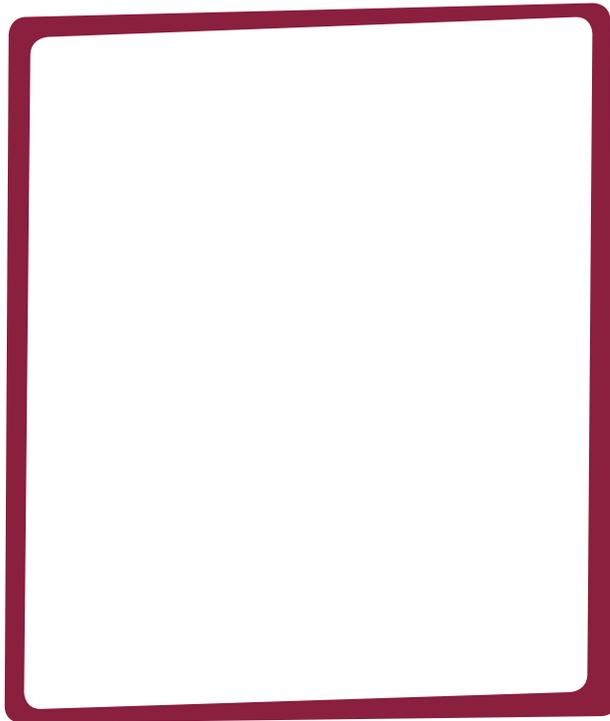
ATIVIDADE 17 Crônica - Segunda-feira

Assista ao vídeo com a crônica “Segunda-feira” de Adriana Falcão.

FALCÃO, A.; **O homem que só tinha certezas e outras crônicas.**
São Paulo. Planeta do Brasil:2011



Registre o seu dia preferido da semana e o que você gosta de fazer nele.



ATIVIDADE 19

As formas negativa e afirmativa na língua de sinais

Objetivo

- Utilizar a forma negativa e afirmativa no discurso.

Encaminhamento

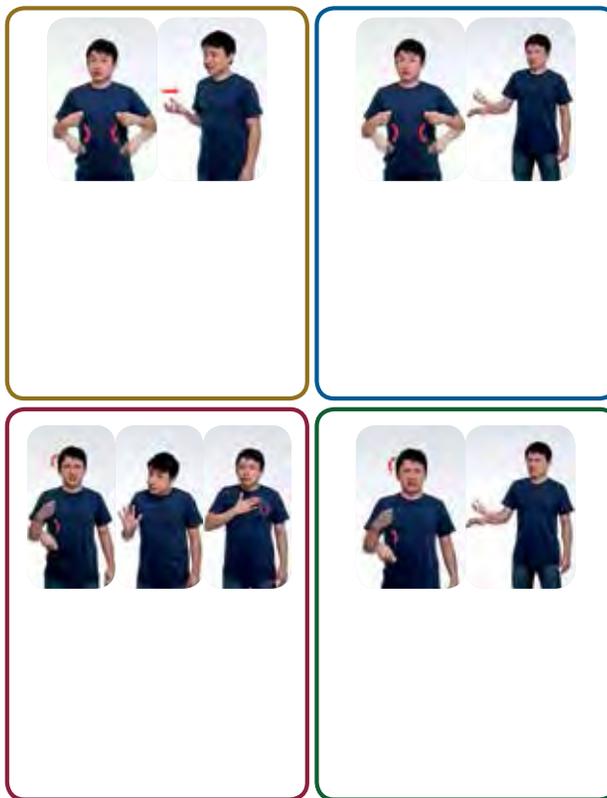
Pergunte aos alunos:

- O que eles precisam fazer durante a semana, mas não gostam.
- O que eles precisam fazer e gostam.
- O que eles não precisam e gostariam de fazer.
- O que eles não precisam e não gostariam de fazer.

Favoreça o discurso no grupo, a troca de opiniões, o riso, os porquês, as coincidências e diferenças entre os alunos.

ATIVIDADE 18 As formas negativa e afirmativa na língua de sinais

Registre abaixo o que você precisa e não precisa fazer.



ROTEIROS E MAPAS

UNIDADE

4

ATIVIDADE 1

Jogo - Caça ao tesouro

Objetivos

- Entender itinerários.
- Desenvolver a argumentação.
- Desenvolver clareza ao se expressar.

Encaminhamento

Solicite a participação de outros profissionais da escola. Cada um representará uma etapa da brincadeira. Eles deverão se esconder em diferentes pontos da escola, esperar cada grupo de alunos e passar o itinerário que os alunos deverão seguir para chegar à próxima etapa.

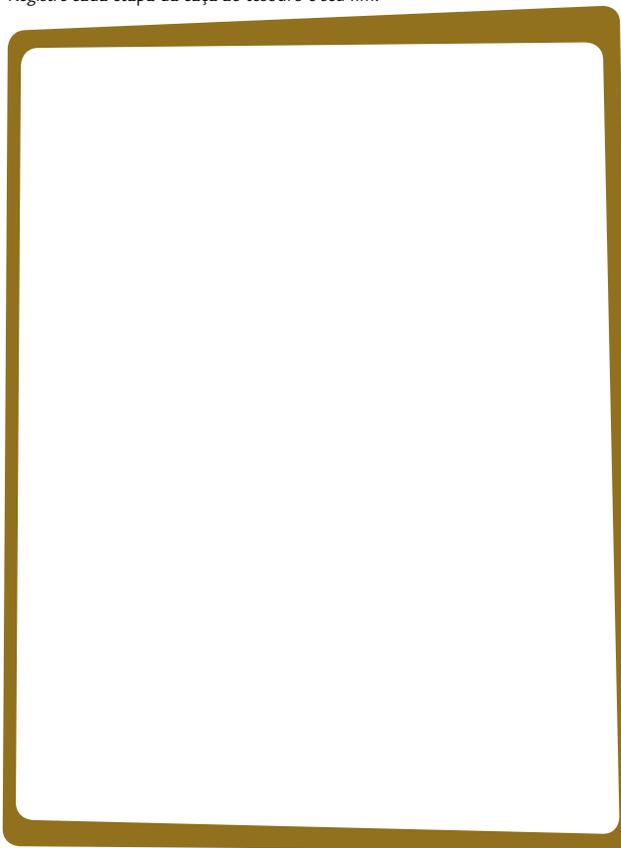
Essa atividade é mais divertida juntando várias salas. Divida os alunos em aproximadamente quatro grupos e explique as regras da brincadeira.

O grupo deve se apresentar completo a cada etapa. Desse modo, os alunos deverão ficar juntos e discutir sobre o que entenderam do itinerário passado.

A cada etapa, o professor responsável deve fazer uma marca em cada aluno do grupo. Pode ser um número. Assim, evita-se que um grupo pule etapas ou encontre um professor por acaso, fora da sequência estabelecida. Por exemplo, o professor da primeira etapa marca as mãos dos alunos com o algarismo 1. O seguinte os marcará com um 2. Se o grupo encontrar o professor da terceira etapa antes do segundo ele não os marcará. Se isso acontecer, será por eles não terem obedecido às orientações dadas na

ATIVIDADE 1 Caça ao tesouro

Registre cada etapa da caça ao tesouro e seu fim.



70

◀ CAPERNOS DE APOIO E APRENDIZAGEM • SMESP ▶

etapa anterior: eles deverão então lembrar e seguir as orientações recebidas pelo primeiro professor.

A etapa final, o tesouro, pode ser um lanche especial.

PERCURSO

Objetivos

- Descrever percurso e itinerário.
- Usar expressão facial nas formas interrogativa e negativa.
- Utilizar pontos de referência: em frente de, ao lado de, atrás de, perto de, à direita, à esquerda, para frente, para trás.
- Opinar sobre o percurso propondo outras possibilidades.

ATIVIDADE 2

Percurso - Shopping Center

Encaminhamento

Escolha duplas para trabalhem juntas.

Pergunte para os alunos se eles identificam as fotos, os espaços, se já estiveram lá, quando foram, o que fizeram e que meio de transporte utilizaram.

Escolha um dos shoppings para realizar a tarefa. Dê preferência ao(s) shopping(s) que os alunos frequentam.

Solicite às duplas que enumerem e registrem alguns pontos de referência para chegar a esse local escolhido.

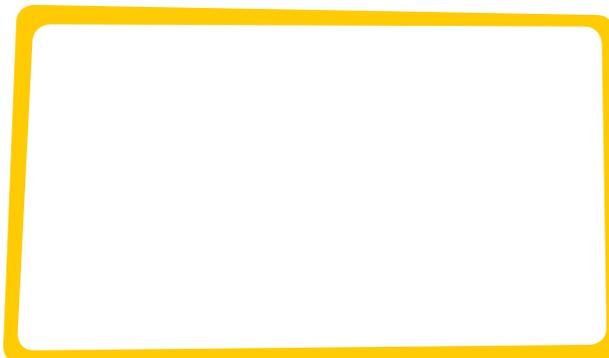
Estabeleça um tempo para as duplas trocarem informações e dados sobre as referências que possuem e solicite que as registrem no livro do aluno.

Permita que todas as duplas apresentem seus registros.

Solicite aos alunos que discutam sobre os pontos de referência utilizados pelos colegas.

ATIVIDADE 2 Percurso - Shopping Center

Registre como você faria este percurso.



LIBRAS • 5º ANO

71

Divulgação

Faça questões como:

- Partindo do registro de seus colegas seria possível chegar ao shopping?
- Por quê?
- O que faltou?
- O que não ficou claro?

Após a discussão, faça a síntese do percurso com os alunos.

Dica

- É importante evidenciar que para descrever um caminho precisamos estabelecer um ponto de referência comum aos interlocutores.

ATIVIDADE 3

Percurso - Mapas

Objetivos

- Ampliar o conhecimento do aluno.
- Conhecer outros referenciais para pesquisa.
- Desenvolver atitudes cooperativas.
- Utilizar a língua de sinais para explicar percursos.

Encaminhamento

Pergunte para os alunos se eles identificam essa imagem:

- O que é?
- Para que serve?
- Quem já usou, para quê e com que finalidade?

Solicite às duplas uma pesquisa:

- Na internet.
- No Google Maps.
- No guia de ruas.

Peça para as duplas pesquisarem a rua do shopping e o trajeto que fariam, tendo como ponto de partida a escola.

ATIVIDADE 3 Percurso - Mapas

Após pesquisar o trajeto que você faria para ir ao shopping saindo da escola, registre o seu percurso.



Banco de Imagens Shutterstock

PESQUISA

Objetivos

- Pesquisar percursos e utilizar referências.
- Expor um percurso para o grupo.

ATIVIDADE 4

Pesquisa - Centro Cultural São Paulo

Encaminhamento

Solicite aos alunos que exponham um percurso para chegar ao Centro Cultural São Paulo, partindo de um ponto de referência que cada dupla deverá escolher:

- Hospital Municipal do Servidor Público.
- Hospital do Câncer.
- Hospital Beneficência Portuguesa.
- Metrô.

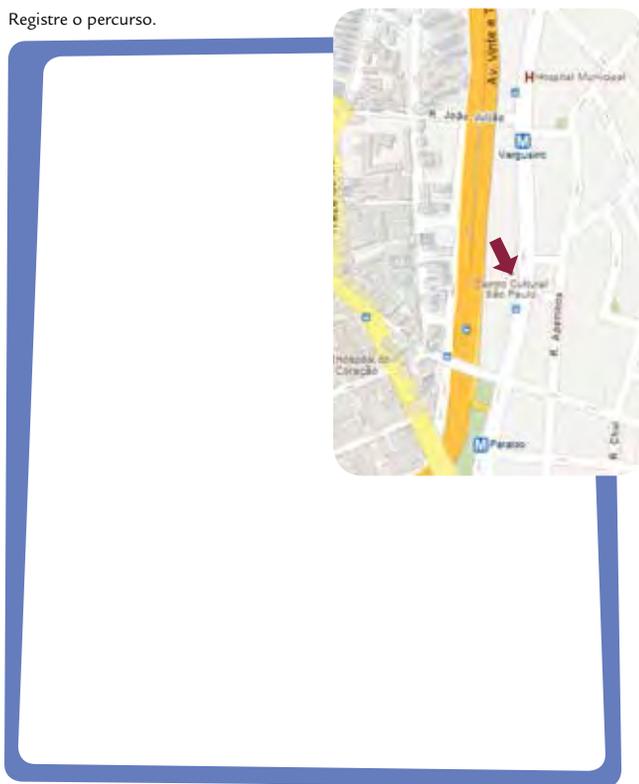
Diga que façam o registro e socializem com os alunos o percurso utilizado. Peça para utilizarem na exposição dos registros: em frente de, ao lado de, perto de, para frente, para trás, à direita ou à esquerda para expor o percurso escolhido.

Proponha também que os alunos pesquisem nas diversas fontes disponíveis como fariam para chegar ao Centro Cultural partindo da escola e socialize os trabalhos do grupo.

ATIVIDADE 4 Pesquisa - Centro Cultural São Paulo

Pense num percurso para chegar ao Centro Cultural São Paulo, partindo de um ponto de referência. Faça o registro e socialize com seus colegas o percurso utilizado.

Registre o percurso.



LIBRAS • 5º ANO

73

Pontos de referência

- Centro Cultural São Paulo (entrada da Rua Vergueiro).
- Hospital Municipal do Servidor Público;
- Hospital do Câncer;
- Hospital Beneficência Portuguesa.
- Metrô

ATIVIDADE 5

Pontos de encontro

Objetivos

- Pesquisar os pontos de encontros de jovens e adultos surdos.
- Pesquisar o percurso.
- Expor para o grupo.

Encaminhamento

Proponha que os alunos pesquisem na comunidade Surda, com os familiares ou com surdos mais velhos os principais pontos de encontro da comunidade Surda. Apresente um pequeno roteiro:

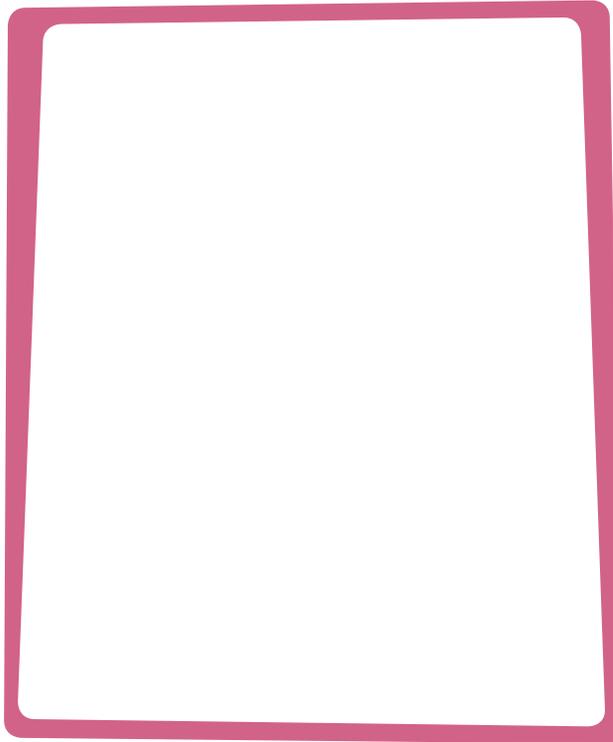
- Local.
- Bairro.
- Horário.
- Percurso.
- Meios de transporte.

Combine com o grupo a exposição da pesquisa. Cada grupo pode apresentar um ponto de encontro.

Solicite que os grupos elaborem recursos visuais como cartazes ilustrativos para compreensão da exposição.

ATIVIDADE 5 Pontos de encontro

Pesquise na comunidade surda, com seus familiares ou com surdos mais velhos, um dos principais pontos de encontro desta comunidade. Informe-se sobre o local (inclusive o bairro) e o horário do encontro, o percurso e o meio de transporte a tomar para chegar lá. Registre a sua pesquisa.



ATIVIDADE 6

Instituto Butantan

Objetivos

- Pesquisar percurso no Google Maps.
- Explicar roteiros e mapas.

Encaminhamento

Apresente a foto do Instituto Butantan.

Pergunte aos alunos:

- Se eles conhecem ou se já estiveram no Butantan.
- O que viram.
- Quem os levou.
- Quantos anos tinham.

Solicite aos alunos que façam uma pesquisa na internet para verificar o trajeto do Metrô Butantan até o Instituto Butantan e registrem o percurso no livro do aluno. Cada estudante deverá, então, apresentar sua pesquisa de percurso para o grupo. Discuta com os alunos se houve clareza nas apresentações do percurso, quais os melhores recursos linguísticos utilizados pelos alunos para explicar o percurso, pontuando as informações que foram importantes para o entendimento do percurso, etc.

Dica

- Apresente para o grupo o mapa do Instituto Butantan. Solicite aos alunos que escolham um dos prédios sem revelá-lo ao grupo. Cada aluno deve dar referências de como chegar no prédio que escolheu, para que os colegas tentem adivinhar qual é.

ATIVIDADE 6 Instituto Butantan

Registre a sua pesquisa de percurso para chegar ao Instituto Butantan.



Divulgado

Biblioteca do Instituto Butantan, São Paulo - SP

HISTÓRIAS DOS SURDOS

UNIDADE

5

RELATO HISTÓRICO

Atualmente, poucos são os registros sobre o surdo e a educação de surdos no Brasil – principalmente em Libras. Por esse motivo apresentamos a sugestão de fazer vídeos em Libras sobre o assunto. Poderá ser uma atividade enriquecedora para os alunos envolvidos, além de resultar na produção de um material que poderá ser compartilhado entre todos os surdos e interessados (ou todas as escolas de surdos).

Objetivos

- Aprofundar o conhecimento sobre o gênero relato histórico.
- Desenvolver a organização em interação com o outro.
- Usar sinais de cordialidade em situações formais (pedir licença, agradecer, etc).
- Refletir sobre adequação e pertinência de assuntos a serem tratados em função da situação.
- Fazer uso da expressão facial correspondente a verbalizações/colocações interrogativas, negativas e afirmativas.
- Usar adequadamente o modo hipotético.
- Ampliar conhecimento sobre histórias de surdos no Brasil.

Encaminhamento

Proponha aos alunos que trabalhem em duplas e organizem uma pesquisa, coletando dados em documentos históricos para saber mais sobre a história da escola em que estudam. O trabalho poderá resultar na produção de um vídeo documentando parte da história da escola.

Assista aos relatos filmados para levantar os pontos mais importantes. E, a partir deles, organize um vídeo histórico da instituição, compilando todos os relatos do grupo.

Quando o vídeo ficar pronto, convide outras turmas para assisti-lo e proporcione momentos de discussão entre os alunos.

Dica

- O vídeo pode ser feito com uma apresentação de fotos ao fundo. Ou, dependendo do material à disposição na escola para fazer a edição, filmar a apresentação dos alunos e entrecortá-la por trechos das fotos.

ATIVIDADE 1

Relato Histórico - INES

Objetivo

- Ampliar o conhecimento sobre a história das escolas de surdos no Brasil.
- Ampliar conhecimento sobre histórias de surdos no Brasil.
- Ampliar conhecimento sobre a educação de surdos no Brasil.
- Construir uma linha do tempo com os acontecimentos mais importantes.
- Conhecer o gênero relato histórico.

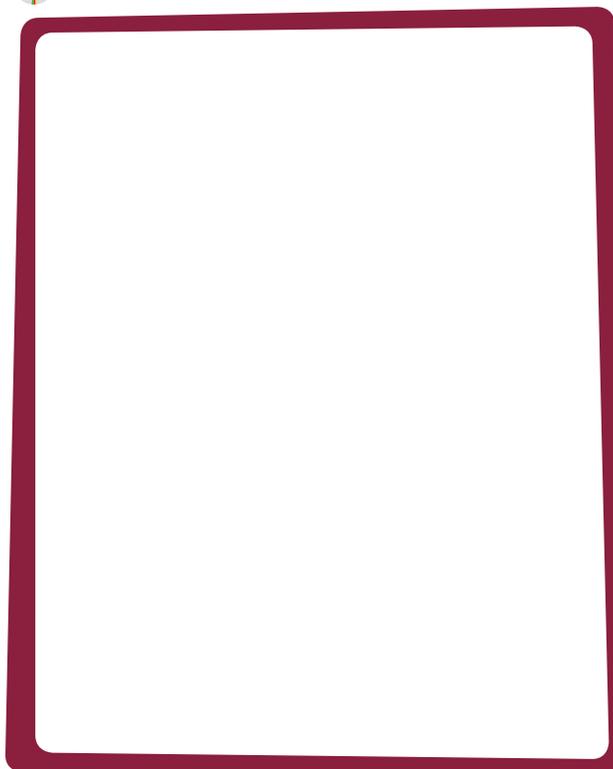
Encaminhamento

Apresente o vídeo aos alunos como um documento histórico da educação dos surdos.

Discuta com o grupo a compreensão do relato e construa coletivamente uma linha do tempo com os acontecimentos mais importantes mostrados no relato.

ATIVIDADE 1 Relato Histórico - INES

Registre as datas dos acontecimentos apresentados no relato histórico do INES.



ATIVIDADE 2

Relato Histórico Instituto Santa Teresinha

Objetivo

- Ampliar o conhecimento sobre a história das escolas de surdos no Brasil.
- Ampliar conhecimento sobre histórias de surdos no Brasil.
- Construir uma linha do tempo com os acontecimentos mais importantes.

Encaminhamento

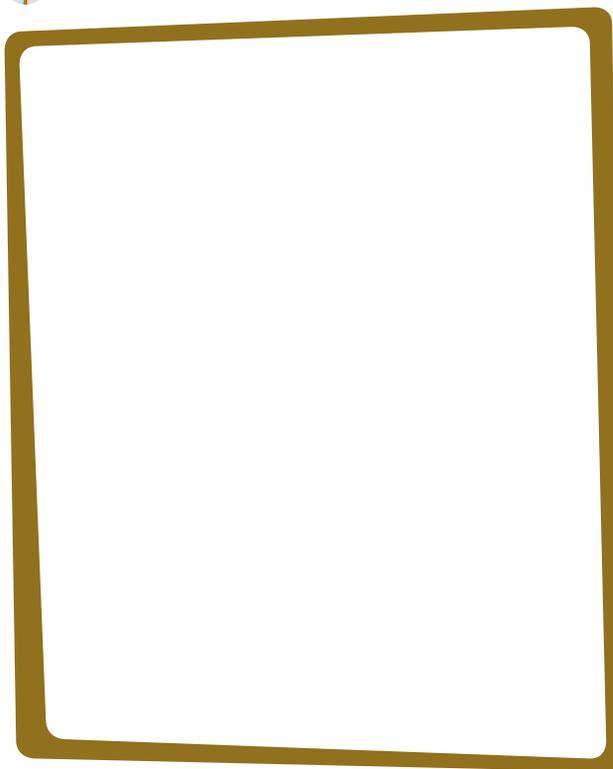
Apresente o vídeo aos alunos com o relato histórico do Instituto Santa Teresinha. Em seguida, converse com a turma a partir do vídeo assistido.

- A data em que a escola foi fundada.
- Como era e como é a comunicação na escola atualmente, quais foram as transformações na comunicação desde a inauguração da escola.

Paralelamente, estimule os alunos a refletirem sobre a sua própria escola.

ATIVIDADE 2 Relato Histórico - Santa Teresinha

Registre as duas formas de comunicação que aparecem no relato histórico do Instituto Santa Teresinha.



ENTREVISTA

Objetivos

- Conhecer o gênero entrevista.
- Refletir sobre adequação e pertinência de assuntos a serem tratados em função da situação.
- Reconhecer os papéis de entrevistador (abre e fecha, introduz o entrevistado, faz perguntas, pede a palavra do outro, introduz novos assuntos, reorienta a interação, encerra a entrevista) e de entrevistado (responde e fornece as informações pedidas).
- Entender a diferença e a relação entre a pergunta e a resposta.
- Perceber o uso da expressão facial correspondente a verbalizações/colocações interrogativas, negativas e afirmativas.
- Ampliar conhecimento sobre histórias de surdos no Brasil.

ATIVIDADE 3

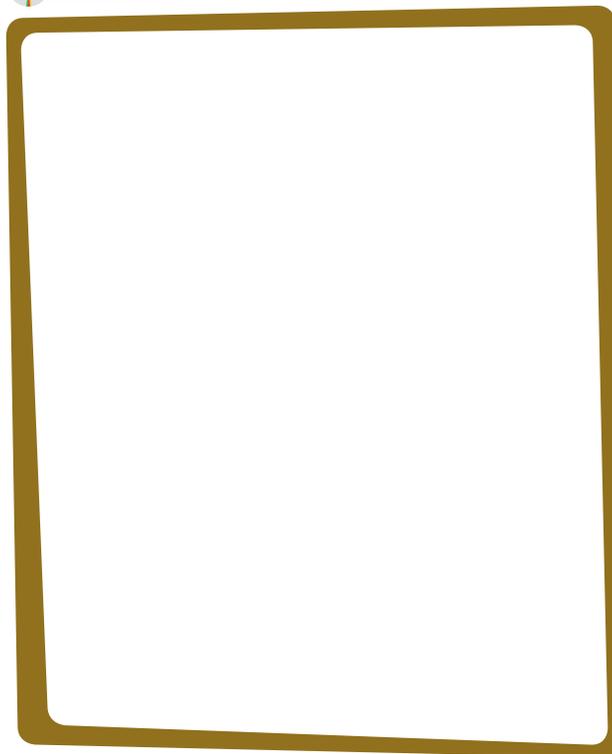
Entrevista - Alexandre Melendez

Encaminhamento

Assista a entrevista no vídeo e converse sobre o que perceberam na educação de surdos vivenciada pela pessoa entrevistada. Solicite que façam o registro da discussão do grupo. É importante estimular a discussão que compare a educação de surdos no passado e a de hoje.

ATIVIDADE 3 Entrevista - Alexandre Melendez

Registre a questão que, na sua opinião, é a mais importante das que foram tratadas na entrevista.



BIOGRAFIA

Objetivos

- Conhecer o gênero literário biografia.
- Apresentar grandes personalidades da história ligadas à causa da surdez.
- Reconhecer a importância da ação das pessoas para a melhoria da qualidade de vida de toda a sociedade.

ATIVIDADE 4

Biografia de Ernest Huet

Encaminhamento

Apresente o vídeo com a biografia de Ernest Huet, em Libras.

Inicie o trabalho perguntando se o nome Ernest Huet é conhecido do grupo. Aproveite o momento para explicar como se configura o gênero biografia.

Converse com o grupo sobre o que mais chamou a atenção. Verifique se a turma acredita que os fatos apresentados no vídeo são verdadeiros ou ficção. É importante salientar na discussão com o grupo os fatores que fizeram de Ernest Huet uma pessoa famosa, suas qualidades e sua importância para a sociedade.

Faça um levantamento de outra personagem conhecido da turma que tenha contribuído para o desenvolvimento da educação de surdos ou para a difusão dos interesses ou direitos dos surdos. Proponha para a turma a realização de uma pesquisa sobre a biografia dessa personalidade. Filme a biografia elaborada por cada grupo. Apresente os vídeos para a turma e com-

ATIVIDADE 4 Biografia - Ernest Huet

Registre abaixo a biografia da pessoa que você pesquisou.



LIBRAS • 5º ANO

81

pare as informações contidas em cada filmagem. Faça uma análise sobre a forma como cada grupo apresentou sua biografia, tanto do ponto de vista do conteúdo como da forma da apresentação.

ATIVIDADE 5

Biografia - Charles Crawford (Chuck Baird)

Objetivos

- Conhecer o gênero biografia.
- Compreender biografia em Libras, estabelecendo relações entre a vida da personalidade retratada e as expectativas e projeções pessoais para o futuro dos alunos.
- Conhecer aspectos culturais da comunidade Surda internacional.

Encaminhamento

Inicie o trabalho perguntando se Chuck Baird é conhecido do grupo. Aproveite o momento para explicar como se configura o gênero biografia. Saliente o tipo de informações presentes neste tipo de texto.

Converse com o grupo sobre o que mais chamou a atenção. Verifique se a turma acredita que os fatos apresentados no vídeo são verdadeiros ou ficção. É importante salientar na discussão com o grupo os fatores que fizeram de Chuck Baird uma pessoa famosa, suas qualidades e sua importância para a sociedade.

Apresente imagens das obras de Chuck Baird e discuta com a turma as impressões dos alunos sobre as obras, se apreciam ou não, se já haviam visto algo parecido, quais características são mais marcantes na obra.

Converse com a turma se há algum aluno que também deseja ser artista, se gosta de desenhar, de pintar ou representar. Pergunte à turma se ela conhece

ATIVIDADE 5 Biografia - Charles Crawford (Chuck Baird)

Obras de Chuck Baird:



Chuck Baird
Accomplishment through Cooperation



Chuck Baird
Art Nº 2



Chuck Baird
Mechanical Ear



Chuck Baird
Hill Country Sunset



Chuck Baird
Crocodile Dundee

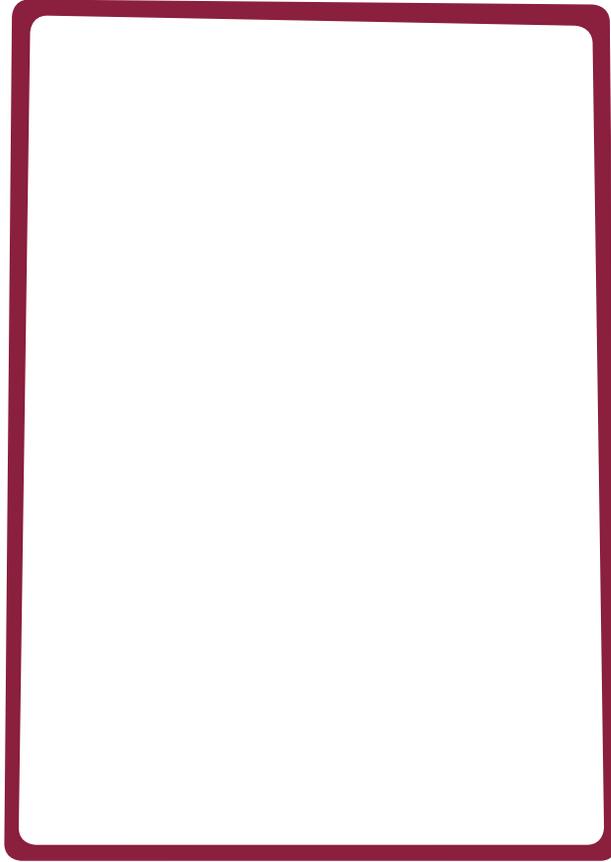
82

◀ CAPERNOS PE APOIO E APRENIZAGEM - SMESP ▶

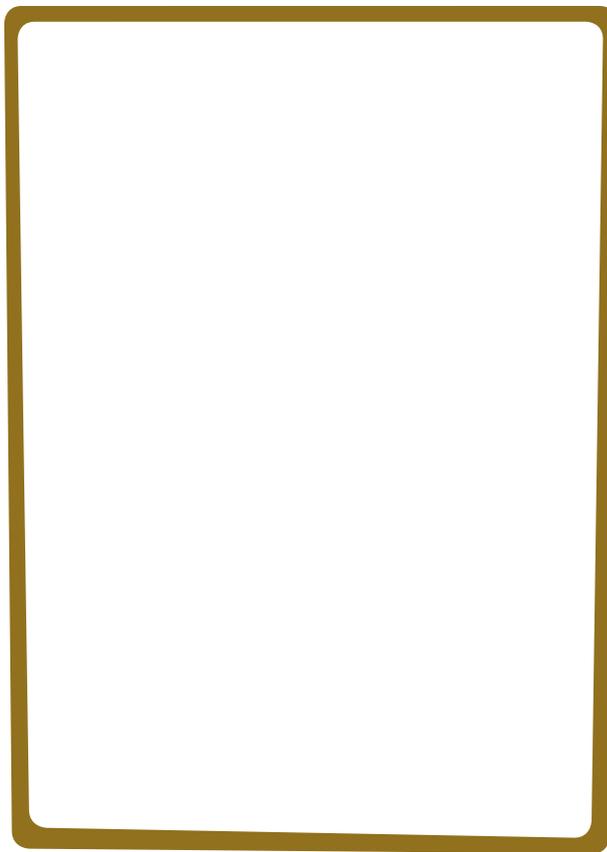
outros artistas surdos, não somente pintores, mas escultores e atores, e se acha importante haver artistas que retratem a cultura surda.

Retome com a turma a trajetória do artista e proponha uma discussão sobre quais são suas próprias projeções para o futuro e quais ações devem ser tomadas para alcançar seus objetivos.

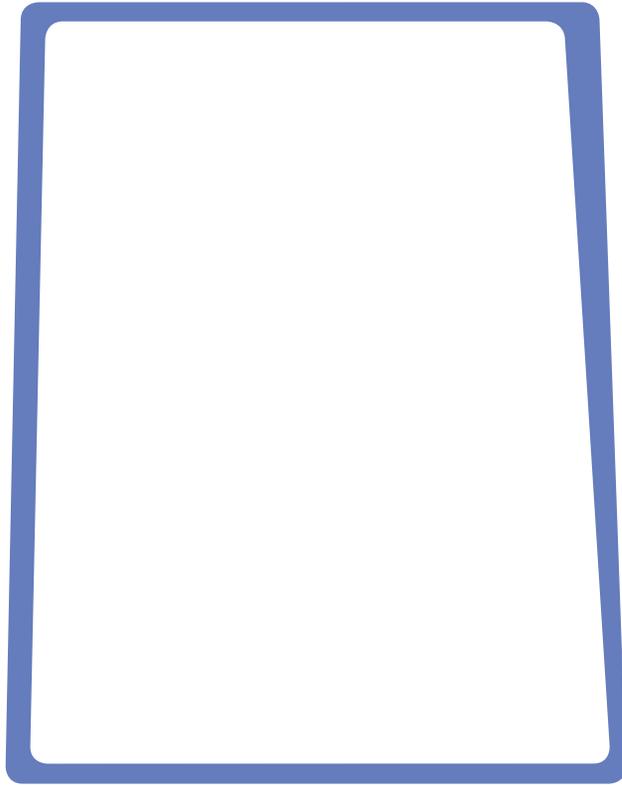
1) Faça uma releitura de uma das obras de Chuck Baird.



2) Agora, faça um criação própria representando um sinal em Libras da mesma forma proposta pelas obras de Chuck Baird.



3) Procure em jornais, revistas ou na internet uma imagem que represente qual profissão você quer exercer no futuro e cole no espaço abaixo. Depois, explique o seu registro para seus colegas e para o professor.



PENSANDO SOBRE NOSSA LÍNGUA

UNIDADE

6

ATIVIDADE 1

Metáforas em Libras

Objetivos

- Conhecer e utilizar as metáforas no discurso diário.
- Refletir sobre o uso da língua.

Encaminhamento

Explique que o vídeo tem a função de explicar o uso de metáforas na língua de sinais.

Peça para os alunos prestarem atenção na explicação.

Talvez seja necessário repetir o vídeo com a explicação das metáforas para garantir que todos os alunos compreendam como utilizá-las.

ATIVIDADE 2

Jogo - Metáforas

Encaminhamento

Divida o grupo em duas turmas: A e B

Solicite à turma A que escolha uma das metáforas vistas no vídeo e que a imagine inserida em um contexto.

A turma A apresenta para a turma B.

A turma B irá avaliar se a metáfora combina com o contexto apresentado.

Se a metáfora estiver de acordo com o contexto, o grupo A marca um ponto.

Se a metáfora não fizer sentido no contexto apresentado, o grupo perde um ponto.

Em seguida, a turma B se reúne e apresenta a uma metáfora inserida em um contexto.

A turma B apresenta para a turma A.

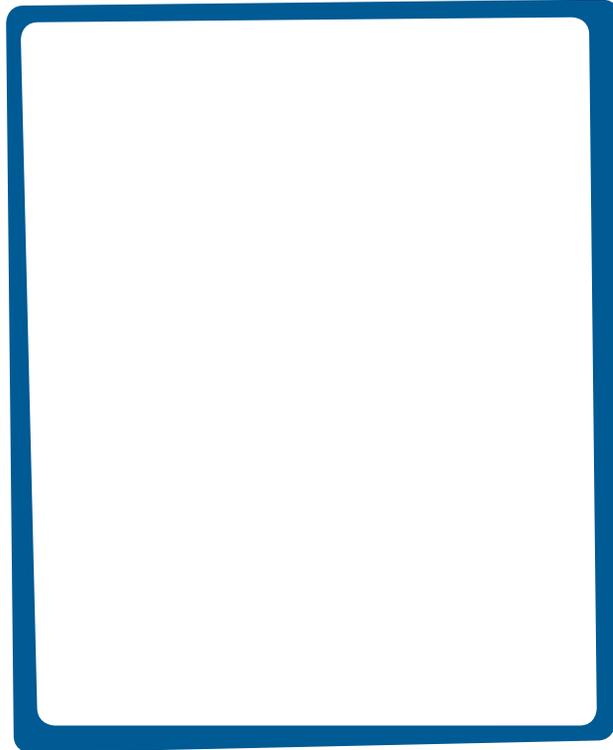
ATIVIDADE 1 Metáforas em Libras



Vídeo nº 25

ATIVIDADE 2 Jogo - Metáforas

Registre as metáforas apresentadas.



88

CAPERNOS DE APOIO E APRENDIZAGEM • SMESP

O grupo A avalia se a metáfora faz sentido naquele contexto. E assim sucessivamente.

ATIVIDADE 3

Jogo do Improviso - Metáforas

Objetivos

- Identificar nas ações do dia a dia a possibilidade de criar uma crônica.
- Utilizar metáforas no discurso em língua de sinais.

Encaminhamento

Retome a explicação dos jogos de improvisação no livro do 4º ano, caso seja necessário.

Separe os alunos em dois grupos. Descreva uma situação problema para cada grupo com o foco nos 3 pontos de observação:

- O quê, quem e o onde.
- O quê: uma fila
- Onde: sugestões: no cinema, hospital, ônibus, metrô
- Quem: uma pessoa que irá furar a fila.

Regra para o jogo:

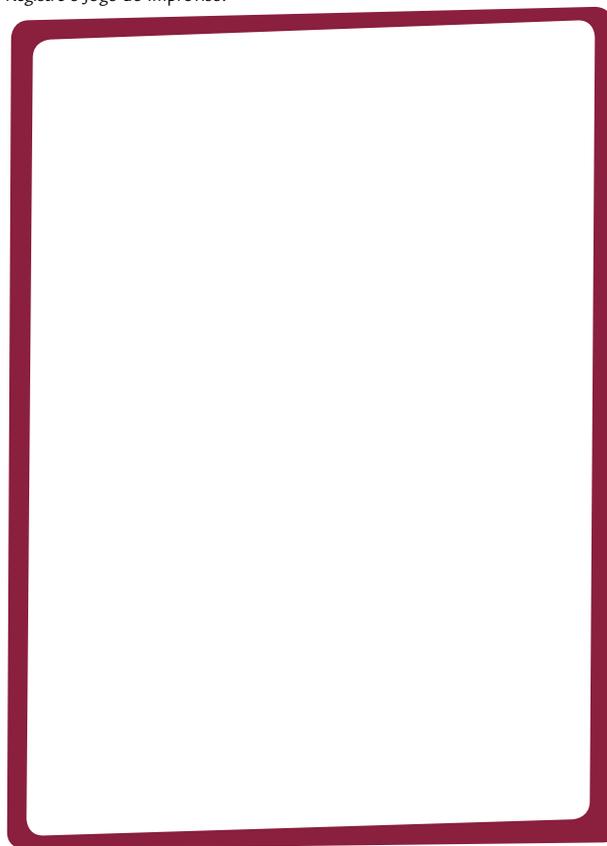
- Utilizar as metáforas no enredo: *olho caro, olho barato, cara de pau, esticar a conversa e fui pego,*
- Para o **grupo 1**, representar os seguintes personagens na fila de espera: *uma grávida, uma idosa, um homem irritado com a demora e um padre.*
- Para o **grupo 2**, representar os seguintes personagens na fila de espera: *um pai com uma criança no colo, um policial, um paquerador, uma mulher muito bonita.*

Estabeleça um tempo de 5 minutos, mais ou menos, para os alunos se organizarem.

Lembre-se que um grupo não deve saber o que o outro irá apresentar.

ATIVIDADE 3 Jogo do Improviso - Metáfora

Registre o Jogo do Improviso.



LIBRAS • 5º ANO

89

Cada grupo terá 5 minutos para fazer a apresentação.

Finalizadas as apresentações, abre-se um espaço para avaliação.

Lembre-se: o foco da avaliação está relacionado com as regras do jogo:

- Representação dos personagens.
- Uso das metáforas.
- Clareza e coesão no enredo.

ATIVIDADE 4

Formas negativas no discurso

Objetivos

- Refletir sobre a língua de sinais.
- Compreender o uso da negação.
- Utilizar as três formas negativas no discurso.
- Distinguir as formas: negativas, afirmativas, interrogativas e exclamativas no discurso.

Encaminhamento

Inicie as atividades com a apresentação do vídeo aos alunos. Explique aos alunos que a tarefa será observar o vídeo para pensarmos sobre a gramática da língua de sinais. Solicite outros exemplos para o grupo com o objetivo de verificar se compreendeu o uso das formas negativas no discurso.

Refletindo sobre a língua

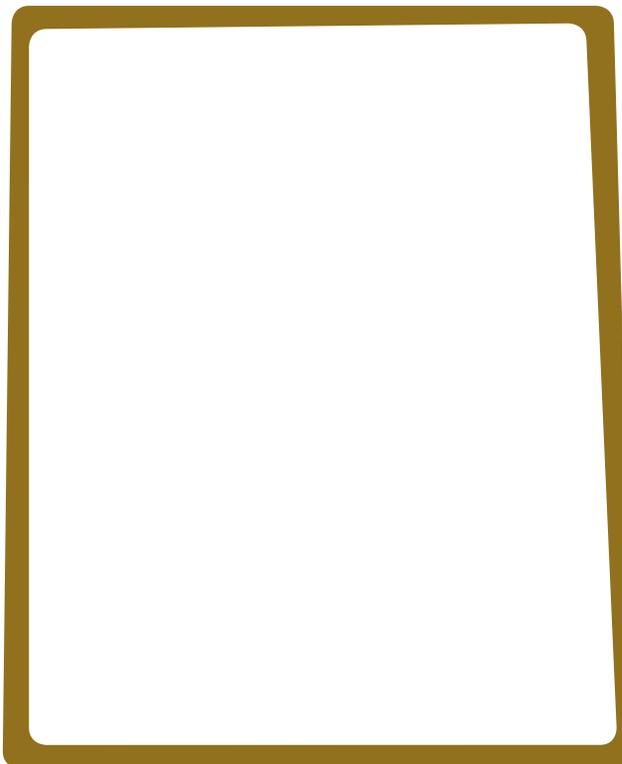
A negação em Libras pode ser feita de três maneiras diferentes:

- Com um aceno da cabeça, realizado simultaneamente com o verbo, ou seja, a ação que está sendo feita.
- Com o uso de um movimento diferente ao do sinal do verbo, incorporando a negação ao sinal da ação, indicando que a ação é negada.
- Exemplo: não quer , não tem.
- Com o acréscimo do sinal **não**, **nenhum** ou **nada** à frase.

ATIVIDADE 4 Formas negativas no discurso



Registro do que você aprendeu sobre as formas de negação na Libras.



ATIVIDADE 5

Comparações e uso do superlativo

Objetivos

- Refletir sobre a língua de sinais.
- Relacionar a expressão facial no uso das comparações e superlativos.

Encaminhamento

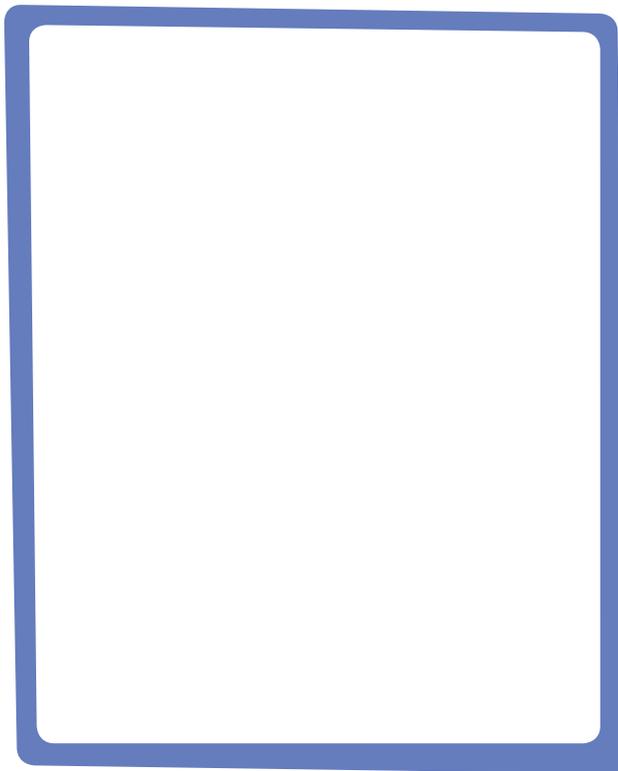
Inicie as atividades com a apresentação do vídeo aos alunos. Explique aos alunos que a tarefa será observar o vídeo para pensar sobre a gramática da língua de sinais.

Solicite outros exemplos para o grupo com o objetivo de verificar a importância do uso das comparações e superlativos.

ATIVIDADE 5 Comparações e uso do superlativo



Registre os exemplos que você encontrou de uso de superlativo.



OUTROS TEXTOS

UNIDADE

7

CHARGE E CARTUM

Objetivos

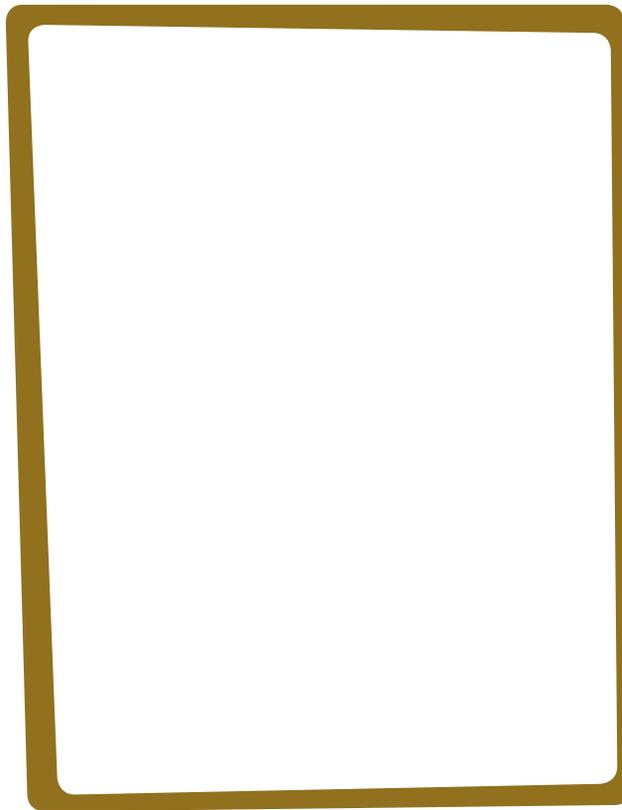
- Entenda e explique charge e cartum.
- Expresse ironia e humor por meio da expressão facial.

Encaminhamento

Divida a classe em grupos e proponha que pesquisem charges e cartuns em jornais e na internet e analisem os textos com os grupos. Comece solicitando ao grupo que elucide a temática de cada uma e a relacionem com seus conhecimentos prévios e valores. Solicite comentários a respeito da presença de humor neste gênero textual e de suas características provocativas e reflexivas.

ATIVIDADE 1 Charge e cartum

Registre a pesquisa e análise de charge e cartum.



HINO NACIONAL

Objetivos

- Conhecer o Hino Nacional Brasileiro.
- Reconhecer-se como brasileiro.

Encaminhamento

Peça aos alunos que fiquem em pé e assistam ao vídeo com o Hino Nacional Brasileiro traduzido em Libras.

Converse sobre o que assistiram:

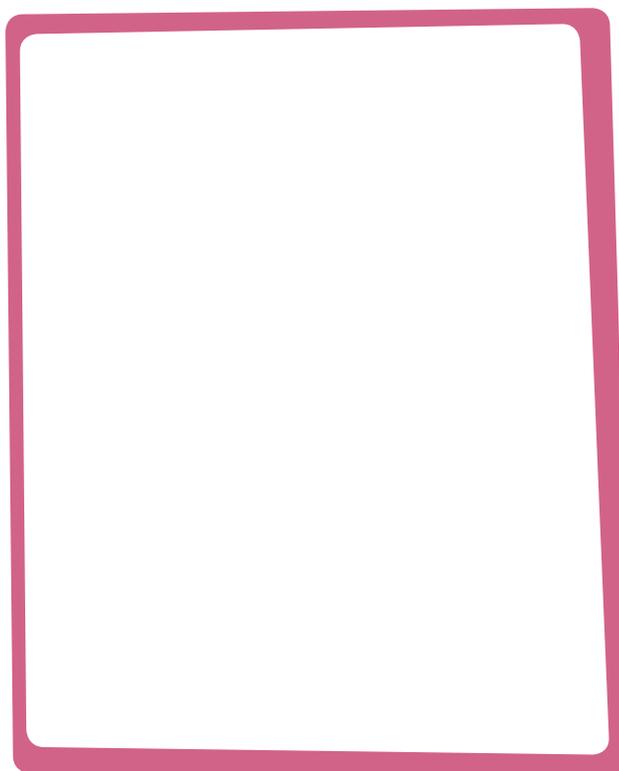
- O que é e por que precisam ficar em pé?
- Em que situações é executado o Hino Nacional? (eventos dos quais eles devem ter participado, como o Festival Esportivo e Cultural para Alunos Surdos da Rede Municipal de Ensino, formaturas na própria escola, e em eventos esportivos como, por exemplo, partidas internacionais de futebol).

Pergunte também o que sabem mais sobre a postura que se deve ter durante a execução do Hino Nacional Brasileiro. Em seguida, mostre o vídeo com a explicação de como devemos nos portar durante a execução do Hino Nacional Brasileiro. Depois, converse com eles sobre a postura das pessoas durante a execução do hino nas situações que já presenciaram ou assistiram. Discutir sobre esse tema a partir da postura dos jogadores de futebol é geralmente bastante significativo para os alunos.

ATIVIDADE 2 Hino Nacional



- 1) Registre a postura adequada para acompanhar a execução do Hino Nacional Brasileiro em cerimônias.



LIBRAS • 5º ANO

95

Dica

- Converse com os alunos sobre a necessidade de manterem uma postura adequada mesmo quando participam de um evento onde o Hino Nacional Brasileiro é executado somente na sua forma tradicional, sem versão em Libras. É um momento propício para tratar da nacio-

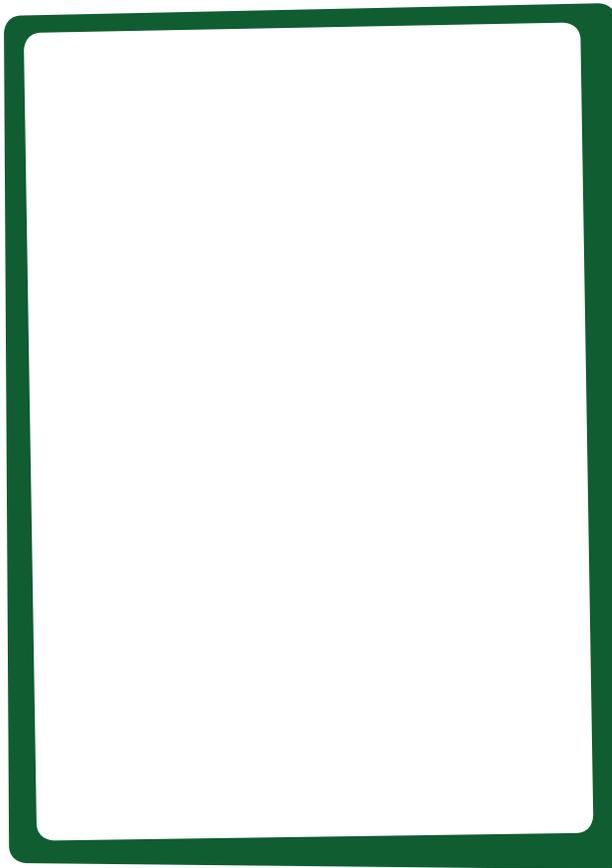
nalidade dos alunos, do fato de eles serem brasileiros. Após esse trabalho, oriente os alunos a se prepararem para apresentar o Hino Nacional e explicar a postura adequada que se deve ter durante a sua execução a uma turma convidada.

Encaminhamento

Explique aos alunos que eles estudarão o Hino Nacional Brasileiro e por esse motivo podem ficar sentados ao assisti-lo.

Passa o vídeo inteiro uma vez e pergunte de que assunto trata o hino. Em seguida, mostre trechos específicos e discuta com os alunos sobre a compreensão que eles têm a respeito.

2) Registre o que você entendeu do Hino Nacional Brasileiro.



ATIVIDADE 3

Artigo de divulgação científica - Fogo-fátuo

Objetivos

- Conhecer textos com informação científica.
- Entender textos de divulgação científica.
- Diferenciar trechos que tratam de fatos científicos de crendices.

Encaminhamento

Assista ao vídeo com os alunos e discuta sobre o conteúdo apresentado. Verifique se entenderam e se conseguem explicar o que aprenderam.

ATIVIDADE 3 Artigo de Divulgação Científica - Fogo-fátuo

Registre a explicação científica das superstições sobre o fogo-fátuo.



Banco de Imagens Shutterstock

Superstições.

Explicação científica.

ATIVIDADE 4

Artigo de divulgação científica - O Rabo da Lagartixa

Objetivos

- Conhecer textos com informação científica.
- Entender textos de divulgação científica.

Encaminhamento

Assista ao vídeo com os alunos e discuta sobre o conteúdo apresentado. Verifique se entenderam e se conseguem explicar o que aprenderam.

ATIVIDADE 4 Artigo de Divulgação Científica - O Rabo da Lagartixa

Registre as etapas de queda e crescimento do rabo de uma lagartixa.

 **Video nº 30**

Banco de Imagens Shutterstock



CRIAÇÕES ORIGINAIS EM LIBRAS

UNIDADE

8

HISTÓRIA ABC

Objetivos

- Conhecer a história ABC como forma de manifestação artística da língua de sinais.
- Compreender a temática trazida pelo texto.
- Apreciar poesia.
- Descrever objetos, pessoas e espaço físico, exercitando novas formas de expressão de sua língua e subjetividade.
- Observar o uso das configurações de mão, da localização, do movimento, da orientação das palmas das mãos e das expressões faciais na realização dos sinais.

ATIVIDADE 1

História ABC -Dia de Azar

Encaminhamento:

Apresente a história para o grupo quantas vezes houver solicitação dos alunos para que possam apreciar o texto.

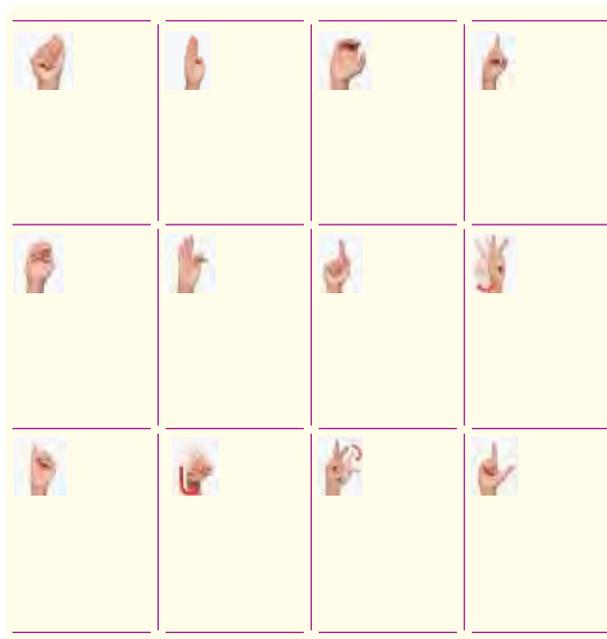
Converse com os alunos sobre a temática apresentada. Espere-se que os alunos comentem que se trata de uma história na sequência do alfabeto sobre uma pessoa que perde seu ônibus e é pega de surpresa por uma chuva forte, está desprotegida, pois tem problemas com o guarda-chuva e ainda vê mais ônibus passarem sem conseguir tomá-los, mesmo correndo atrás deles. O professor pode formular perguntas e ajudar os alunos a estabelecer relações com esta temática. Discuta a forma de produção do texto, sua característica de narrativa, obedecen-

ATIVIDADE 1 História ABC - Dia de Azar

Assista ao vídeo com a História "Dia de Azar", de Ana Carolina de Souza.



Desenhe a história Dia de Azar.



100

• CAPERNOS DE APOIO E APRENDIZAGEM • SMESP •

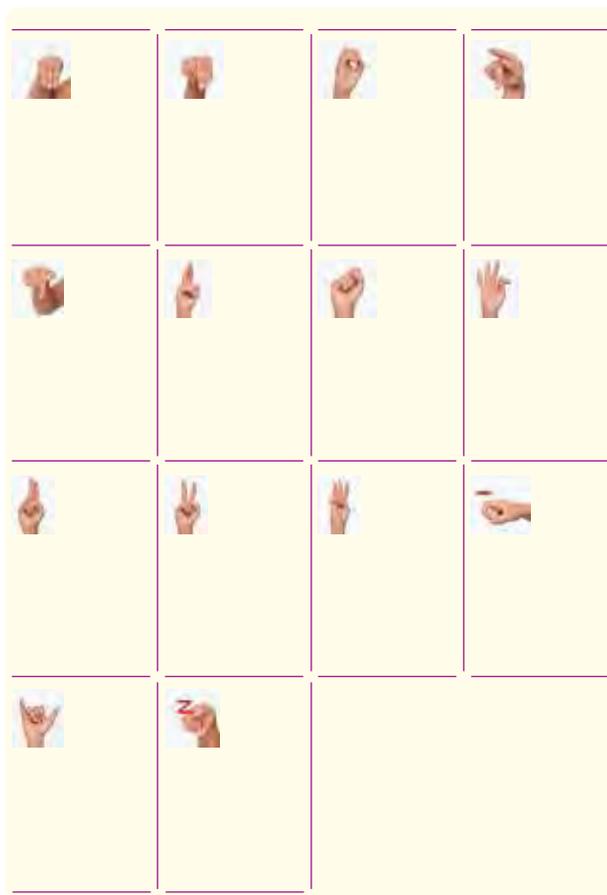
do à ordem alfabética, levante comparações entre os tipos de texto. Discuta também a escolha do título da história, se os alunos concordam ou discordam, estimule que justifiquem e argumentem suas opiniões. Por fim, proponha que os alunos elaborem um ou mais títulos que poderiam ser dados a esta história ABC.

Incentive o aluno a reproduzir a história, para memorizá-la. Às vezes, os sinais não são fiéis aos que se usam no dia a dia,

mas isto ocorre porque o autor usa a língua com licença poética para produzir o texto de forma a respeitar a regra imposta pela ordem alfabética. Por isso é importante observar que estas histórias não devem ser julgadas sob o aspecto do certo e do errado, mas sim apreciadas como produto da inteligência e fluência dos surdos em construir alegorias artísticas com sua própria língua.

Proponha discussões em que os alunos percebam se há diferen-

ça entre a forma poética que o autor usou para realizar o sinal na história e os sinais usados cotidianamente.



ATIVIDADE 2

Discussão sobre a linguagem poética - Metamorfose

Objetivos

- Desenvolver atenção aos parâmetros.
- Refletir sobre a Libras.
- Expressar sentimentos.

Encaminhamento

Apresente a poesia baseada na obra “Metamorfose”, de Escher, e converse com os alunos sobre suas impressões.

Em seguida, oriente-os a acompanhar a mesma poesia seguindo a obra correspondente.

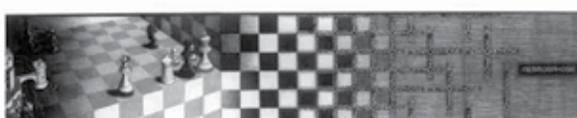
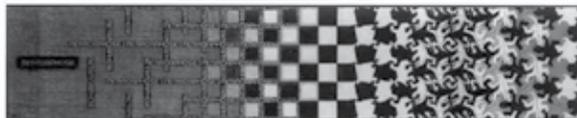
Discuta a linguagem usada na poesia, definindo os parâmetros (configuração de mão, movimento, expressão facial, ponto de articulação e direção da palma) que aparecem em diversos momentos da poesia.

- O que muda (qual dos parâmetros) entre um sinal e outro? O que marca as transformações?
- Os sinais usados são padronizados ou não?

Escolha um trecho da poesia para examinar com os alunos. Marque um X no local correspondente da obra de Escher. Após conversar sobre as configurações de mão que aparecem, peça aos alunos que procurem no quadro das configurações de mão se elas constam nele, se representam uma posição intermediária entre duas ou se são uma criação. A poesia traz essas possibilidades.

ATIVIDADE 2 Discussão sobre a linguagem poética - Metamorfose

1) Assista a poesia de Leonardo Castilho, baseada na obra "Metamorfose", de Escher.



M.C. Escher - Metamorfose

2) Olhe o quadro abaixo e reflita se alguma das configurações de mão foi usada na poesia.



ATIVIDADE 3

Criação de poesia Libertação

Objetivos

- Desenvolver atenção aos parâmetros.
- Refletir sobre a Libras.
- Desenvolver linguagem poética.
- Expressar sentimentos.

Encaminhamento

Peça aos alunos que observem a obra “Libertação”, de Escher, e discuta com o grupo como poderiam representá-la em Libras. Incentive os alunos a brincar com as possibilidades da língua de sinais. Filme o resultado final e apresente para outras turmas. As discussões e reflexões da turma realizadas na atividade anterior servem de base para esta. Apresente Escher, o autor da obra que foi usada como base para a poesia apresentada na atividade anterior. Explique aos alunos que trabalharão sobre outra obra do mesmo autor.

Dica

- Sempre que for apresentada para a turma uma personalidade que ainda não tenha sinal que a identifique, estimule os alunos a escolherem um sinal que o represente e divulgue-o para a comunidade escolar.

ATIVIDADE 3 Criação de poesia - Libertação

Com seus colegas, brinque com as possibilidades da língua de sinais para criar uma poesia com base na obra abaixo.



M.C. Escher - Libertação

ATIVIDADE 4

Criação de poesia Laços de União

Objetivos

- Refletir sobre a língua de sinais e as possibilidades da linguagem gestual.
- Desenvolver linguagem poética.
- Expressar sentimentos.

Encaminhamento

Peça aos alunos que observem a obra “Laço da união”, converse sobre suas impressões a imagem com os alunos. Questione os alunos:

- A imagem é real ou irreal? (Eles já devem saber, mas é importante trazer isso para consciência, inclusive para que fique claro que a proposta desta atividade não é fazer algo certo ou errado, é um momento de brincar com a língua de sinais).
- Conte quantas tiras tem? Tem alguma interrupção?
- Quem são as pessoas que aparecem na figura? Qual parece ser a relação entre elas?
- Onde aparecem as esferas? Que sensação se tem ao observar as esferas?

Solicite que os alunos, em duplas, discutam sobre formas de representar essa imagem em Libras. Peça que cada dupla apresente o que criou.

Após todas as apresentações, abra espaço para comentários. Cada aluno deve escolher o trabalho de uma dupla de colegas e fazer um comentário. Se muitos alunos escolheram comentar o trabalho da mesma dupla,

ATIVIDADE 4 Criação de poesia - Laços de União

Com um colega, discuta sobre formas de representar a obra Laços de União, em Libras. Ensaie e apresente o que vocês criaram.



M.C. Escher - Laços de União

é possível discutir o motivo. Os sinais usados são padronizados ou não?

Dicas

- Filme as apresentações dos alunos para que possam revê-las e talvez modificá-las. Ao final do trabalho, discuta com os alunos o título da poesia.
- Apresente o vídeo a outras turmas.

ATIVIDADE 5

Criação de poesia Gabinete Antropomórfico

Objetivos

- Refletir sobre a língua de sinais e as possibilidades da linguagem gestual.
- Desenvolver linguagem poética.
- Expressar sentimentos.

Encaminhamento

A partir da foto, apresente Salvador Dali, autor da obra.

Peça aos alunos que observem a obra “O gabinete antropomórfico”, converse sobre as impressões da imagem com os alunos. Questione os alunos:

- A imagem é real ou irreal?
- O que a pessoa que aparece em primeiro plano na obra parece estar sentindo?
- O que tem nas gavetas?

Solicite que os alunos, em duplas, pensem em diferentes gavetas que eles têm no corpo e o que tem dentro de cada uma ou o que eles guardariam em cada uma. Ofereça tempo suficiente para os alunos brincarem com essa ideia e com a língua de sinais.

Peça que cada dupla apresente o que criou.

Após todas as apresentações, abra espaço para comentários. Cada aluno deve escolher o trabalho de um colega e fazer um comentário. Se muitos alunos escolheram comentar o mesmo trabalho, é possível discutir o motivo. Em que a dupla que o preparou inovou?

Dica

- Sempre que for apresentada para a turma uma

ATIVIDADE 5 Criação de poesia - Gabinete Antropomórfico

Observe a obra “O Gabinete Antropomórfico”, de Salvador Dali. Pense em diferentes gavetas que você tem no corpo e o que tem dentro de cada uma, ou o que você guardaria em cada uma. Apresente o que criou aos seus colegas.



Salvador Dali
Gabinete Antropomórfico

ATIVIDADE 6 Criação de poesia - As Horas do Dia

Com um colega, crie uma poesia pensando nos diferentes momentos do dia. Pode ser um único período do dia, comparar dois períodos diferentes ou a evolução do dia baseada nos quatro momentos representados nas obras abaixo.



Alphonse M. Mucha
As horas do Dia

106

CAPERNOS DE APOIO E APRENDIZAGEM • SMESP

personalidade, estimule os alunos a pesquisarem se já há um sinal que o represente e divulgue-o para a comunidade escolar.

ATIVIDADE 6 Criação de poesia As Horas do Dia

Objetivos

- Refletir sobre a língua de sinais e as possibilidades da linguagem gestual.

- Desenvolver linguagem poética.
- Expressar sentimentos.

Encaminhamento

A partir da foto, apresente Alphonse Mucha, autor das obras.

Peça aos alunos que observem as obras e pergunte o que elas parecem representar. São as horas do dia. Perceba que estão na ordem contrária da evolução do dia. Questione os alunos a respeito das diferenças entre cada uma:

- As cores usadas.
- A posição e o olhar da figura feminina representada.
- As flores.

Solicite que os alunos, em duplas, pensem nos diferentes momentos do dia para criarem uma poesia. Eles podem escolher um período do dia e fazer uma poesia sobre esse período, comparar dois períodos do dia ou preparar uma poesia sobre a evolução do dia com base nos quatro momentos representados nas obras apresentadas.

Ofereça tempo suficiente para os alunos brincarem com essa ideia e com a língua de sinais.

Peça que cada dupla apresente o que criou. Após todas as apresentações, abra espaço para comentários. Cada aluno deve escolher o trabalho de um colega e fazer um comentário.

Filme as produções prontas e passe para os alunos darem um título para cada uma.

ANEXOS



Unidade 1 - Atividade 8

Biografia - Susan Dupor

Susan Dupor vive em Lake Geneva, Wisconsin, Estados Unidos, onde ela pinta em seu estúdio e ensina arte na Escola para Surdos de Wisconsin. Ela nasceu surda e tem um irmão mais velho que também é surdo. Ela cresceu em Madison, Wisconsin, onde frequentou o programa para deficientes auditivos na escola.

Ela se matriculou no Instituto de Tecnologia de Rochester e se graduou em Ilustração. Depois foi para a Escola do Instituto de Arte de Chicago, onde conquistou seu diploma. Então trabalhou durante um ano em um estúdio de animação antes de ir para o mestrado científico em Educação de Surdos e Arte-Educação, por meio de um programa conjunto da Universidade de Rochester e do Instituto de Tecnologia de Rochester.

Seu trabalho foi incluído em muitas exposições coletivas e também fez uma exposição individual na Galeria de Arte Washburn, na Gallaudet University. Seu trabalho fez aparições na Galeria Switzer, em Rochester, Nova York, em 1993, 1995, 1996 e 2000, e na Galeria Americana de Artistas Surdos, em Rochester, Nova York.

Unidade 2 - Atividade 1

Jogo - Mancala

Na África, joga-se o Mancala fazendo doze buracos na terra ou em tabuleiros feitos em madeira. Você mesmo pode improvisar e fazer seu tabuleiro usando uma caixa de uma dúzia de ovos, como na foto, e 48 pedrinhas ou sementes (pode ser feijão ou grão-de-bico). O Objetivo do jogo é colher a maior quantidade de sementes. O tabuleiro tem dois terrenos com seis buracos, em linha. No princípio do jogo, são colocadas 4 sementes em cada cova. Dessa forma, cada jogador planta 24 sementes ao todo. Os jogadores combinam quem iniciará a partida. Este escolhe uma das covas do seu campo e retira as sementes para redistribuí-las. O jogador coloca uma semente em cada um dos bu-

racos seguintes, à direita da cova que acabou de esvaziar, sem pular nenhuma cova.

Desse modo, as sementes se movem pelas covas do seu campo e também no campo adversário. Quando a última semente cair numa cova do adversário que contenha uma ou duas sementes, o jogador pode esvaziar a cova, colhendo as sementes e retirando-as do jogo. Para colher mais sementes que o adversário, o jogador deve planejar sua jogada ao escolher a cova que irá esvaziar: Ele deve contar a quantidade de sementes das suas covas, calculando onde cairá a última semente para descobrir quanto poderá colher do adversário. Além disso, deve evitar que as covas de seu território fiquem com poucas sementes.

Quando um dos jogadores consegue colher todas as sementes de uma cova, todas as covas anteriores, seguidas, que contenham uma ou duas sementes também podem ser esvaziadas. Assim, o jogador colhe em uma só jogada uma grande quantidade de sementes.

Se a cova que o jogador escolheu para começar a jogada tiver mais de onze sementes, ele as colocará em sequência, uma em cada cova, resultando em uma volta completa no tabuleiro, passando pelos dois campos. Porém, ao passar pela cova da qual tirou as sementes, o jogador deverá pulá-la, deixando-a vazia e continuar colocando sementes nas covas seguintes. Neste jogo, não se deixa o adversário faminto. Se ele não tiver mais nenhuma semente no seu campo, o outro jogador deve pegar uma semente de seu campo para lhe entregar, de modo que o jogo possa prosseguir.

Unidade 2 - Atividade 3

Jogo lógico e linguístico Baralho 1

História 1

Isabela tem um passarinho.

O dono do gato tem 11 anos.

Rafael tem 10 anos e um cachorro.

1 - Quem tem 13 anos?

2 - Qual a idade da Juliana?

Respostas

1 - Quem tem 13 anos é a Isabela.

2 - Juliana tem 11 anos.

História 2

Rafael tem um passarinho.

Juliana tem 10 anos.

Isabela tem 11 anos.

Juliana tem um gato.

1 - Quem tem 13 anos?

2 - De quem é o cachorro?

Respostas

1 - Quem tem 13 anos é o Rafael.

2 - O cachorro é da Isabela.

História 3

Juliana tem 13 anos.

Isabela tem um gato.

O dono do passarinho tem 11 anos.

1 - De quem é o cachorro?

2 - Quem tem 10 anos?

3 - Qual é o animal do Rafael?

Respostas

1 - O cachorro é da Juliana.

2 - Quem tem 10 anos é a Isabela.

3 - Rafael tem um passarinho.

História 4

O dono do cachorro tem 10 anos, mas não é a Isabela.

O dono do passarinho tem 11 anos.

O gato é do Rafael.

1 - Qual a idade da Juliana?

2 - De quem é o cachorro?

3 - Quem tem 13 anos?

Respostas

1 - Juliana tem 10 anos.

2 - O cachorro é da Juliana.

3 - Quem tem 13 anos é o Rafael.

História 5

A pessoa que tem 11 anos tem um passarinho.

Rafael tem um gato.

Juliana tem 13 anos.

1 - Qual é o animal da Isabela?

2 - Quem tem 10 anos?

3 - Quem tem um cachorro?

Respostas

1 - Isabela tem um passarinho.

2 - Quem tem 10 anos é o Rafael.

3 - Quem tem um cachorro é a Juliana.

História 6

Juliana tem 11 anos e não tem passarinho.

O dono do cachorro tem 10 anos.

Rafael tem 13 anos.

1 - Quantos anos tem a Isabela?

2 - De quem é o passarinho?

3 - De quem é o gato?

Respostas

1 - Isabela tem 10 anos.

2 - Quem tem passarinho é o Rafael.

3 - Quem tem gato é a Juliana.

Baralho 2

História 1

Lucas gosta de andar de bicicleta.

Ana come Pipoca.

A pessoa que adora assistir televisão gosta de comer banana.

Quem come bolacha?

Quem costuma pular corda?

O que o Erik come?

Respostas

Quem come bolacha é o Lucas.

Quem costuma pular corda é a Ana.

Erik come banana.

História 2

Ana assiste muito televisão.

Lúcia come banana.

A pessoa que come bolacha gosta de andar de bicicleta.

Quem costuma pular corda?

Quem come pipoca?

O que o Erick come?

Respostas

Quem costuma pular corda é o Lucas.

Quem come pipoca é a Ana.

O Erick come bolacha.

História 3

Lucas come banana. Erick pula corda.

A pessoa que come pipoca assiste televisão.

Quem anda de bicicleta?
O que a Ana come?
Quem come bolacha de morango?
Respostas
Quem anda de bicicleta é o Lucas
Ana come pipoca.
É o Erick que come bolacha.

História 4

Erick tem uma bicicleta muito bonita.
Ana come pipoca.
A pessoa que come bolacha assiste televisão.
O que Lucas come?
Quem pula corda?
Quem come banana?
Respostas
Lucas come bolacha.
Quem pula corda é a Ana.
Quem come banana é o Erick.

História 5

Ana não tem televisão.
A pessoa que pula corda come bolacha.
Erick tem uma bicicleta, mas não come pipoca.
Quem come banana?
O que Lucas gosta de fazer (hobby)?
Respostas
Quem come banana é o Erick.
Lucas gosta de assistir televisão.

História 6

A pessoa que está assistindo televisão está comendo banana.
Ana está comendo bolacha.
Erick tem uma bicicleta.
Quem come pipoca?
O que Lucas come?
Quem pula corda?
Respostas
Quem come pipoca é o Erick.
Lucas come banana.
Quem pula corda é a Ana.

Baralho 3

História 1

Amanda joga tênis.
A pessoa que joga ping pong mora no Tucuruvi.

José não mora no Tucuruvi.
Cristina mora em Santo Amaro.
A pessoa que pratica judô mora em Santa Cruz.
Onde mora Ronaldo?
Quem joga futebol?
Quem mora na Mooca?
Respostas
Ronaldo mora no Tucuruvi.
Quem joga futebol é a Cristina.
Quem mora na Mooca é a Amanda.

História 2

A pessoa que joga ping pong mora em Santo Amaro.
Ronaldo mora em Santa Cruz, mas não joga futebol.
José joga tênis.
Cristina mora no Tucuruvi.
Qual esporte pratica Amanda?
Quem mora na Mooca?
Quem pratica judô?
Respostas
Amanda joga ping pong.
José mora na Mooca.
É Ronaldo quem pratica judô.

História 3

Cristina mora em Santa Cruz.
A pessoa que pratica judô mora em Santo Amaro, e não é a Amanda.
Ronaldo joga ping pong.
A pessoa que mora na Mooca joga futebol.
Qual é o esporte de José?
Quem joga tênis?
Quem mora no Tucuruvi?
Respostas
José pratica judô.
Quem joga tênis é a Cristina.
Quem mora no Tucuruvi é o Ronaldo.

Historia 4

Cristina é campeã de ping pong.
Amanda mora em Santo Amaro.
José mora no Tucuruvi.
Ronaldo é judoca e mora na Mooca.
Amanda joga futebol.
Quem joga tênis?
Quem mora em Santa Cruz?
Respostas

Quem joga tênis é o José.
Quem mora em Santa Cruz é a Cristina.

História 5

Cristina mora em Santa Cruz.
A pessoa que mora no Tucuruvi joga futebol.
A pessoa que pratica judô mora na Mooca.
Ronaldo mora em Santo Amaro.
Amanda não joga futebol.
Qual esporte pratica José?
Se o Ronaldo não joga ping pong, qual esporte ele pratica?
Quem joga ping pong?
Respostas
José joga futebol.
Ronaldo joga tênis.
Quem joga ping pong é a Cristina.

História 6

Cristina se mudou para Santa Cruz.
Amanda joga futebol.
A pessoa que mora no Tucuruvi joga tênis.
Ronaldo mora na Mooca.
Cristina não pratica judô.
Quem mora em Santo Amaro?
Quem joga ping pong?
Onde José mora?
Respostas
Quem mora em Santo Amaro é a Amanda.
Quem joga ping pong é a Cristina.
José mora no Tucuruvi.

Respostas das relações entre as cartas. Baralho 1

Quadro resposta da história 1

Rafael tem 10 anos e um cachorro.
Juliana tem 11 anos e um gato.
Isabela tem 13 anos e um passarinho.

Quadro resposta da história 2

Rafael tem um passarinho e 13 anos.
Juliana tem um gato e 10 anos.
Isabela tem um cachorro e 11 anos.

Quadro resposta da história 3

Juliana tem 13 anos e um cachorro.
Isabela tem 10 anos e um gato.

Rafael tem 11 anos e um passarinho.

Quadro resposta da história 4

Isabela tem 11 anos e um passarinho.
Juliana tem 10 anos e um cachorro.
Rafael tem 13 anos e um gato.

Quadro resposta da história 5

Isabela tem 11 anos e um passarinho.
Juliana tem 13 anos e um cachorro.
Rafael tem 10 anos e um gato

Quadro resposta da história 6

Juliana tem 11 anos e um gato.
Isabela tem 10 anos e tem um cachorro.
Rafael tem 13 anos e é dono de um passarinho.

Baralho 2

Quadro resposta da história 1

Lucas anda de bicicleta e come bolacha
Ana pula corda e come pipoca.
Erick assiste televisão e come banana.

Quadro resposta da história 2

Ana assiste televisão e come pipoca.
Lucas pula corda e come banana.
Erick anda de bicicleta e come bolacha.

Quadro resposta da história 3

Erick pula corda e come bolacha.
Lucas anda de bicicleta e come banana.
Ana assiste televisão e come pipoca.

Quadro resposta da história

Erick tem uma bicicleta e come banana.
Ana pula corda e come pipoca.
Lucas assiste televisão e come bolacha.

Quadro resposta da história 5

Lucas assiste televisão e come pipoca.
Ana pula corda e come bolacha.
Erick anda de bicicleta e come banana.

Quadro resposta da história 6

Lucas assiste televisão e come banana.
Ana pula corda e come bolacha
Erick anda de bicicleta e come pipoca.

Baralho 3

Quadro resposta da história 1

Amanda joga tênis e mora na Mooca.
Ronaldo joga pingue-pongue e mora no Tucuruvi.
José pratica judô e mora na Santa Cruz.
Cristina joga futebol e mora em Santo Amaro.

Quadro resposta da história 2

Amanda mora em Santo Amaro e joga pingue-pongue.
Ronaldo mora na Santa Cruz e pratica judô.
Cristina mora no Tucuruvi e joga futebol.
José mora na Mooca e joga tênis.

Quadro resposta da história 3

Cristina mora na Santa Cruz e joga tênis.
José mora em Santo Amaro e pratica judô.
Amanda mora na Mooca e joga futebol.
Ronaldo mora no Tucuruvi e joga pingue-pongue.

Quadro resposta da história 4

Cristina joga ping pong e mora na Santa Cruz.
Amanda joga futebol e mora em Santo Amaro.
José joga tênis e mora no Tucuruvi.
Ronaldo pratica judô e mora na Mooca.

Quadro resposta da história 5

Cristina joga pingue-pongue e mora na Santa Cruz.
José joga futebol e mora no Tucuruvi.
Amanda pratica judô e mora na Mooca.
Ronaldo joga tênis e mora em Santo Amaro.

Quadro resposta da história 6

Cristina joga pingue-pongue e mora na Santa Cruz.
Amanda joga futebol e mora em Santo Amaro.
José joga tênis e mora no Tucuruvi.
Ronaldo pratica judô e mora na Mooca.

Unidade 3 - Atividade 1

Conto Tradicional - O Gato de Botas

MAZALI, G.; BERNATENE, P.; **Os mais belos contos de Perrault**. 1ª Ed. São Paulo. Ciranda Cultural: 2008.

Um velho moleiro ao falecer repartiu seus bens a seus três filhos. Ao filho mais velho deixou o moinho; ao filho do meio deixou seu burro e ao caçula o pai deixou apenas um gato.

O rapaz ficou muito aborrecido com a sua parte da herança, mas o gato lhe disse:

— Meu querido amo, compra-me um par de botas e um saco e, em breve, te provarei que sou de mais utilidade que um moinho ou um asno.

Pensando que não tinha nada a perder, usou o pouco dinheiro que tinha e atendeu ao pedido do gato.

O gato, muito confiante, calçou as botas, colocou o saco nas costas e saiu. Em sua caminhada, avistou próximo à estrada um coelho distraído. Num salto, capturou o coelho e meteu-lhe dentro do saco. O gato tratou de apressar o passo pois planejava levar o coelho ao rei.

Ao chegar ao castelo informou:

— Sou um enviado do nobre marquês de Carabás que mandou que lhe entregasse este coelho para que hoje seu jantar seja muito especial.

— Mas que maravilha! — exclamou o rei. — Adoro coelho assado e não é fácil apanhar um por aqui! Diz ao teu amo que eu lhe sou muito grato.

No dia seguinte, o gatinho presenteou o rei com duas perdizes dizendo ser presente do marquês de Carabás. O rei ficou curioso para conhecer este súdito tão gentil. Ordenou que preparassem a sua carruagem, pois, em companhia de sua filha iria até a casa do nobre que lhe tinha enviado tão preciosas lembranças.

O gato sugeriu ao amo:

— Vem já comigo, que te vou indicar um lugar, no rio, onde poderás tomar um bom banho.

O jovem, sem entender nada, mais uma vez acatou à sugestão do servo e o seguiu.

O gato levou-o a lugar próximo ao caminho onde passaria a carruagem real. Pediu a ele que tirasse

suas roupas e as escondesse debaixo de uma pedra e o esperasse dentro da água.

Não demorou muito e a carruagem que levava o rei e a princesa se aproximou do local onde o gato havia indicado a seu amo.

– Socorro! Socorro! – saltou gritando o bichano no meio da estrada.

O rei o reconheceu e ordenou que parassem a carruagem.

O gato foi logo dizendo:

– Ladrões roubaram a roupa do meu pobre amo, o Marquês de Carabás! A água está muito fria e ele sofre de câimbras!

O rei mandou um de seus servos ir ao palácio buscar roupas secas para o jovem.

O rapaz, em roupas reais, ficou muito bonito e a princesa, ao vê-lo ficou encantada. O rei também ficou convencido de que o rapaz era mesmo um nobre.

O rei, em meio a uma simpática gargalhada disse: – Veja só, meu rapaz, você lembra a mim quando era jovem. Eu era exatamente assim, nos meus tempos de moço.

O gato aproveitando a distração de todos, correu à frente da carruagem chegando a uns campos em que trabalhavam uns lavradores:

– Vem aí o rei e a princesa. Diga a ele que todos estes campos pertencem ao marquês de Carabás, e serão fartamente recompensados.

E assim foi feito. O rapaz, não entendeu o que estava acontecendo e sorriu desconcertado. O rei ficou maravilhado com as terras que pensava ser do Marquês de Carabás. E pensou consigo mesmo: –Que humilde este jovem!–

O gato continuou sua disparada e encontrou uns camponeses ceifando trigo e lhes fez proposta:

– Vem aí o rei e a princesa. Diga a ele que todos estes campos pertencem ao marquês de Carabás, e serão fartamente recompensados.

Quando chegou a carruagem real e o rei perguntou a quem pertencia todo aquele trigo a resposta foi a mesma:

– Do marquês de Carabás!

O rei ficou ainda mais entusiasmado com tantas propriedades. O rapaz começava a duvidar do plano do gato.

O gato ainda à frente da carruagem, atravessou um bosque sombrio e chegou ao palácio do verdadeiro dono das terras por onde passava a comitiva do rei. Embora fosse um magnífico palácio, seu dono era um ogro terrível.

O gatinho bateu à porta e foi recebido pelo ogro: – Tenho ouvido por aí umas histórias a teu respeito. É verdade que você é capaz de se transformar no que quiser?

– Claro! – respondeu irritado ao transformar-se em um leão.

– Ah! Qualquer um pode parecer maior do que realmente é. Quero ver é tornar-se menor. Não acredito que possa se transformar em algo tão pequeno quanto um rato.

Numa gargalhada o ogro transformou-se num pequeno camundongo.

Rápido como um raio, o gato agarrou-o com as unhas e o engoliu.

Não demorou muito e a carruagem real chegou ao castelo. O rapaz já suave e frio quando foi recebido pelo gato todo sorridente à porta da carruagem dizendo:

– Seja bem vindo, vossa majestade, ao palácio do marquês de Carabás.

– Ora, rapaz, que magnífico palácio.

O rapaz timidamente agradeceu.

Qual não foi a surpresa do filho do moleiro ao adentrar o castelo e ser recebido por empregados que lhe sorriam e os conduziram a uma mesa com um delicioso banquete.

O rei, notando os olhares entre sua filha e o nobre rapaz, declarou que faria muito gosto que os jovens se casassem. A cerimônia foi realizada em pouco tempo o casal viveu feliz para sempre.

E o nobre filho do moleiro prometeu cuidar do gato até o fim de seus dias.

Unidade 3 - Atividade 3

Fábula - O Sapo e o Boi

ASH, R; HIGTON, B.; **Fábulas de Esopo**.
7ª Ed. São Paulo. Cia das Letrinhas: 1996

Há muito, muito tempo atrás, viveu um boi muito imponente.

Ele era grande, com andar elegante, parecia até dono do mundo.

Um belo dia o boi estava dando seu passeio matinal, quando cruzou com o sapo.

Ele olhou pra o boi e ficou maravilhado.

Chamou os amigos e disse:

- olhem só que sujeito! Que porte! Mas também, grande coisa. Se eu quisesse, seria do tamanho dele. Todos olharam para ele, incrédulos.

O sapo então, começou a estufar a barriga.

Estufou, estufou e, em pouco tempo, já estava o dobro do seu tamanho original.

- Já estou grande como ele?,- perguntou o sapo para os amigos.

Todos disseram que não.

Ele, então, estufou mais um pouco e tornou a perguntar.

Dessa vez, o -Não- veio acompanhado de um alerta: - é melhor você parar com isso.

Mas a vontade de imitar o boi era maior do que tudo e o sapo não deu ouvidos.

Continuou estufando, estufando, estufando... Até que estourou.

Unidade 3 - Atividade 4

Lenda - Vitória Régia

Os índios tupis-guaranis diziam que a Lua era uma deusa e se gostasse de uma jovem transformava-a em estrela do Céu.

Naiá, filha do chefe da tribo, sonhava ser chamada pela Lua e subia as colinas para persegui-la, na esperança de que a Lua a notasse.

Fazia isso todas as noites, mas a Lua parecia não percebê-la e por isso, Naiá chorava de tristeza. Uma noite a índia viu, refletido nas águas brilhantes de um lago, o vulto da Lua. Imaginando que a lua viera buscá-la, se atirou no lago e nunca

mais foi vista.

A Lua quis compensar o sacrifício de Naiá e decidiu transformá-la em uma estrela diferente de todas. Transformou-a numa “Estrela das Águas” e, assim, surgiu a Vitória Régia, uma planta de flores perfumadas e brancas que se abrem à noite, e ao amanhecer ficam rosadas.

Unidade 3 - Atividade 5

Lenda - Boitatá

Segundo a lenda, o Boitatá é uma cobra que sobreviveu a uma grande tempestade. Para escapar dela entrou numa cratera e lá permaneceu na escuridão durante muito tempo, por isso seus olhos cresceram. Desde então percorre os campos procurando restos de animais para se alimentar. Às vezes, na figura de cobra com os olhos faiscantes persegue as pessoas que andam à noite nas matas. Em outras situações, é visto como um facho brilhante de fogo cruzando a mata de um lado a outro.

É um mito que se modifica conforme a região do país, o boitatá pode ser visto como um benfeitor que protege as florestas contra pessoas que provocam incêndios nas florestas ou como malfeitor que causa estes incêndios.

Unidade 3 - Atividade 6

Mito - Eros e Psiquê

Cupido ou Eros, Deus grego do amor, era de beleza extraordinária e, com seu arco, disparava flechas de amor nos corações dos deuses e dos humanos.

Afrodite, sua mãe, enciumada porque a beleza de Psique era alardeada por todos, ordenou a Cupido que fizesse Psique se apaixonar por alguém de nível muito baixo. Cupido encontrou Psique dormindo e, acordou-a ao tocá-la com sua flecha, ficou tão arrebatado por sua beleza que, acidentalmente, arranhou a si mesmo com a flecha e se apaixonou por ela. Levou-a dali para bem longe, para um magnífico palácio onde visitava-a todas

as noites.

Todos os desejos de Psique eram atendidos como que magicamente e, durante muito tempo, ela não viu o rosto de seu marido, pois ele a proibira de olhá-lo, desejando que Psique o amasse, como humano, e não como um deus. Quando a curiosidade enfim se apossou dela, Psique acendeu uma lâmpada, enquanto Eros dormia e segurou-a por cima dele para observá-lo. Uma gota de óleo quente caiu no peito de Eros que, abrindo as asas voou para fora do palácio. O palácio e tudo o que havia nele desapareceu.

Psique perambulou dias e noites, sem comer e sem dormir, buscando por Eros, enquanto ele estava aprisionado no quarto da mãe por causa de seu ferimento.

Afrodite, irritada com Psique por ter se casado com seu filho, deu-lhe um período de punição. Zeus implorou a Afrodite pelo perdão aos dois enamorados e ela o concedeu. Zeus deu a Psique um copo de néctar para beber, tornando-a imortal e unindo-a para sempre com o seu marido.

Unidade 3 - Atividade 7

Refletindo sobre a Libras - Classificadores

Autora: Tanya A. Felipe

Em Libras, os classificadores são configurações de mão, que relacionados à coisa, pessoa ou animal funcionam como marcadores de concordância verbal ou nominal.

Assim, os classificadores são formas que, substituindo o nome que as precedem, vem junto ao verbo para classificar o sujeito ou o objeto que está ligado à ação do verbo. Portanto os classificadores em Libras são marcadores de concordância de gênero: PESSOA, ANIMAL, COISA.

Os classificadores para PESSOA ou ANIMAL podem ter plural, que é marcado ao se representar duas pessoas ou animais simultaneamente com as duas mãos ou fazendo um movimento repetido em relação ao número.

Os classificadores para coisa representam, através da concordância, uma característica desta coisa que está sendo objeto da ação verbal.

Não se deve, portanto, confundir os classificadores, que são algumas configurações de mãos obrigatórias incorporadas ao movimento de certos tipos de verbos, com os adjetivos descritivos que as línguas de sinais, por serem espaços-visuais, representam. Por exemplo: para dizer nestas línguas que –uma pessoa está vestindo uma blusa de bolinhas, quadriculada ou listrada–, estas expressões adjetivas são desenhadas no peito do emissor, mas esta descrição não é um classificador, mas um adjetivo, que embora classifique, estabelece apenas uma relação de qualidade do objeto e não relação de concordância de gênero: PESSOA ANIMAL, COISA, que é característica dos classificadores em Libras, como também em outras línguas orais e de sinais.

Unidade 3 - Atividade 8

Mito - A caixa de Pandora

A Caixa de Pandora é uma história da mitologia grega e explica como foram liberados os diversos males que afligem o homem e o mundo e, também, a nossa capacidade de sempre ter esperança. Pandora foi a primeira mulher que existiu.

De cada um dos deuses recebeu uma virtude: graça, beleza, meiguice, inteligência, persuasão, paciência, habilidade na dança e nos trabalhos manuais. Entretanto, o deus Hermes pôs em seu coração a traição e a mentira.

Foi enviada a Epimeteu que, encantado pela sua radiante beleza, a tomou como esposa.

Epimeteu tinha uma caixa, que continha todos os males. Se fosse aberta causaria o caos na vida dos homens. Avisou Pandora que não a abrisse. Porém, não resistindo à curiosidade, Pandora abriu a caixa e os males escaparam. Por mais depressa que a fechasse, somente conseguiu conservar a esperança.

Assim, a partir desse momento, os homens foram atormentados por todos os males.

Unidade 3 - Atividade 9

Crônica - A Lagartixa

CAMPOS, P. M.; **Alhos e Bugalhos - Crônicas Humorísticas**. 1ª Ed. São Paulo. Civilização Brasileira: 2001

Sinto nojo e medo de lagartixas domésticas, acabei odiando o pobre bicho.

Outro dia vi um menino brincar com uma, das menores, por sinal, e estremei como se a criança estivesse a cutucar um violento jacaré.

Meu apartamento vinha sendo a residência de três enormes lagartixinhas.

Noites mal dormidas.

Pensei: preciso matá-las para livrar-me do receio de que me caiam na cara durante o sono.

Ontem liquidei duas.

A primeira foi mais fácil.

Para começar, fitei-a longamente, como a convencer-me de minha superioridade física e moral. Armado de um cabo de vassoura, aproximei-me cauteloso, enquanto ele me olhava, a duvidar de minhas reais intenções.

Não é possível – concluí – que este sujeito vai me dar, a mim que nada lhe fiz, uma cacetada.

Como eu continuasse avançando recuou um pouco, mas, pejando-se da covardia, tornou a refletir que eu não teria motivos para maltratá-la.

Seu nobre raciocínio custou-lhe o rabo, o rabo porque, no desconcerto da emoção, o golpe desviou-se alguns centímetros do alvo.

Enquanto o rabo – momento puro de misterioso pavor – estertorava-se no chão, a bichinha esgueirou-se pela parede, ocultando-se atrás de um móvel.

Os saltos do rabo solitário me acabrunhavam.

Senti meu valor desfalecer.

Agora, no entanto, o problema era outro; tratava-se, piedosamente, de livrar a lagartixa daquele rabo inquieto, ou seja, destruir a lagartixa aleijada. De que vale uma lagartixa sem rabo? De que vale um rabo sem lagartixa.

Afastei o móvel, tive a impressão triunfante de que ela fremia de horror.

Desferi o segundo golpe com tal confusão de sentimentos que a infeliz ficou descadeirada.

Tonta, sem noção do perigo, começou a arrastar-se penosamente pelo rodapé, desgraciosa e lenta. Com a terceira bordoadada, estrebuchou de barriga para cima.

É cadáver, respirei.

Coisa nenhuma.

Ao remover o corpo, fui surpreendido por um pulo que a colocou de novo, toda estragada, na posição normal.

Veio-me um frio ruim à espinha.

Tive vontade de sair, dar uma volta pela praia, tomar um conhaque.

A essa altura, entretanto, já não podia permitir a mim mesmo fraquezas dessa espécie.

O tiro de misericórdia (ai de mim) teria liquidado um gambá.

O assassinato da segunda, (a verificação chocou-me bastante) foi incomparavelmente mais fácil. Menos emocionado, já meio habituado ao crime, desferi apenas dois golpes furiosos e fatais.

Joguei os corpos no lixo, e estava a escrever isto, quando alguém, lendo por cima do meu ombro, corrigiu a minha ignorância em dois pontos: primeiro que lagartixa dá sorte; segundo, que, decepado o rabo de uma lagartixa, cresce-lhe outro.

Assim sendo, quanto ao rabo retifico logo: uma lagartixa sem rabo, a longo prazo, vale uma lagartixa inteira.

No tocante à sorte, quero dizer que o extermínio das duas inocentes parece que me ajudou muito a libertar-me do medo.

A terceira lagartixa, ausente na hora da matança, pode ficar agradecida ao sacrifício de suas irmãs. E se ela me der sorte, eu lhe pouparei a vida.

Unidade 3 - Atividade 18

Crônica - O Sonho do Feijão

NOVAES, C.E.; **Para Gostar de Ler - Crônicas - Volume 7**. 18ª Ed. São Paulo. Ática: 2002

Dona Abgail sentou-se na cama, sobressaltada, acordou o marido e disse-lhe que havia sonhado que iria faltar feijão. Não era a primeira vez que esta cena ocorria. Dona Abgail consciente de seus afazeres de dona-de-casa vivia constantemente atormentada por pesadelos desse gênero. E de outros gêneros, quase todos alimentícios. Ainda bêbado de sono o marido esticou o braço e apanhou a carteira sobre a mesinha de cabeceira: – Quanto é que você quer? – A mulher pensou um

pouco e pediu o suficiente para comprar 15 quilos, –depois se a situação se agravar você me dá para comprar mais 15–. Levantou-se rápida, mudou de roupa e ligou para sua amiga, dona Etelvina que era uma espécie de líder das donas-de-casa de Irajá.

- Alô, Etelvina? Eu estou com o pressentimento de que vai faltar feijão.
- Feijão também? Então deixa eu avisar rápido as outras.

Em menos de cinco minutos a notícia se espalhou por toda a cidade. As donas-de-casa possuem uma misteriosa rede de comunicação por onde os boatos de propagam com a rapidez de um Boeing-747. É só alguém dizer que vai faltar, por exemplo, azeite, no Leblon, que em três minutos já se forma um fila no Méier.

Ao sair para comprar feijão, dona Abigail atrasou-se um pouco para deixar seus quatro filhos na escola. Quando parou na porta do supermercado viu uma fila enorme que se estendia por mais de 80 metros. Perguntou a uma das enfileiradas:

- Que fila é essa?
- É a do feijão.

Perfilou-se arrependida por ter revelado o seu sonho. Se não tivesse espalhado a notícia poderia fazer sua compra tranquilamente pois ninguém saberia que o feijão ia faltar. Depois, dona Abigail começou a encontrar outras amigas, estabeleceu-se um animado bate-papo e acabou achando que aquela fila estava ótima. Era uma das melhores que já frequentara.

Existem algumas donas-de-casa que têm uma atração toda especial por fila. Para muitas há qualquer coisa de heroico numa fila: a espera, a paciência e o que é mais importante, a entrada triunfal em casa sobraçando o tão disputado produto. Esta é a realização suprema da dona-de-casa, daí elas não permitem que suas empregadas as substituam nas filas.

Quando chegou a sua hora de comprar, dona Abigail percebeu que as prateleiras já estavam

vazias. Voltou-se para dona Etelvina ao seu lado e comentou: –eu não disse que iria faltar feijão?–

Ao sair notaram que já havia mais três filas formadas:

- Essa fila é de quê?
- De pasta de dentes.
- E essa?
- Essa é de papel higiênico.
- E essa? É pra quê?
- Pra nada. É pra quem não tem o que fazer.

Dona Abigail que já não arranjara o feijão pensou que deveria levar alguma outra coisa. Entrou na fila do papel higiênico e convidou dona Etelvina para acompanhá-la, –assim a gente aproveita e conversa um pouco–. Dona Abigail comprou 30 rolos de papel higiênico e voltou para casa. Deu de cara com o marido que assustou-se ao vê-la chegar assim carregada e não resistiu em perguntar:

- Tem alguém desarranjado aqui em casa?

Com um apartamento pequeno, dona Abigail ficou sem saber onde colocar aqueles 30 rolos. Resolveu recorrer à sua vizinha dona Olga, companheira de mais de 10 anos de filha:

- Olga, será que eu posso deixar uns 10 rolinhos de papel higiênico em sua casa?
- Pode. Mas por quê?
- Porque como vai faltar eu resolvi estocá-lo.
- Vai faltar? Não me diga. E você não me avisou nada?

Dona Olga se arrumou rapidamente e correu ao supermercado. Já tinha oito filas, sendo que três delas só de papel higiênico. Para provar sua organização, as donas-de-casa fizeram uma fila para papel branco. Outra para papel rosa e outra para o azul. Dona Olga entrou na fila do azul que combinava com os azulejos de seu banheiro. Comprou 20 rolos (dona Olga era viúva e não tinha as mesmas condições econômicas de dona Abigail, que podia comprar 30 rolos), cumprimentou al-

gumas conhecidas de fila e perguntou:

- Alguém aí sabe o que vai faltar amanhã?
- Não sei – disse uma senhora que parecia ser a coordenadora da fila – mas parece que vai faltar azeitona.
- Verde ou preta?
- Ainda não decidimos.
- Se for verde você me telefona que eu venho.

A coordenadora informou também a dona Olga que provavelmente faltaria arroz. Dona Olga retornou à sua casa e tratou de avisar a dona Abigail que faltaria arroz.

- Oba – gritou dona Abigail – essa fila é das boas.

E correu ao quarto para botar o despertador para as cinco horas.

Dia seguinte levantou-se, fez o café do marido e saiu. A fila ainda estava pequena. Entrou e, caminhando lentamente, foi esbarrar no balcão dos enlatados: –Ué, mas eu vim para a fila do arroz–.

- Mas o arroz não vai faltar – disse-lhe um empregado – não aqui. Parece que está faltando em Bangu.
- E o senhor sabe se tem fila por lá?
- Olha, até as seis horas a fila dava a volta no quarteirão.

Dona Abigail não pensou duas vezes. Pegou um táxi e foi para Bangu. Realmente a fila estava gigantesca. Saltou e indagou: –Essa é a fila do arroz?–

- Não, é do óleo de soja.
- Mas como do óleo de soja? Não tem óleo de soja.
- Eu sei – respondeu uma enfileirada – mas quando chegar nós já estamos na fila.

A fila foi andando, andando e quando dona Abigail encostou no balcão o óleo de soja ainda não havia chegado. Aí dona Abigail não teve outra alternativa, pensou um pouco e comprou mais 30 rolos de papel higiênico.

Unidade 3 - Atividade 19

Crônica - Segunda-feira

FALCÃO, A.; **O homem que só tinha certezas e outras crônicas**. São Paulo. Planeta do Brasil:2011

Toda segunda-feira começa cedo mesmo que acorde tarde.

As segundas, aliás, começam quase sempre na véspera, –amanhã já é segunda– (toda noite de domingo traz com ela, além da depressão habitual e do som de uma TV ligada, uma segunda-feira inevitável).

Toda segunda, há uma promessa a ser cumprida, pelo menos uma, muitos ônibus lotados, atrasos motivados pelos mais diversos motivos e um alto índice de enfartes.

Toda segunda tem a esperança de um telefonema que mude a sua vida, tem uma papel pra ser assinado, tem uma prestação pra se botar em dia e tem uma importante decisão a ser tomada.

Toda segunda tem um pouquinho de primeiro do ano.

Toda segunda, um cantor de bar fica rouco, um bailarino está exausto, um artista de teatro aproveita sua folga até a próxima quarta e a namorada de um garçom capricha na lavanda.

Toda segunda tem alguém que parou de beber, tem alguém que parou de fumar, tem alguém começando uma dieta.

Toda segunda, as agendas das garotas acumulam novos ingressos de –show–, notinhas de bar, pétalas de flor, guardanapos de papel, bilhetes de amor e ficam ainda mais gordas.

Em compensação, as folhinhas, se é que ainda existem folhinhas, vão ficando mais magras.

Toda segunda tem pelo menos um bom dia que é dito com alegria por alguém que encontrou o seu amor no final de semana, e pelo menos um que é dito com tristeza por alguém que perdeu o seu, ou porque ele se foi, ou porque o amor perdeu a graça. Toda segunda, secretárias com muitas aventuras pra contar deixam os chefes malucos atrás de documentos, relatórios e cronogramas.

Toda segunda, os desenganados têm mais um domingo pra contar e os infelizes da vida ficam contentes porque têm menos um domingo pela frente. Toda segunda, alguém começa uma contagem re-

gressiva.

Toda segunda, uma expectativa se estabelece.

Toda segunda, uma prazo se esgota.

Segunda sim, segunda não, já se passou uma quinzena e alguém continua esperando alguma coisa que não chega nunca.

Toda segunda, existe um trabalho chatíssimo pra fazer, a não ser que, sorte a sua, seja feriado.

Toda segunda é ensolarada, mesmo as mais chuvosas, só pra arruinar o humor da humanidade.

Toda segunda é igual à outra, menos se o seu time ganhou, se o despertador não tocou, se o seu filho nasceu ou se um terremoto destruiu a cidade.

Toda segunda, nascem não sei quantas crianças, umas de parto normal, umas de cesariana, e todas elas, benza Deus, segunda que vem vão completar uma semana.

Toda segunda, faz um ano exato que um fato qualquer aconteceu e para alguma pessoa, por algum motivo, isso tem uma enorme importância.

Toda segunda é meio lembrança, meio começo, meio cansaço, meio maçante, meio preguiça, meio esperança.

Toda segunda tem alguma coisa ruim, alguma coisa boa e uma péssima fama.

Unidade 5 - Atividade 1

Relato Histórico - INES

O atual Instituto Nacional de Educação de Surdos foi criado em meados do século XIX por iniciativa do surdo francês E. Huet.

Em junho de 1855, Huet apresenta ao Imperador D. Pedro II um relatório cujo conteúdo revela a intenção de fundar uma escola para surdos no Brasil. Neste documento também informa sobre a sua experiência anterior como diretor de uma instituição para surdos na França: o Instituto dos Surdos-Mudos de Bourges.

Era comum que surdos formados pelos Institutos especializados europeus fossem contratados a fim de ajudar a fundar estabelecimentos para a educação de seus semelhantes.

O novo estabelecimento começa a funcionar em 1º

de janeiro de 1856, mesma data em que foi publicada a proposta de ensino apresentada por Huet. Essa proposta continha as disciplinas de Língua Portuguesa, Aritmética, Geografia, História do Brasil, Escrituração Mercantil, Linguagem Articulada, Doutrina Cristã e Leitura sobre os Lábios.

Até o ano de 1908 era considerada a data de fundação do Instituto o dia 1º de Janeiro de 1856. A mudança deu-se através do artigo 7º do decreto nº. 6.892 de 19 de março de 1908, que transferiu a data de fundação para a da promulgação da Lei 939 de 26 de setembro de 1857 que em seu artigo 16, inciso 10, consta que o Império passa a subvencionar o Instituto. Antes desse decreto os alunos eram subvencionados por entidades particulares ou públicas e até mesmo pelo Imperador. No ano de 1957 foi realizada a mudança mais significativa de suas denominações, que foi a substituição da palavra Mudo, pela palavra Educação. Essa mudança refletia o ideário de modernização da década de 50, no Brasil, no qual o Instituto, e suas discussões sobre educação de surdos, também estava inscrito.

Em razão de ser a única instituição de educação de surdos em território brasileiro e mesmo em países vizinhos, por muito tempo o INES recebeu alunos de todo o Brasil e do exterior, configurando-se numa Instituição de referência para os assuntos de educação, profissionalização e socialização de surdos.

A língua de sinais praticada pelos surdos no Instituto, de forte influência francesa, em função da nacionalidade de Huet, foi espalhada por todo Brasil pelos alunos que regressavam aos seus Estados quando do término do curso.

Nas décadas iniciais do século XX, o Instituto oferecia além da instrução literária, o ensino profissionalizante. A terminalidade dos estudos estava condicionada à aprendizagem de um ofício. Os alunos frequentavam, de acordo com suas aptidões, oficinas de sapataria, alfaiataria, gráfica, marcenaria e também artes plásticas. As oficinas de bordado eram oferecidas às meninas que frequentavam a instituição em regime de externato. Por muito tempo o trabalho realizado na gráfica do Instituto, pelos surdos, foi referência no Rio de Janeiro recebendo encomenda de encadernação de quase todas as instituições públicas e particu-

lares nas primeiras décadas da República. As questões relativas ao ensino para alunos surdos sempre foram objeto de muita polêmica, situação essa agravada pelos resultados do Congresso realizado em Milão em 1880, os quais indicaram a aquisição de linguagem oral pelos surdos como o modo mais adequado de educá-los. Essa indicação foi muito criticada por alguns professores e alunos que reconheciam a importância e a legitimidade da comunicação sinalizada. A principal crítica que se fazia aos processos de aquisição de língua oral era de que ela demandava um tempo enorme de treinamento da fala e dos resíduos auditivos, concorrendo com a escolarização formal que ia sendo abandonada pela importância que era dada à expressão pela palavra oral. Os incipientes resultados dessa perspectiva para a educação dos surdos, que demandavam ensino público de massa, estimularam o surgimento, em meados da década de 80, do século XX, de um movimento transnacional, contando com acadêmicos, profissionais da área da surdez e dos próprios surdos no sentido de apontar outros caminhos para a sua escolarização e socialização. Com apoio de pesquisas realizadas na área da linguística que conferiu status de língua à comunicação gestual entre surdos, esse movimento ganha corpo. Já no final dos anos 80, no Brasil, os surdos lideraram o movimento de oficialização da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Em 1993, um projeto de Lei da então senadora Benedita da Silva deu início a uma longa batalha de legalização e regulamentação da LIBRAS, em âmbito federal. Atualmente além de oferecer no seu Colégio de Aplicação, Educação Precoce (de zero a três anos), Ensino Fundamental e Médio, oferece também Ensino Superior através do Curso Bilíngue de Pedagogia, experiência pioneira na América Latina.

Unidade 5 - Atividade 2

Relato Histórico - Santa Teresinha

O Instituto Santa Teresinha, fundado em abril de 1929, na cidade de Campinas estado de São Paulo, pelas Irmãs da Congregação de Nossa Senhora do Calvário. Teve como pioneiras duas religiosas francesas: Madre Luiza dos Anjos e Irmã Maria São João e duas brasileiras: Irmã Suzana Maria e Irmã Madalena da Cruz.

Em 18/03/1933, transferiu-se para São Paulo. Onde até então não existia nenhuma escola particular para surdos .

Inicialmente a escola funcionou em regime de internato exclusivamente para meninas. A escola atendia alunas de diferentes regiões do país.

Até a década de 1990, o IST, adotou o método oral na educação dos surdos. Nas salas de aula foram instalados equipamentos destinados a reeducação auditiva. A partir dessa época a escola passou a desenvolver o bilinguismo que ainda é utilizado hoje na proposta pedagógica.

Unidade 5 - Atividade 4

Biografia - Ernest Huet

Ernest Huet foi um importante personagem na história da educação dos surdos.

Nascido no ano de 1822 em Paris, na França, perdeu a audição aos doze anos em decorrência de sarampo.

De família nobre, era Conde. Em 1851, casou-se com Catalina Brodeke, dama alemã, e emigrou para o Brasil.

Em 1854 nasceu sua primeira filha, Maria e, em 1856 nasceu seu filho Pedro Adolfo, afilhado do Imperador do Brasil, Dom Pedro II.

Com o apoio do Imperador Dom Pedro II fundou em 26 de setembro de 1857 o Instituto Nacional de Surdos Mudos do Rio de Janeiro, atual INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos. Na época, o Instituto era um asilo, que recebia apenas surdos do sexo masculino. Esses surdos eram originários de todo o Brasil, sendo que muitos

eram abandonados pelas famílias. Brilhantemente reestruturou a escola onde exerceu a função de diretor e professor.

Em 1865, o Presidente do México convidou o Professor Ernest Huet, a ir à Cidade do México a fim de organizar e dirigir uma escola para Surdos, oferecendo-lhe plenas condições para realizar tal tarefa. Assim, Ernest Huet partiu para o México.

Unidade 5 - Atividade 5

Biografia - Charles Crawford (Chuck Baird)

Chuck Baird é um artista surdo, nascido nos EUA em 1947. Desde criança compreendeu sua identidade surda, pois a ASL - American Sign Language era a língua usada diariamente por sua família, pois Chuck tinha mais 2 irmãos surdos. Coursou a Escola para Surdos entre os anos de 1951 e 1967 e, aos treze anos ganhou um concurso de pintura. Concluídos seus estudos foi para Washington para ingressar na Gallaudet University, uma universidade só para surdos.

De 1969 a 1974 estudou artes no Instituto de Tecnologia Rochester e seus trabalhos passaram a ser admirados.

Baird foi professor de escola para surdos, coreógrafo, fotógrafo e contador de histórias.

Um de seus melhores trabalhos ocorreu em 1989 no Teatro Nacional para Surdos onde desempenhou o papel de pintor e, durante o espetáculo, pintava folhas em branco diante da plateia.

Sua pintura apresentou várias fases sem nunca abandonar cor, luz e sombra que são marcas de seu trabalho. O uso de imagens duplas ou triplas decompondo os sinais em American Sign Language, usando configuração de mão, localização, movimento e orientação é outra particularidade de sua obra que representa distintos modos dos surdos viverem a vida.

Unidade 7 - Atividade 3

Fogo-fátuo

Fogo-fátuo é a inflamação espontânea do gás dos pântanos (metano, CH₄), resultante da decomposição de seres vivos: plantas e animais típicos do ambiente. Quando um corpo orgânico começa a entrar em putrefação, ocorre a emissão do gás fosfina (PH₃). Os fogos-fátuos são produtos da combustão da fosfina gerados pela decomposição de substâncias orgânicas, ou a fosforescência natural dos sais de cálcio presentes nos ossos enterrados. Muitos que avistam o fenômeno tendem a evacuar o local rapidamente, o que, devido ao deslocamento do ar, faz com que o fogo-fátuo mova-se na mesma direção da pessoa. Tal fato leva muitos a acreditar que o fenômeno se trata de um evento sobrenatural, tais como espíritos, fantasmas, dentre outros.

Unidade 7 - Atividade 4

O Rabo da Lagartixa

Difícilmente vamos encontrar uma lagartixa sem a cauda. Muita gente já deve ter ouvido falar com quando uma lagartixa perde o rabo, ele crescerá novamente. Assim como a grande maioria dos lagartos, a lagartixa tem um mecanismo de autodefesa que a permite soltar o rabo quando se sente ameaçada por predadores. Ela o faz com o objetivo de distrair o animal enquanto foge para um local seguro. Essa capacidade é chamada de autotomia caudal e ocorre em outros animais, como insetos, crustáceos e répteis. Esse mecanismo poderá repetir-se mais de uma vez provocando a cauda fique cada vez menor. Quando a cauda é cortada ou quebrada sem essa finalidade específica, é possível que ela não cresça novamente dependendo da região em que foi cortada ou quebrada.

ANEXO 1 - Jogo lógico e linguístico: Baralho 1.

 Rafael	
	 Juliana
	

	
--	---

 Isabela
--

ANEXO 2 - Jogo lógico e linguístico: Baralho 2.

 Lucas	 erick
 Ana	
	

	
--	---


--

ANEXO 3 - Jogo lógico e linguístico: Baralho 3.

 José	
 Ronaldo	 Cristina
 Amanda	

	
 Tucuruvi	 Santa Cruz
 Santo Amaro	 Mooca

ANEXO 4 - Fichas para debate - Eros e Psiquê.



